



## ORÇAMENTO DEMOCRÁTICO

# PB aplica R\$ 900 mi em obras prioritárias para a população

Recursos utilizados nos últimos três anos foram frutos do mecanismo de participação social no estado. **Página 13**

## Masculinismo ameaça luta contra a desigualdade de gênero no país

Discursos com embasamentos espirituais e motivacionais reforçam o papel do homem de forma superlativa, ajudando a promover visões de mundo hierárquicas e misóginas.

**Página 7**

## Despesas com transporte comprometem a renda das famílias

Gastos com combustível, seguro e impostos tornam mais difícil o sonho do carro próprio. Avaliar se a compra vale a pena é o tema da segunda reportagem da série Custo de Vida.

**Página 17**

Foto: Divulgação/Lucas Monteiro



## Clima junino chega aos municípios e contagia paraibanos de todas as regiões

Festejos realizados do Brejo ao Cariri reúnem amantes do forró, da culinária típica e das tradições, que fazem o mês de junho um dos mais aguardados do ano.

**Página 8**

## Bob Dylan Especial 85 anos



## Poeta do folk segue ativo, com obra atemporal

Considerado um dos maiores nomes da música popular ocidental, o artista continua inquieto, com um trabalho que provoca e encanta gerações.

**Páginas 33 a 36**

## Pensar



## Outrofobia é rejeição à diversidade

Reportagem especial reflete sobre a superação de preconceitos, numa sociedade estruturada em torno do controle e da eliminação dos diferentes.

**Páginas 29 a 32**

## Novas regras esclarecem e ampliam proteção para pacientes

Estatuto organiza direitos e deveres, tornando a relação entre usuários, profissionais e serviços de saúde mais clara e menos suscetível a diferentes interpretações.

**Página 6**

## Botafogo enfrenta o Ituano mirando escapar da zona de rebaixamento

Após sequência de cinco derrotas, o time pessoense joga, amanhã, em Itú (SP), buscando a reabilitação na Série C. Partida acontece às 20h, no Estádio Novelli Júnior.

**Página 21**

■ “Era esta a API que achei de esticar as rugas dos meus olhos cansados para ver e sentir o silêncio pesado de hoje e, ao mesmo tempo, a saudade iluminada de ontem. Que fazer então?”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Verso e fotografia congratulam-se no ato único da criação artística. Revelam, um complementando a outra, e vice-versa, passos da história e interstícios do entorno urbano, numa sintaxe, simultaneamente verbal e icônica.”

Hildeberto Barbosa Filho

**Página 11**

■ “Atualmente, há quem esteja completamente dependente de máquinas, seja ao não se desligar um minuto sequer do telefone celular, seja solicitando a aplicativos de IA demandas banais, como pedir uma saudação de feliz aniversário.”

Angélica Lúcio

**Página 26**

# Editorial

## Dois filmes em um

O eleitorado brasileiro não está tão apático como alardeiam alguns analistas da conjuntura política nacional. As conversas de Flávio Bolsonaro com o banqueiro Daniel Vorcaro, em torno de um suposto financiamento — mais de R\$ 134 milhões — do filme *Dark Horse*, sobre “a vida e obra” de Jair Bolsonaro, ao virem à tona, via Intercept Brasil, desequilibraram a campanha do pré-candidato bolsonarista à Presidência da República.

Há pouco mais de seis meses, a Polícia Federal deu início à Operação Compliance Zero, cujas investigações colocaram, no palco aberto à opinião pública brasileira, fatos e personagens que indicam Vorcaro como mentor do que está sendo considerada “a maior fraude contra o Sistema Financeiro Nacional já registrada no Brasil”. E não é para menos. O volume de dinheiro movimentado chega a bilhões de dólares.

Como se sabe, Vorcaro, dono do Banco Master — instituição que já é considerada por milhões de pessoas de todo o país um símbolo máximo de corrupção —, está preso. Tenta agora desvencilhar-se da teia aliciatória que teria sido engendrada por ele mesmo, com o propósito de manter sob seu controle políticos, bandidos e servidores públicos de alto escalão. Os alvos: instituições financeiras e quem se colocasse à sua frente.

O Brasil acompanha com a maior expectativa a conclusão das investigações conduzidas pela Polícia Federal e, claro, do devido processo judiciário, para ter a exata dimensão do estrago feito por Vorcaro tanto no caixa de diversas empresas do setor monetário como na reputação de muita gente que se autoproclama uma espécie de Dom Quixote, no que se refere à ética e aos compromissos com o desenvolvimento do país.

Sendo assim, a “amizade fraternal” entre Flávio Bolsonaro e Vorcaro, que os diálogos revelados pelo Intercept Brasil comprovam, pode até ser traída pelo pré-candidato, como costuma acontecer em situações análogas, mas isso não significa dizer que terá suas implicações desconsideradas pelos cidadãos e cidadãs que sonham e lutam por um país livre dos que atentam contra a plenitude do Estado Democrático de Direito.

Não se conhece a narrativa biográfica nem os efeitos visuais de *Dark Horse*, mas a revelação antecipada de alguns fatos relacionados à película indica que, muito provavelmente, o filme, caso algum dia seja concluído e venha a ser exibido, não conseguirá competir, em termos de audiência, com a história de sua produção. Nesta última, caberá à Polícia Federal revelar qual o verdadeiro papel interpretado por Flávio Bolsonaro.

## Artigo

Rui Leitão  
ruileitao@hotmail.com

### O legado dos idealistas

Algumas pessoas vêm ao mundo com uma missão a cumprir: lutar pelas causas sociais. Dedicam suas vidas ao combate à violência, às questões ambientais, à defesa dos direitos das minorias, à resistência aos preconceitos e à batalha contra as desigualdades sociais. Entram para a história por liderarem ações coletivas de caráter sociopolítico. Por isso mesmo, ganham a antipatia de outros que divergem de suas posturas em favor do bem comum.

Esses idealistas difundem ideias, valores e novas visões de mundo que exercem uma energia motivadora de luta na coletividade, assustando os que não querem perder seus privilégios e preferem manter um *status* que lhes garanta o exercício da ganância, da ambição desmedida, das injustiças, da opressão e do domínio das elites, em detrimento dos que se colocam na base da pirâmide social.

Seus discursos e práticas estarão sempre na memória do povo, mesmo que os matem ou os encarcerem. Por uma simples razão: não existem balas que assassinem ideias e conceitos, nem grades de celas que aprisionem pensamentos políticos. O grande problema é que esses ideais, esses novos pensares, assumem condições de perigo para outros, e os seus propagadores tornam-se inimigos e ameaças para suas concepções de vida. Há uma frase de Platão que diz: “A ideia que não é perigosa não pode ser chamada de ideia”. A coragem dos idealistas transforma seus divulgadores e praticantes em mártires. No entanto, a semente que plantaram continuará germinando no terreno fértil onde foi colocada.

As ideias são construções abstratas da mente. Podem até punir ou prender pessoas que as detêm ou as manifestam, mas elas continuam vivas e fortalecidas. Como diz a famosa frase atribuída a Victor Hugo: “Nada é mais poderoso do que uma ideia cujo tempo chegou”. Já testemunhamos, ao longo da história, muitas tentativas de controlar o pensamento humano por meio de sistemas de censura e controle social. No entanto, jamais conseguiram fazer desaparecer por completo as ideias levadas ao conhecimento coletivo. Porque elas não morrem. Algumas vezes são substituídas por outras mais modernas à medida que a sociedade avança. Quando ameaçadas

por regimes autoritários, conseguem sobreviver na clandestinidade, ressurgindo tempos depois. Os cárceres podem até calar um indivíduo temporariamente, mas nunca seu pensamento.

O legado, os exemplos e a memória de pessoas corajosas transcendem a própria vida. Os produtores e propagadores de ideias são medidos pelo impacto positivo e pelas sementes deixadas que inspiram e transformam vidas. Eles podem ser desafiados e até mesmo atacados, mas suas ideias nunca morrem de verdade. O mundo retém a esperança pelo coração e pelas atitudes dos idealistas. As ideias por eles plantadas nas nossas mentes fazem com que nos mantenhamos humanos num mundo que se desumaniza a passos apressados, fazendo-nos pessoas que lentamente naturalizam barbáries. São as vozes dos idealistas que nos convidam a preservar o caráter diante de tantos canalhas que conquistam o poder e nos tentam, oferecendo-nos o mesmo percurso.

Atribui-se a Voltaire a declaração que afirma: “Não concordo com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até a morte o direito de dizê-la”. É assim que pensamos os idealistas. E, por isso, são constantemente ameaçados, aprisionados e mortos. Eles enxergam o mundo não apenas como ele é, mas como deveria ser.

“

**Não existem balas que assassinem ideias e conceitos, nem grades de celas que aprisionem pensamentos políticos**

## Foto Legenda

João Pedrosa



Dobrinhas

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Vendo através da vidraça partida

Espionando por uma frincha sem mais vidraça da porta central, portão e janelas laterais fechadas, não pude deixar de sentir o bolor do nosso desprezo ou do desprezo da classe à sede da sua antiga Associação Paraibana de Imprensa, a histórica API.

Tenho parte com ela como tive com os dias de fausto ou de lances crepitantes dos seus noventa e três anos no próximo setembro. Como tenho agora, indiretamente, com esse bolor silencioso. Há dezenas de anos que não pago a mensalidade, falha que muito antes me deixava revoltado na condição de tesoureiro e noutras vezes presidente. Também não me cobram, mesmo agora que o resgate entra sutil na conta bancária do devedor.

Na fase de politização mais ardente, as ideias fervendo com a onda nacionalista que despertou o país dos anos 1950 até 1964, nessa fase passou a faltar cadeira e outros equipamentos na medida em que cresceu e propagou-se o prestígio de sua tribuna. Influentes vozes deste país e de fora vieram juntar-se às lideranças locais no pequeno auditório nacional da nossa Visconde de Pelotas. O público se apertava sem incômodo, muitas vezes usurpando da mesa a direção dos debates. Isto repercutiu muito além dos limites da classe, atraindo colaboradores independente da classe ou categoria a que pertencessem, a partir da campanha “traga a sua cadeira e venha sentar conosco”. Foram Leopoldo Pinheiro, Balduino Lélis, Antônio Tavares de Carvalho, Romero Peixoto, Luciano Wanderley, Marcos Crispim, Rui Bezerra, todos ocorrendo a nosso chamado. Ainda assim, com um auditório limitado a menos de 100 cadeiras, a entidade tornou-se pequena para o debate que irradiava

Veio o abuso armado de 1964, que teve como primeiro alvo de seu furor arbitrário a sede da API, com a prisão de alguns visionários, Adalberto Barreto à frente.

E assim, mesclado sob o pulso de uma geração pressionada pela censura, pelas restrições do regime ao exercício da profissão, pela necessidade imperiosa de um curso regular de Jornalismo, o debate e a pauta de reivindicações concentrou-se nos problemas da classe. Foi da API que nos mobilizamos para a conquista do reconhecimento universitário,

“

**Era esta a API que achei de esticar as rugas dos meus olhos cansados para ver e sentir o silêncio pesado de hoje**

numa escapatória do arbítrio levada a sério por um lutador de espírito intemorato (Linaldo Cavalcanti) impondo-se acima do autoritarismo. Tivemos com José Ferreira Ramos no Planejamento da UFPB, ele que foi um renovador da nossa imprensa, sócio da API, a pronta elaboração da proposta de criação do curso de Jornalismo.

Velha API dos meus antigos homizios! Explorando as tuas horas de silêncio (não desse silêncio dissociativo de hoje) quantas vezes, desalentado, fui buscar em Tchaikovski, naquela abertura triunfal de 1812, a esperança perdida, frustrada na busca do primeiro emprego ou de afirmação da personalidade. Para isto meu conterrâneo de Alagoa Nova, dr. Carlos Romero, num cantinho da sala, doara pequena discoteca a seu gosto, o que não era pouco.

Era esta a API que achei de esticar as rugas dos meus olhos cansados para ver e sentir o silêncio pesado de hoje e, ao mesmo tempo, a saudade iluminada de ontem.

Que fazer então? Mesmo reconhecendo o esforço do jovem presidente Marcos Wéric, foram-se, não se sabe para onde e definitivamente, o espírito associativo, as associações, os clubes sociais. Quem sabe se, disso tudo, a API não termine em museu?

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

## A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga  
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual ..... R\$ 404,25 / semestral ..... R\$ 202,12 / número atrasado ..... R\$ 4

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

UFPB E SECULT

# Parceria leva estudantes a estagiar em museus

Dois equipamentos de João Pessoa ganharam o reforço de 46 alunos de 14 cursos

Bárbara Wanderley  
 babiwanderley@gmail.com

O Museu da Cidade de João Pessoa e o Museu de História da Paraíba, ambos localizados na capital paraibana, ganharam, desde o início do mês de maio, o reforço de 46 estagiários distribuídos nos dois equipamentos. Os estudantes chegaram por meio de um acordo de cooperação técnica firmado entre a Secretaria de Cultura da Paraíba (Secult-PB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Um dos novos estagiários é o estudante de História Gabriel Santos, que está atuando no Museu de História da Paraíba, localizado no antigo Palácio do Governo, no Centro de João Pessoa. “Eu estou achando uma experiência muito legal, muito divertida. É muito gratificante poder difundir essa história da Paraíba para a população no geral. Tem muito a ver com o meu curso. A área de história da Paraíba é uma área do meu interesse e eu acredito que estar no museu é uma oportunidade muito bacana, muito enriquecedora”, opinou.

A diretora do museu, Rebeca Dantas, afirmou que a parceria da Secretaria de Cultura com a UFPB é importante para fazer com que as pessoas entendam que o museu também é um espaço de pesquisa e disseminação de conhecimento. “Uma base da educação também é fazer com que os alunos tenham uma experiência prática antes de sair da universidade. Tem alguns cursos que não necessariamente a pessoa vai trabalhar dentro de um museu quando se forma, como é o curso de Teatro. Não se espera que essa pessoa trabalhe dentro de um museu, mas, dentro dessas parcerias, desses projetos de extensão, essas pessoas conseguem também entrar num mundo diferente, que é o museu”, disse.

Puderam concorrer às bolsas de estágio os estudantes regularmente matriculados em cursos da UFPB compatí-



O Museu de História da Paraíba (acima) e o Museu da Cidade (ao lado) reúnem acervos históricos e culturais

veis com as áreas de atuação, como História, Artes Visuais, Pedagogia, Arquitetura, Arquivologia, Biblioteconomia, Jornalismo, Rádio e TV, Cinema, Comunicação em Mídias Digitais, Relações Públicas, Música, Teatro e Dança, observadas as diretrizes institucionais da política de extensão universitária e os termos do edital.

No Museu da Cidade de João Pessoa, a estudante Gabrielly Kawany, do curso de Jornalismo, também vem aproveitando ao máximo a oportunidade. “Eu sou estudante de Comunicação, então para mim foi e é um verdadeiro presente de estar completamente ligada a isso. Todos os dias que eu estou aqui, no museu, eu sempre dou uma revisitada, fico lendo a história da Paraíba, lembrando o que a gente viu na escola e também o que a gente contempla nos nossos estudos no dia a dia, que é parte da história da nossa cidade e como é que ela se movimentou”, disse.

O diretor do Museu da Cidade, Iam Pontes, celebrou a iniciativa e a chegada de 23 estagiários para o equipamento. “Esses estudantes, oriundos de dis-

tintos cursos da UFPB, não apenas trazem consigo um vasto conhecimento, mas também um entusiasmo contagiante, que contribuirá para a dinamização de nossas atividades e o fortalecimento do vínculo com o público. Sua atuação nas áreas de mediação cultural, conservação preventiva, produção cultural e comunicação será imprescindível para aprimorar a experiência dos visitantes, transformando o museu em um es-

paço ainda mais acessível e envolvente”, avaliou.

Ele ressaltou também a importância da experiência para os próprios estudantes. “Esta iniciativa proporciona uma formação prática inestimável, permitindo que os alunos apliquem suas teorias em um contexto real, enriquecendo, assim, suas trajetórias profissionais. Estamos ansiosos para testemunhar as inovações que emergirão dessa colaboração frutífera”, disse Iam.

## Saiba Mais

■ **Museu da Cidade de João Pessoa:** Localizado na Praça da Independência, ao lado da Casa do Artista Popular, funciona de terça-feira a domingo, das 9h às 16h30, com entrada gratuita. O local possui estacionamento próprio e, para visitas de grupos com mais de 10 pessoas, é necessário agendamento prévio. Além das exposições, também é possível assistir a curtas-metragens paraibanos no local, sendo que o curta em cartaz muda a cada mês.

■ **Museu de História da Paraíba** Localizado no Palácio da Redenção, na Praça João Pessoa, também conhecida como “Praça dos Três Poderes”, no Centro, exerceu a função de Palácio de Governo até 2021, quando começou a passar por reforma para se tornar museu. O local reúne o acervo histórico, político e cultural do estado. Funciona de terça-feira a domingo, das 9h às 17h, sendo que, nos horários das 9h, 11h, 13h e 15h, há visitas guiadas.

## Cinco décadas de produção na museologia

O coordenador de Extensão Cultural da UFPB, Alexandre Santos, lembrou que a instituição tem uma longa trajetória no campo dos museus. “As primeiras instituições museais do estado da Paraíba são oriundas da UFPB, a exemplo da pinacoteca e do núcleo de pesquisa e documentação da cultura popular. São cinco décadas de produção na área da museologia, além de inúmeras unidades museais criadas. Com isso, este acordo de cooperação técnica aproxima a UFPB e a Secult em prol dos museus paraibanos. A oportunidade de se ter, no Museu de História da Paraíba e no Museu da Cidade de João Pessoa, 46 discentes de 14 cursos, compondo uma equipe multidisciplinar, demonstra a potência

desta parceria”, comentou.

Ele também destacou que a parceria beneficia ambos os lados. “A partir deste acordo de cooperação técnica, esperamos que os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências no âmbito das instituições museais, tais como a mediação dos públicos, a conservação dos acervos, a produção das ações culturais ofertadas e a comunicação e divulgação dos museus aos mais diversos públicos. Essas são experiências transformadoras que qualificam esses estudantes como futuros profissionais das suas áreas de formação, assim como qualificam os museus por agregarem, em sua estrutura e composição, estudantes e pesquisadores de diversas áreas, com-

pondo uma equipe multidisciplinar, assim como se permitindo receber o conhecimento técnico, teórico e prático que esses estudantes vêm acumulando em sua formação”, concluiu.

Já o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santos, afirmou, na época do lançamento do edital para os estudantes, que a iniciativa, além de qualificar profissionais do campo museológico, também fortalece o funcionamento dos museus. “Com essa presença, nós ampliamos a capacidade de atendimento, qualificamos as ações educativas e organizamos melhor os processos internos. É uma iniciativa que melhora o serviço prestado à população e forma profissionais já conectados com a realidade dos

nossos equipamentos culturais. Ganhamos em estrutura, em continuidade das ações e em capacidade de desenvolver políticas culturais mais consistentes no estado”, pontuou o secretário.



**Com essa presença, nós ampliamos a capacidade de atendimento e qualificamos as ações educativas**

Pedro Santos

# Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## O último gênio

Neste domingo, 24 de maio, Robert Allen Zimmerman, para sempre Bob Dylan, completa 85 anos. O número já é solene, mas, diante dele, a palavra mais desgastada do nosso tempo volta a pedir passagem: gênio.

Nós a esvaziamos. Chamamos de gênio o empreendedor que cria um aplicativo para entregar marmitta, o ator que decora falas com sotaque, o influenciador que viraliza com uma dancinha. A palavra virou moeda podre, troféu de participação para uma era que não suporta a ideia de que a grandeza dói. Mas então chega Dylan, e o termo recupera o peso, a aspereza, a estranheza.

Porque gênio, em Dylan, não é apenas a façanha técnica. Claro, ele reescreveu a canção popular como um poema ambulante, fundiu o folk à eletricidade num ato de traição que a turba do Newport Folk Festival nunca perdeu — e que a história agradeceu. Levou o Nobel de Literatura com uma naturalidade ofensiva aos que acham que letra de música é um gênero menor. Mas isso é só o brilho superficial.

O verdadeiro gênio dylaniano é humano, sujo, contraditório. Ele nunca foi confortável. Fez canções de protesto e as abandonou quando o protesto virou moda. Virou cristão, virou judeu de novo, trocou de pele como quem troca de camisa. Deu entrevistas obscuras, respondeu perguntas com silêncio ou sarcasmo e, no palco, durante décadas, massacrrou seus próprios clássicos, regravando “Like a Rolling Stone” em tempos irreconhecíveis, como se dissesse:

o passado não me possui, o gênio não é um cofre.

É aí que a profundidade se revela. Gênio, para Dylan, é o oposto do virtuosismo limpo. Sua voz sempre soou como cascalho na laringe, suas gaitadas são tortas, e ele já errou acordes mais vezes que muitos amadores. A genialidade não está na perfeição, mas no assombro. Ele canta como alguém que viu o fundo do poço e decidiu rir dele. Suas letras são labirintos onde você entra procurando uma resposta política e sai com uma ferida existencial.

Num tempo que fabrica ídolos descartáveis, Dylan resiste como uma árvore retorcida. Ele não nos agrada, não nos consola, não faz o que esperamos. Aos 85, ainda lança discos de blues enrugado, ainda pega a estrada como um velho Saltimbanco apocalíptico. Ele personifica a verdade que a indústria do entretenimento esconde: o gênio não é uma linha reta para o sucesso, mas um desvio permanente para dentro do abismo.

Ao chamar qualquer porcaria de genial, trocamos a profundidade pela velocidade. Dylan nos lembra que gênio é o cara que, em meio ao barulho ensurdecedor do mundo, para e escreve: “Não estou fingindo, estou sangrando”. É aquele que envelhece sem pedir licença, desafina de propósito e, com isso, afina a nossa alma.

Parabéns, Bob. E obrigado por ainda fazer a palavra “gênio” doer no peito — exatamente como deve ser.

Foto: Chris Pizzello/Divulgação



Bob Dylan completa 85 anos em plena atividade

Colunista colaborador

Foto: Leonardo Ariel



# Vanda Menezes

Secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana

## “Já assistimos mais de cinco mil mulheres e não perdemos nenhuma por feminicídio”

Em entrevista, gestora detalha trajetória e os compromissos com as políticas públicas de assistência feminina no estado

Iris Machado  
irmschdo@gmail.com

Primeira secretária de Estado da Mulher do Brasil, em Alagoas, Vanda Menezes começou a luta nos movimentos de justiça social ainda jovem. Psicóloga, perita criminal e policial civil aposentada, ela participou da fundação da primeira entidade negra alagoana, a Associação Cultural Zumbi, em 1979, e se tornou a primeira mulher negra a liderar um sindicato da Polícia Civil no país, no ano de 1994. Trabalhou no estabelecimento prisional feminino Santa Luzia, na capital Maceió, de onde a transferiram por promover debates sobre cidadania, direitos das mulheres e questões raciais entre as detentas, e atualmente integra a Coalizão Negra por Direitos. Hoje, ela retorna à coordenação das políticas públicas de assistência feminina como gestora da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh-PB) e discute a atuação da pasta em entrevista ao jornal **A União**.

## A entrevista

■ Como a primeira secretária da Mulher do Brasil, qual o sentimento de retornar à gestão da pasta, agora na Paraíba?

É um prazer enorme, mas uma responsabilidade enorme também. Muito prazer, principalmente porque, como feminista, a gente sempre pensa no ideal. Estar aqui e ver o que Lídia Moura e sua equipe construíram é uma coisa esplendorosa para nós, mulheres, que trabalhamos essas pautas. Ter órgãos como esse é uma conquista de todas as mulheres no país. É um sentimento de muita alegria voltar à gestão, especialmente na Paraíba, porque é um lindo estado, senão o estado em que a política para as mulheres mais deu certo e engloba toda a diversidade humana.

■ A senhora tem uma trajetória marcada pelo engajamento no feminismo e no movimento negro. Como essa experiência molda sua atuação, hoje, à frente da secretaria?

Olha, eu acho que, se não fosse o feminismo, se não fosse o movimento negro, eu não estaria aqui. Se você me perguntar como seria a minha vida sem essas duas vertentes, eu não sei dizer o que seria. A minha pauta é realmente os direitos humanos, a justiça social, mas a partir do feminismo e da questão negra. Eu entro aos 18 anos no movimento negro, no movimento feminista, que me dão toda essa capacidade de ver o mundo de forma diferente, de saber que a gente pode fazer diferente. Tudo isso são coisas que agregaram minha vida. Eu trabalhei em um presídio feminino por oito anos, quando eu entrei na Polícia Civil como agente de polícia. Foi uma experiência fantástica trabalhar com aquelas mulheres. É preciso dizer que eu fui expulsa de todos os lugares na polícia, né? Fui expulsa do presídio, fui expulsa da Delegacia da Mulher, até que eu chego a ser perita criminal e lá não tinha como. Eu me especializei em *doppler* endoscópico, mas lá a gente é clínico geral, então eu trabalhava muito. Nos plantões, eu via de tudo. Passei 30 anos na polícia, passei quatro anos e meio na gestão como secretária da Mulher, passei pelo sindicato, fui presidenta do sindicato da polícia... Tudo isso me deu muita experiência, com companheiros, a maioria homens, para trazer a pauta dos direitos humanos. Essas expulsões ocorreram muito por conta

disso. Eu trabalhava com as mulheres, os direitos delas e, na época, nos anos 80, isso era muito difícil. Mas o viés dos direitos humanos nunca me deixou. É engraçado: quando eu fui secretária [em Alagoas], eu fui homenageada pela Polícia Civil, então valeu a pena todo o trabalho. Aprendi demais com a polícia, ao saber que a gente pode fazer uma polícia diferente, uma polícia que realmente sabe quem paga o nosso salário é a população e que a gente precisa tratá-la bem, que a gente precisa dar segurança e não medo. Eu sei que isso é possível. E sei porque estive lá. E sei que quem se desviou dessa missão representa muito pouco, em comparação com a maioria, que é fantástica, que dá a sua vida para cuidar do outro na segurança pública.

■ A senhora já contribuía com a Semdh. Quais projetos tiveram o seu envolvimento?

Eu fiz muitas capacitações na questão de gênero e raça e, por último, atuei na consultoria para a elaboração do Museu da Diáspora Negra e do Museu das Etnias Paraibanas. Foi muito interessante e muito valioso, porque a gente conseguiu visitar muitos municípios, onde há quilombos, ciganos e indígenas. Também visitamos terreiros. Foi muito rico e me deu tranquilidade para seguir esse trabalho. A gente pretende, em novembro, estar com o museu aberto à população.

■ Na sua visão, quais são as maiores preocupações da secretaria?

O grande desafio que nós temos aqui — apesar de que a Paraíba tenha reduzido em 40% o total de feminicídios [entre o primeiro quadrimestre de 2026 e o mesmo período de 2025] — é que as mulheres saibam que nós existimos e que elas devem denunciar quando estiverem sofrendo, quando estiverem em situação de violência. A gente ainda tem esse desafio. E, claro, as mulheres precisam se fortalecer para fazer isso. Mas eu aproveito para dizer que nós temos centros de referências que vão acolhê-las com uma equipe multidisciplinar, com psicólogos, advogados e assistentes sociais, que vão apoiá-las, explicá-las o que significa as violências e que elas podem sair desse círculo. Porque esse equipamento serve para isso, para dar esse suporte

às mulheres que estão em situação de violência, para que elas tenham tranquilidade de chegar na delegacia, que não é um espaço que tem todo esse aparato, que a gente chama, para fazer o boletim de ocorrência. Nós acompanhamos tudo isso.

■ Nesses casos, as subnotificações ainda representam um alerta?

Sabemos que ainda há subnotificação. As mulheres não vão denunciar e elas têm diversos motivos: a situação financeira e afetiva e o medo de ser agredida novamente, depois da denúncia. Mas a gente está muito feliz com os resultados, apesar de que, enquanto uma mulher for violentada ou assassinada, vamos nos sentir derrotadas. Saber que a nossa secretaria chegou nesse patamar nos orgulha muito. Eu cheguei há um mês, mas Lídia Moura e a equipe trabalharam durante todos esses anos. Uma queda de 33 para 20 no número de feminicídios pode parecer pouco para algumas pessoas, mas, para a gente, é muito grande. É saber que estamos no caminho certo. Que a Patrulha Maria da Penha, ativa em 151 municípios, está fazendo um trabalho fantástico. Já assistimos mais de cinco mil mulheres e não perdemos nenhuma por feminicídio. Para essas mulheres, que especificamente estão com medidas protetivas, a gente garante que os algozes não estejam por perto. Nunca perdemos uma mulher. Isso nos causa muito orgulho, e eu sei que é essa política que faz com que o feminicídio tenha esse déficit. A gente trabalha de uma forma muito integrada. A gente sabe, por exemplo, que a maioria dos feminicídios são de mulheres negras. E temos uma gerência que trabalha isso. Temos um entrelace que forma não só os nossos mecanismos, mas principalmente parceiros do Estado. Policiais militares, bombeiros, a Polícia Civil, a Polícia Rodoviária Federal e a Polícia Federal. Isso é muito importante, porque essas formações fazem parte da própria Lei Maria da Penha e a gente, no estado, tem conseguido fazer isso.

■ Nesse quesito, a secretaria ampliou o projeto de interiorização, com a Patrulha Maria da Penha, em Patos, e o Centro de Referência de Cajazeiras. Já é possível perceber resultados positivos a partir da implementação desses serviços?

A gente já sente que as mulheres ficaram mais seguras. Apesar de ser uma coisa específica, da medida protetiva, saber que existe um mecanismo de defesa naquele lugar já dá proteção às mulheres e freia os agressores. Isso é muito importante, o simbolismo do espaço que você tem, com as três Delegacias da Mulher que também foram entregues [em Itabaiana, Princesa Isabel e Sapê] no 8 de março deste ano. Tudo isso representa mecanismos que aumentam a segurança do país.

■ Quais ações a senhora considera fundamentais para avançar nessa agenda, não só de proteção, mas também de inclusão social?

Temos o Empreender Mulher, que prioriza as mulheres que estão

em situação de violência, mulheres egressas do sistema prisional e mulheres em vulnerabilidade social. O Empreender não só empresta o recurso, mas também capacita essas mulheres para o empreendedorismo e também em gênero, raça e violência contra a mulher. A gente consegue trabalhar essas mulheres de forma ampla. O projeto também está interiorizado, em diversos municípios da Paraíba. Temos visto o quanto essa interiorização tem dado resultado. Depois que nós entramos no Empreender, conseguimos aumentar em 452% o investimento. Só da secretaria, foram R\$ 15 milhões que conseguimos destinar às mulheres, com créditos que vão de R\$ 1,5 mil a R\$ 15 mil. Essas mulheres têm feito coisas fantásticas para ter do que viver e muitas vezes quebrar o ciclo da violência. Nós conseguimos empoderar essas pessoas. Pessoas LGBTQIAPN+ também têm centros de referência em João Pessoa, em Campina Grande e agora em Cajazeiras. Essa segurança existe. Eles procuram os centros quando necessário e sabem que terão uma resposta. Temos uma equipe muito boa e multidisciplinar. A gente percebe que os nossos companheiros e companheiras que sofrem esse tipo de violência têm na secretaria um suporte, um porto seguro.

■ As plenárias do Orçamento Democrático Estadual (ODE-PB) começaram neste mês. De que forma as demandas da Semdh são incorporadas nas discussões?

Estaremos em todas as plenárias. Durante o dia, o estado todo se volta para isso, e a gente leva as questões de violência, os nossos serviços. A gente faz panfletagem, a gente conversa com a população, a gente assegura que a secretaria está à disposição para toda essa diversidade humana. O orçamento democrático é importantíssimo, porque é um espaço de escuta ativa para que a gente possa, a partir disso, programar e edificar políticas públicas.

■ Recentemente, a secretaria participou do encontro sobre políticas de cuidado na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), no Chile. Qual a importância dessa adesão e que impactos ela pode trazer?

Eu fui à Cepal com outras companheiras da América Latina exatamente porque a Paraíba é o primeiro estado do Brasil que aderiu à Política Nacional de Cuidados. Já estamos bem adiantados com o diagnóstico e temos que fazer o plano estadual. A gente sabe que existe uma pobreza de tempo, em especial para as mulheres. Nós que cuidamos. E essa política diz que a gente também precisa ser cuidada, que a gente precisa ter um autocuidado. Vou dar um exemplo. A gente cuida da família: do pai, da mãe, do sogro e da sogra, quando a gente casa, e, quando não casa, cuida dos avós. Sempre temos tempo para tudo, para os outros, e ficamos por último. Muitas vezes, a gente tem um prejuízo enorme na nossa vida, física e mental, por conta disso. Então, nós precisamos de descanso. A maioria desses cuidados não são

remunerados, são cuidados que nos impuseram nessa sociedade, que é patriarcal. A política de cuidado vem exatamente para lembrar que ele é preciso. Aqui, como eu falei no Chile, a gente tem, por exemplo, o programa Cidade Madura, que cuida dos idosos. A gente tem a Patrulha Maria da Penha, que cuida das mulheres para que elas tenham a segurança de que não vão ser assassinadas. A gente tem as Casas Abrigo, a gente tem centros de referência interiorizados. Temos esse cuidado com ciganos, com a população indígena e quilombola, inclusive tendo essas pessoas na nossa secretaria para trabalhar essas questões. A gente cuida de quem sofre intolerância religiosa. A coisa que eu acho importante é fazer com que o gestor compreenda. E o governador Lucas Ribeiro compreende isso, como o nosso ex-governador, João Azevêdo, também compreendeu, que a política de cuidado é necessária. Tanto que a gente tem o Dia do Cuidado, em 29 de outubro, para que as pessoas pensem sobre o assunto, que é um ponto facultativo. Lá [no Chile], eu disse que ponto facultativo no Brasil significa feriado, então a gente tem um feriado no próximo dia 29 de outubro. A gente continua. Vamos fazer esse plano ainda neste ano, de modo que o Ministério do Desenvolvimento Social [MDS] traga recursos para que essa política, junto com recursos do governo, possa ser implementada.

■ O que ainda é preciso para consolidar uma política de direitos humanos mais inclusiva no estado?

É caminhar como a gente está caminhando na conscientização da população e do governo. Se a gente tem a consciência dos governantes, dos gestores, a gente tem a vontade política. E isso a Paraíba já demonstrou que tem. É uma ação integrada que a gente faz concomitantemente para mulheres, negros, indígenas e pessoas LGBTQIAPN+. Essa questão da intolerância religiosa, que é muito forte, não só aqui, mas no Brasil inteiro... a gente trabalha para que a sociedade compreenda que a diversidade humana existe e que ela precisa ser respeitada. Eu não preciso que ninguém me goste. Eu sou uma mulher negra. Eu só preciso que as pessoas me respeitem e, assim, todos e todas que fazem parte dessa secretaria, porque ela representa a população. Nós, aqui, representamos a população paraibana. Portanto, é preciso que haja essa consciência. A gente tem esse cuidado de estar no governo, conversando com todas as secretarias.

■ Qual a principal meta que a senhora pretende alcançar durante a gestão?

Continuar o que Lídia começou. Fortalecer o legado de Lídia Moura. Não é nem uma meta, é o meu compromisso. Eu vim para cá depois de aposentada exatamente porque acredito que é possível, a cada dia, a gente fortalecer a política que Lídia implantou com a equipe que ela formou e qualificou. Esse legado é dela e eu pretendo dar continuidade de neste ano.

## PERIGO NO AR

# Poluição é maior em centros urbanos

*Materiais suspensos na atmosfera podem provocar desde irritações até câncer e doenças cardíacas e respiratórias*

Samantha Pimentel  
samanthahuniao@gmail.com

As substâncias emitidas por escapamentos de veículos automotores, alguns setores industriais e outras atividades humanas afetam a qualidade do ar e a saúde das pessoas, sobretudo em grandes centros urbanos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que 99% da população mundial respira ar poluído e estima que, a cada ano, sete milhões de mortes prematuras em todo o mundo estão relacionadas à poluição do ar. O problema pode provocar reações imediatas, como irritação nos olhos, nariz e garganta, além de, em longo prazo, influenciar no desenvolvimento de doenças respiratórias, cardíacas e alguns tipos de câncer.

Segundo a cartilha *Poluição do ar, câncer e outras doenças: o que você precisa saber?*, o ar contaminado emite um grande conjunto de agentes cancerígenos. Já em ambientes fechados, o risco está na exposição à fumaça do tabaco, às partículas originadas de materiais de construção e mobiliário, ao radônio natural — gás radioativo que emana de rochas e solos —, dentre outras fontes. O documento aponta que há, no mundo, um grande número de constituintes químicos no ar com potencial carcinogênico, os quais variam de acordo com as fontes de poluição, as condições climáticas e a topografia da região.

“A mortalidade causada pela poluição do ar é equivalente à mortalidade decorrente do uso de produtos de tabaco e superior aos casos de mortalidade associados à ingestão excessiva de sal. Em todo o mundo, estima-se que a poluição do ar é responsável por cerca de metade das mortes infantis por pneumonia, o equivalente a 570 mil mortes de crianças menores de cinco anos. Essas mortes estão associadas à poluição em ambientes externos, internos e à exposição ao fumo passivo”, destaca a cartilha. Ainda conforme a publicação, lançada, em 2021, pelo Ministério da Saúde (MS) e pelo Instituto Nacional de Câncer (Inca),



Foto: Carlos Rodrigo

Veículos que funcionam à base de diesel estão entre os principais emissores de poluentes

a exposição crônica à poluição do ar pode aumentar o risco de câncer de pulmão de 20% a 30%.

De acordo com Luciana Alves da Nóbrega, professora de Química e doutora em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sempre existem poluentes na atmosfera. Porém, quando eles ultrapassam as concentrações estabelecidas pela legislação, as quais variam de acordo com o material analisado, isso pode

causar sérios danos à saúde e ao meio ambiente.

“Mesmo o ar aparentemente limpo pode conter partículas e substâncias gasosas que prejudicam a saúde. Então, a qualidade do ar ruim afeta a qualidade de vida da população, e isso acontece mais nos grandes centros urbanos, atingindo principalmente o sistema respiratório. O problema também pode causar outros impactos, como cardiovasculares e até neurológicos. E existem alguns

efeitos também imediatos, como tosse, cansaço, dores de cabeça, crises alérgicas e agravamento naquelas pessoas que já têm problema de asma”, alerta.

A pesquisadora também explica que alguns públicos podem ser mais sensíveis aos efeitos da poluição, como crianças, gestantes, pessoas idosas, asmáticas ou com doenças respiratórias ou cardiovasculares. “A exposição contínua ao ar poluído funciona como uma agressão

silenciosa ao organismo em longo prazo. E quem mais polui, na verdade, são os veículos automotores, até mesmo pela sua quantidade, principalmente os que queimam diesel, como caminhões e ônibus, que costumam emitir uma grande quantidade, sobretudo, de material particulado”, afirma Luciana.

Segundo ela, além dos poluentes gasosos, há, na atmosfera, partículas microscópicas, as quais são facilmente inaladas pelas vias respiratórias. “Elas conseguem penetrar profundamente os pulmões e atingir, dependendo do tamanho da partícula, a corrente sanguínea”, comenta.

### Substâncias

O chefe da Divisão de Controle da Poluição da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Rhafael Cainã Santos de Melo, aponta para o perigo do monóxido de carbono, um dos principais poluentes que afetam a qualidade do ar. “Esse gás tóxico compromete o transporte de oxigênio no sangue ao se ligar à hemoglobina, podendo causar desde tonturas e mal-estar até casos graves de asfixia. Já os óxidos de nitrogênio, especialmente o dióxido de nitrogênio, pos-

suem elevada toxicidade e podem causar irritação nas vias respiratórias, ardência nos olhos e danos pulmonares. Em níveis elevados, podem provocar insuficiência respiratória. Além disso, esses compostos também contribuem para a formação de ozônio troposférico e para processos de degradação ambiental”, esclarece.

Rhafael ressalta que, além da saúde humana, a poluição atmosférica também atinge o meio ambiente, trazendo consequências como alterações climáticas, degradação da vegetação, acidificação de solos e de corpos d’água, prejuízos à fauna e aos ecossistemas urbanos e naturais. O chefe da Divisão de Controle da Poluição da Sudema evidencia, ademais, a importância das indústrias e das queimadas como influenciadoras da poluição atmosférica. “No caso da Paraíba, embora o estado não possua um perfil fortemente industrializado, há influência significativa da atividade sucroalcooleira. A queima da palha da cana-de-açúcar e do bagaço utilizado em caldeiras pode emitir poluentes como material particulado, óxidos de nitrogênio, dióxido de enxofre e monóxido de carbono”, explica.

## Chegada do inverno aumenta risco de chuvas ácidas

Durante o inverno, especialmente nas regiões onde ele é mais rigoroso, a poluição atmosférica tende a se intensificar. Isso se dá por causa da ocorrência mais frequente da inversão térmica. Geralmente, o ar quente que está próximo à superfície sobe e permite a dispersão dos poluentes na atmosfera. Na inversão térmica, contudo, uma camada de ar quente permanece acima de uma camada de ar frio próxima ao solo, impossibilitando a circulação do ar.

“Esse fenômeno ocorre principalmente durante as madrugadas e nas primeiras horas da manhã, sendo mais comum em períodos de temperaturas mais baixas e me-

nor circulação atmosférica. Como consequência, os poluentes ficam concentrados próximos à superfície, aumentando os riscos à saúde da população e reduzindo a qualidade do ar, especialmente em áreas urbanas com grande fluxo de veículos e outras fontes emissoras”, afirma Raphael Melo.

Luciana Nóbrega ressalta que, em nossa região, o fenômeno ocorre de forma diferente, uma vez que o inverno é bastante chuvoso. “A chuva funciona como uma espécie de lavagem, limpando a atmosfera. Quando chove, muitas partículas suspensoas no ar acabam sendo carregadas para o solo, diminuindo os níveis de concen-

tração dos poluentes [na atmosfera]”, explica.

Há, todavia, um perigo nessa interação entre a chuva e determinados poluentes. A queima do diesel, por exemplo, libera dióxido de nitrogênio e dióxido de enxofre no ar. Ao reagir com a água, tais componentes dão origem ao ácido sulfúrico e ao ácido nítrico, substâncias que afetam os rios e lagos, podendo torná-los mais ácidos. “Inclusive, se eles reagirem com a chuva na atmosfera, formam a chamada ‘chuva ácida’”, pontua a professora.

Como forma de mitigar o problema da poluição atmosférica, Luciana defende que políticas públicas são es-

senciais. “Para reduzir realmente os níveis de emissões, temos que reduzir o uso de carros e usar mais transporte coletivo. Então, precisamos ter investimento em transporte coletivo, ou em outros tipos de transporte alternativo, como bicicletas. Inclusive, quanto aos veículos, é importante fazer a manutenção adequada também”, orienta.

Ela também destaca que é necessário combater queimadas e investir em maior arborização dos espaços, já que as árvores ajudam a diminuir os níveis de poluição na atmosfera. Até por isso, quem reside em áreas rurais, com menos fluxo de trânsito e mais áreas verdes,

costuma ser menos afetado pela poluição do que quem vive ou circula diariamente em grandes centros urbanos ou nas margens de rodovias.

“Quando falamos da qualidade do ar, falamos de poluição ambiental. Eu sei que é uma questão de meio ambiente, mas hoje, no nosso século 21, isso é um problema de saúde pública”, alerta a professora e pesquisadora. Ela discorre, ainda, que a poluição atmosférica pode ser silenciosa, o que a torna mais difícil de ser evitada, já que a população é atingida diariamente pelo simples fato de respirar. Por isso, se nada for feito, a situação pode chegar a níveis insustentáveis.

## Monitoramento da Sudema comprova benefício da arborização

Desde 2021, a Sudema vem estruturando a rede de monitoramento da qualidade do ar no estado da Paraíba, com foco inicial na avaliação da concentração de material particulado atmosférico. Para isso, vêm sendo utilizados dois tipos de sensores: um destinado, em especial, ao material particulado (MP) — minúsculas poeiras, fumaças ou líquidos em suspensão no ar — e outro que monitora simultaneamente MPs e partículas totais em suspensão (PTS) — categoria que engloba todas as partículas, independentemente do tamanho. “O monitoramento é realizado em diferentes escalas es-

paciais, contemplando tanto áreas de bairro quanto regiões urbanas mais amplas, permitindo compreender o comportamento dos poluentes em diferentes contextos ambientais”, explica Rhafael.

Segundo ele, o trabalho segue as orientações do Ministério do Meio Ambiente para regiões que estão estruturando suas redes de monitoramento. “Em relação aos limites toleráveis, a legislação brasileira utiliza como referência os parâmetros estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde [OMS]. Esses valores indicam concentrações abaixo das quais os riscos à saúde são reduzidos.



Foto: Divulgação/Sudema

Sensores detectam materiais suspensos na atmosfera

No entanto, a própria OMS reconhece que não existe um nível absolutamente isento de risco, motivo pelo qual os parâmetros vêm sendo atualizados e reduzidos à medida

que novas evidências científicas são produzidas. A atualização mais recente, publicada em 2021, reduziu significativamente os valores-guia de diversos poluentes atmosféri-

cos, reforçando o alerta sobre os impactos da poluição do ar na saúde humana”, expõe.

Para Rhafael, as áreas verdes em meio às cidades atuam como uma barreira natural capaz de reter parte do material particulado presente no ar. Estudos preliminares desenvolvidos pela equipe técnica da Sudema demonstraram esse efeito na prática. “Inicialmente, um equipamento de monitoramento foi instalado nas proximidades da Avenida Pedro II, em João Pessoa, onde registrou determinados níveis de material particulado. Posteriormente, o sensor foi reposicionado em uma área mais próxima da vegetação, no in-

terior do parque, onde houve redução significativa das concentrações registradas, indicando a atuação da vegetação como filtro natural dos poluentes atmosféricos”, detalha.

■ Níveis de poluentes verificados na Avenida Pedro II, em João Pessoa, foram maiores que os observados em área de vegetação

## NOVAS REGRAS

## Pacientes ganham mais proteção

Estatuto organiza direitos e deveres, ampliando o diálogo e a transparência na prestação de serviços de saúde

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Quando o paciente passa por uma consulta, inicia um tratamento ou é internado em um hospital, nem sempre ele sabe o que pode perguntar, exigir ou recusar diante de uma decisão clínica. É justamente isso que a Lei nº 15.378/2026, sancionada em abril, pretende mudar ao instituir o Estatuto dos Direitos do Paciente, norma que organiza os direitos e deveres de quem recebe algum tipo de cuidado nas redes pública e privada de saúde.

Com as novas regras, a relação entre usuários, profissionais e serviços de saúde tende a ficar mais clara e menos suscetível a interpretações. O estatuto reúne garantias como informação adequada, consentimento, acesso ao prontuário, privacidade e direito a acompanhante, ao mesmo tempo que reforça a responsabilidade do paciente no próprio cuidado. Já do lado dos hospitais e planos de saúde, o impacto deve aparecer na revisão das rotinas assistenciais e administrativas, na qualificação da comunicação com o público e no registro mais cuidadoso das decisões tomadas ao longo do atendimento.

“O dever de informar, o respeito ao sigilo profissional, o consentimento informado e a autonomia do paciente já eram princípios



Norma sancionada em abril assegura o direito dos pacientes de aceitar ou recusar procedimentos

consolidados na ética médica brasileira. O que a lei faz é dar unidade, força legal e maior detalhamento a esses direitos, além de ampliar as exigências documentais e assistenciais”, resume Bruno Leandro de Souza, presidente do Conselho Regional de Medicina da Paraíba (CRM-PB) e conselheiro do Conselho Federal de Medicina (CFM).

**Transparência**

Para ele, a mudança trazida pelo estatuto aponta para uma relação mais madura entre médicos e pacientes. Como ele explica, o profissional “continua responsável pela indicação científica e ética do melhor tratamento”, enquanto o paciente passa a ter voz para aceitar ou recusar procedimentos. “A autonomia do paciente não elimi-

na a responsabilidade técnica do médico, mas, agora, ele passa a ter uma participação mais explícita no processo

decisório”, destaca Bruno. Ou seja, qualquer decisão precisa ser acompanhada de diálogo e transparência, garantindo que a conduta médica se torne mais compreensível aos olhos de quem é afetado por ela.

Não à toa, essa mudança não mexe apenas com a forma como a comunicação acontece dentro do consultório, mas, também, com os protocolos institucionais e a própria rotina médica. Segundo o presidente do CRM-PB, não basta que a informação esteja disponível em um formulário, muito menos com linguagem excessivamente técnica. O paciente precisa entender o diagnóstico, os riscos, os benefícios, as alternativas possíveis e, também, as consequências de concordar, ou não, com determinado tratamento. “O médico deve adaptar a comunicação ao nível de compreensão do paciente”, observa.

Esse nível de clareza é ainda mais fundamental em situações que envolvem pessoas com maior grau de vulnerabilidade, como idosos, crianças e pacientes graves. “Casos assim podem demandar apoio de familiares,

representantes legais, intérpretes ou recursos de acessibilidade”, enumera. Além de uma comunicação efetiva, o ponto central passa a ser, aqui, a rastreabilidade da informação: o prontuário precisa demonstrar que houve, de fato, orientação adequada.

É nesse contexto que o consentimento informado, um dos direitos garantidos por lei, ganha mais peso. Embora já fosse um princípio ético, o estatuto amplia sua relevância ao torná-lo mais nítido em momentos mais sensíveis, como cirurgias, procedimentos invasivos e terapias de maior risco. Nesse sentido, Bruno chama atenção para um ponto essencial: consentir não é apenas assinar um documento. “Consentimento informado não é apenas assinatura de papel. Trata-se de um processo contínuo de informação e esclarecimento”, afirma. Na rotina dos serviços de saúde, isso significa registrar não só a autorização do paciente, mas, também, as dúvidas apresentadas, as alternativas discutidas, os riscos explicados e a livre manifestação de vontade dele ou de seu representante legal.

## Lei confere segurança jurídica em caso de descumprimento da norma

Do ponto de vista jurídico, a principal mudança está na forma como os direitos passam a ser organizados e exigidos. A advogada Bruna de Freitas Mathieson, especializada em Direito à Saúde e Tributação Médica, explica que muitas dessas garantias, como o direito de escolha do local da morte e a garantia de cuidados paliativos livres de dor, já apareciam em resoluções do CFM, nas normas da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e até no Código de Defesa do Consumidor, mas de forma muito dispersa. Agora, existe uma lei federal específica para isso, que muda, também, o peso de uma possível violação — que passa a ser classificada como situação contrária aos Direitos Humanos. “Isso confere uma segurança jurídica superior”, reforça.

Na prática, quando um paciente não é devidamente informado ou enfrenta dificuldade para acessar seu prontuário, o problema deixa de ser encarado como falha administrativa ou prática abusiva para se tornar uma violação à dignidade da pessoa. Na leitura da advogada, isso redimensiona o debate porque a vontade do paciente ganha uma proteção jurídica mais clara.

Dentre os efeitos mais imediatos da nova legislação, estão a transparência na comunicação; o direito ao acompanhante, que deixa de ser tratado como concessão e passa a ser regra; o acesso des-

burocratizado ao prontuário; o direito à segunda opinião e a possibilidade de o paciente questionar protocolos de segurança, como a higienização. Dessa forma, a ideia de que “o médico sabe o que é melhor e o paciente apenas obedece” não funciona mais nem tem respaldo legal. “O médico fornece a expertise técnica, mas o paciente fornece os seus valores e limites pessoais. Isso é fundamental”, crava Bruna.

**Realidade**

Na rotina de hospitais e clínicas, os novos parâmetros devem exigir uma revisão mais ampla dos fluxos de trabalho. A advogada aponta a necessidade de investir em compliance em saúde, treinar equipes e revisar termos de consentimento, protocolos de acompanhante e procedimentos de acesso ao prontuário. Também será preciso garantir registros mais seguros, capazes de demonstrar que o paciente teve condições reais de participar das decisões sobre o próprio cuidado.

No caso dos planos de saúde, o impacto tende a transparecer, sobretudo, nas negativas de cobertura e na demora para autorizar procedimentos. Para Bruna de Freitas, decisões genéricas ou pouco fundamentadas devem perder espaço, já que as operadoras terão de justificar suas condutas de forma mais transparente.

Mas os pacientes não tiveram apenas seus direitos re-

conhecidos. Há ainda responsabilidades em vista, como os deveres de fornecer informações verdadeiras, colaborar com o tratamento e respeitar as normas. Diante disso, os dois especialistas chamam atenção para um mesmo ponto: a legislação tenta organizar uma relação de mão dupla. “O estatuto busca uma relação equilibrada e colaborativa, e não apenas um embate de direitos”, pontua a advogada.

Já o presidente do CRM-PB, Bruno Leandro de Souza, fala em corresponsabilidade. “O médico não é obrigado a realizar procedimentos sem respaldo científico, antiéticos ou potencialmente danosos apenas porque o paciente deseja”, exemplifica. No fim, o que se espera é que, a partir de agora, médicos e pacientes dialoguem mais e ouçam com mais atenção.

“

**O médico fornece a expertise técnica, mas o paciente fornece os seus valores e limites pessoais**

Bruna de Freitas Mathieson

## PRINCIPAIS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DO PACIENTE



- **Informação:** o paciente tem o direito de receber informações compreensíveis sobre o diagnóstico, procedimentos, riscos e alternativas, incluindo procedência e dosagem de medicamentos
- **Acompanhamento:** direito a ter um acompanhante em qualquer momento do tratamento, salvo se a presença prejudicar a saúde ou segurança da própria pessoa
- **Segunda opinião:** direito de buscar um segundo parecer médico sobre sua condição
- **Participação ativa:** direito de se envolver no seu plano terapêutico e nas decisões sobre seus cuidados
- **Acesso a prontuário:** direito de ter acesso, de forma rápida e segura, ao seu prontuário médico

- **Não discriminação:** direito de ser atendido sem distinção ou restrição baseada em raça, sexo, cor, religião, renda, deficiência ou qualquer outra forma de discriminação
- **Tratamentos experimentais:** direito de ser avisado se um tratamento ou medicamento é experimental, tendo a liberdade de recusar a participação em pesquisas
- **Segurança física:** direito de questionar profissionais sobre a higienização de mãos e instrumentos, além de conferir a dosagem e procedência de medicamentos antes de recebê-los
- **Transferência segura:** a transferência para outra unidade só pode ocorrer com garantia de segurança no transporte e disponibilidade de leitos
- **Morrer com dignidade:** direito a ter cuidados paliativos e de escolher o local da morte
- **Confidencialidade:** os dados de saúde são confidenciais, mesmo após a morte



Fonte: Lei 15.378/26

Arte: Agência Câmara 07/04/26

MASCULINISMO

# Discursos reforçam desigualdade

Para especialistas, iniciativas que buscam restituir conquistas “perdidas” pelos homens são marcadas pela misoginia

Mirvan Lúcio  
 mirvanlucio.jornalista@gmail.com

As narrativas construídas a partir de ideias que destacam o homem de forma superlativa, como uma resposta às conquistas femininas dos últimos anos, são chamadas de “discursos masculinistas”. Existem, porém, divergências na forma de encarar essa construção do estereótipo masculino. Enquanto seus defensores associam o posicionamento ao que consideram como virtudes e princípios essenciais para os homens, outra parcela da sociedade relaciona esse pensamento à misoginia e ao machismo, estopins para a violência contra as mulheres.

De acordo com Paulino Júnior, professor de Direito e especialista em gênero e diversidade, os discursos masculinistas afirmam, em diferentes graus, que os homens estariam perdendo direitos, espaço social, autoridade ou reconhecimento perante a sociedade.

“Como o mundo vem se transformando e a sociedade adquirindo letramento, informação e oportunidades mais igualitárias, o discurso reacionário ressurgiu para a manutenção dos privilégios historicamente experimentados pelos homens. Isto é, há a percepção de que os papéis tradicionais masculinos

estariam sendo questionados pela emancipação feminina e pelas mudanças sociais contemporâneas”, explicou.

Isso justifica o surgimento de movimentos voltados ao fortalecimento masculino. É o caso, por exemplo, dos *redpills*, parcela do público masculino que acredita enxergar uma realidade em que os homens estão sendo manipulados e explorados pelas mulheres. O termo tem origem no filme *Matrix* (1999), em que uma pílula vermelha simboliza a descoberta da verdade e a libertação. O movimento assim intitulado defende uma postura em que eles retomem o domínio, inferiorizando-as ao posto de submissão.

Porém, o trabalho de grupos religiosos, cursos e mentorias de desenvolvimento da identidade masculina, segundo Paulino, difere-se de ideologias radicais como as de *redpills*, *incels* — sigla, em inglês, para “celibatários involuntários” — e outras comunidades misóginas.

Tais grupos utilizam linguagem espiritual e motivacional, propondo a recuperação de atributos considerados tradicionalmente masculinos, como coragem, firmeza, proteção e autoridade. Por outro lado, a lógica *redpill* defende o ressentimento contra mulheres, críticas ao feminismo e apologia a hierarquias se-

xuais. Em segmentos mais extremos, como entre os *incels*, há registros mais explícitos de misoginia e discursos de ódio.

“A literatura acadêmica sobre masculinidades aponta que, embora distintos em seus objetivos, linguagem e grau de radicalização, esses fenômenos compartilham certos elementos narrativos e simbólicos relacionados à percepção de uma suposta ‘crise da masculinidade’ contemporânea”, ressalva o professor.



Foto: Arquivo pessoal

**Há a percepção de que os papéis tradicionais masculinos são questionados pela emancipação feminina**

Paulino Júnior



Ilustração: Reprodução/Magnific

Grupos radicais, como os *redpills*, usam discursos de ódio para diminuir o gênero feminino

**Farol e forja**

Recentemente, as redes sociais foram tomadas por uma onda de reações a um anúncio feito pelo ator Juliano Cazarré. O curso intitulado “O Farol e a Forja” será, segundo o ator, o “maior encontro de homens do Brasil”, e instruirá o público masculino a partir de valores embasados em três pilares: carreira, família e espiritualidade. A iniciativa recebeu críticas de colegas de profissão.

A atriz Marjorie Estiano afirmou que Cazarré “está reproduzindo um discurso que já é ampla e profundamente difundido, enraizado e que mata mulheres todos

os dias”. Elisa Lucinda, também colega de dramaturgia, disse que o ator “está indo na contramão dos avanços do mundo. E o pior? Em nome de um Jesus nada preconceituoso. [...] Acho essa iniciativa da Forja aí um grande e preocupante delírio”.

A postagem, contudo, foi apoiada por quem compartilha da mesma visão de Juliano. Fábio Silva, que se apresenta nas redes sociais como “empreendedor e servo de Deus”, reclamou que as pessoas que reclamaram do curso estariam querendo calar os homens. “Não podemos falar mais nada e nem agir como homens, senão esta-

mos sujeitos a uma cadeia ou processo, a verdade é que estão querendo transformar os homens em uns bananas submissos”, avaliou.

Em entrevista ao programa *Globonews Debate*, Cazarré defendeu-se. “A minha vontade de juntar muitos homens para falar sobre nosso papel, é falar sobre saúde masculina [...], como estar mais presente em casa, como ajudar nossas mulheres a serem mais livres. Eu não sou, de nenhuma forma, um masculinista. O meu curso é só um pouco de bom senso”, explicou, ponderando que sua perspectiva difere-se da propagada pelos *redpills*.

## Movimento de teor religioso promete redescoberta pessoal aos participantes

Em 2015, nascia na Guatemala, da concepção do pastor Chepe Putzu, da Igreja Casa de Deus, o Legendários, um movimento que tem por objetivo transformar homens e famílias. Com uma metodologia que associa momentos religiosos e prática de exercícios físicos, a proposta ganhou força, prometendo proporcionar aos homens descobertas pessoais e desenvolvimento do seu potencial. O grupo instalou-se no Brasil em 2017 e, atualmente, tem mais de 100 sedes em todo o mundo.

Pablo Costa, empresário de 31 anos, é casado e pai de três filhos. Residente na cidade de Patos, ele se propôs a viver a experiência do Legendários. O incentivo para ingressar na jornada de autoconhecimento veio da esposa, Estefany Barros. “Confesso que eu não queria ir. Porém, quando eu cheguei lá, o nível espiritual é outro, é mudado através de Jesus”, disse Pablo.

Uma de suas experiências foi a ida à montanha, que marca o retiro espiritual. “A montanha é somente um objeto usado para que você venha a crescer mais e mais. E é na montanha que você é moldado, de forma a enxergar coisas que estão ao seu redor e você não consegue ver, porque, muitas vezes, os seus olhos espirituais estão cegos”, refletiu o empresário.

Ele esclarece, ainda, que o movimento transpassa o desgaste físico e possibilita experimentar uma construção emocional. “Ele mostra



Foto: Arquivo pessoal

Vivência traz o “caráter do homem verdadeiro”, diz Pablo

o caráter do homem verdadeiro, em prol do Senhor. Me ajudou a ver o valor que a minha esposa tem e o tempo que preciso ter para os meus filhos”, completou.

Na avaliação de Paulino Júnior, a visão de mundo trabalhada nessas dinâmicas possui contornos históricos definidos. “Trata-se da defesa, explícita ou implícita, de uma masculinidade associada à autoridade, ao controle emocional, à liderança, à força simbólica, à autonomia e à centralidade social do homem”, pontuou o especialista em gênero e diversidade.

Pablo, por sua vez, refuta as críticas recebidas pelo Legendários, as quais ligam

o movimento a discursos que reforçam o machismo e a desigualdade de gênero. “O fortalecimento masculino é quando o homem busca disciplina, trabalha, cuida da sua família, amadurece emocionalmente e assume responsabilidades. Que homem é esse que está dentro de casa com a mulher, jogando os problemas para ela resolver? Problema tem que ser resolvido por homem, que é o sacerdote do lar. Quando você joga o problema para a mulher, você está se esquivando de sua função. Dessa forma, o homem deixa de crescer espiritualmente e financeiramente”, argumentou.

## Definição de funções sociais por gênero ajuda a manter privilégios

Contrapondo esse cenário, há uma significativa parcela do público masculino que não corrobora a ideia do imaginário do homem tradicional. Para o professor e historiador Delzymar Dias, os discursos masculinistas reforçam a desigualdade de gênero e promovem uma visão descontextualizada da realidade.

“Defender a ocupação de espaços por gênero ou reforçar papéis sociais que colocam o homem como provedor supremo é uma forma de reforçar essas desigualdades”, observou o educador, citando como exemplo a desigualdade salarial entre homens e mulheres que realizam o mesmo trabalho. “Não faz sentido sustentar um discurso que normaliza isso em pleno século 21”, completou.

Para Delzymar, é possível construir novas formas de masculinidade mais equilibradas e menos baseadas em dominação. A saída é assumir uma nova postura, entendendo que qualquer relação deve ser baseada no respeito e na autonomia de cada pessoa. Nesse contexto, ele entende que “o homem não abre mão de sua masculinidade; ao contrário, ele assume, de forma dialógica, uma postura que irá beneficiá-lo, já que retira dele um papel imaginário de que ele deve ser responsável por tudo”.

Representações feministas também reforçam esse diálogo de embate contra a retórica masculinista. Vitória Ohara, membro da coordena-

ção nacional do Movimento de Mulheres Olga Benário, ressalta que os homens estão, historicamente, enraizados nas ideias do patriarcado. “Quando os homens perdem o poder de prover, isso causa uma frustração, e o inconformismo tem sido direcionado para as mulheres e não para a raiz do problema. Esse ressentimento, juntamente com a crescente dos influenciadores misóginos, que lucram com a frustração dos homens, reforça que os problemas são culpa das mulheres e não de uma questão de desigualdades”, refletiu.

**Em casa**

Delzymar Dias e Pablo Costa têm, em casa, a oportunidade de contribuir com uma sociedade mais igualitária. Ambos são pais e transmitem, na educação dos filhos, os seus entendimentos sobre a realidade do mundo. “Durante a infância, é um período ideal para que as crianças entendam a importância de não reduzir o

papel feminino na sociedade”, afirma o professor, que tem um filho.

Pai de dois meninos e uma menina, Pablo considera importante diferenciar algumas nuances na criação entre eles. “Carinho, amor e afeto são para todos. Mas a menina, por exemplo, é tratada com mais delicadeza na fala. Até porque os meninos têm que ser forjados”, alega. “No futuro eles vão se casar, ter sua esposa, criar seus filhos da melhor forma. Eu aconselho, vocês têm que ser muito melhores que eu”, complementa.

Para Paulino Júnior, todavia, é necessário ponderação nessa busca por um modelo ideal de masculinidade. “O problema nunca foi a existência do masculino em si, mas a associação histórica entre masculinidade e dominação. Talvez uma masculinidade saudável seja aquela capaz de conviver com as diferenças e com as próprias vulnerabilidades, sem sentir perda da identidade”, finaliza.



Foto: Arquivo pessoal

Vitória destaca: frustrações não são culpa das mulheres

## CULTURA E TURISMO

## Diversidade marca o São João na PB

Para além de Campina Grande, festa contagia cidades no Brejo e no Cariri, que oferecem uma rica programação

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O São João paraibano não começa nem termina em Campina Grande — embora a cidade ostente um dos palcos mais badalados do estado. Quando junho chega, a festa espalha-se por diversos municípios, do Brejo ao Cariri, revelando um calendário junino com muitos sotaques. O forró pode até ser o cartão de visita, mas cada cidade encontra um jeito próprio de fazer a sua festa: em algumas, ela mistura-se ao frio e aos engenhos; em outras, ganha vida nas comunidades rurais; e há aquelas nas quais a gastronomia típica ajuda a dar o sabor da celebração. No fim, há muitos jeitos de viver o São João, o difícil mesmo é escolher o roteiro.

Famosa por seus casarões históricos e engenhos coloniais, Areia é conhecida por



Em Areia, o restaurante Vó Maria realiza todos os anos uma procissão de São João

oferecer ao público uma experiência mais interiorana, que conversa com a memória do Brejo paraibano. Depois das comemorações pela emancipação política do município, celebrada em maio, a cidade vira

a chave para o São João Raiz, com decoração junina no Centro Histórico e na Praça Pedro Américo, apontada como o coração da festa. Segundo o secretário de Cultura e Turismo, Rinaldo Bandeira, esse movi-

mento potencializa um fluxo que Areia já recebe ao longo do ano, justamente pela sua força turística, cultural e histórica.

Na cidade, o São João mistura-se aos engenhos e museus, às trilhas ecológicas e à

gastronomia, dentro de uma rede hoteleira que ajuda a manter o visitante na cidade por mais tempo. “O nosso diferencial está na hospitalidade, nos incríveis aparelhos turísticos disponíveis no município e na grande oferta de roteiros turístico durante o dia”, enumera Rinaldo. A expectativa, de acordo com ele, é receber de 10 mil a 20 mil pessoas no período, com a ocupação hoteleira podendo chegar a 100%. Para o secretário, não é à toa que a festa em Areia extrapola a fronteira cultural, atuando como “instrumento de desenvolvimento econômico e valorização da identidade areiense”.

A programação será concentrada na Praça Pedro Américo, com montagem de pavilhão, som e iluminação. No dia 21 de junho, o espaço recebe apresentações de quadrilhas juninas. Já nos dias 22,

23 e 24, o forró tradicional ganha vez com trios pé de serra, em shows gratuitos durante a tarde e à noite. A Associação Turística e Cultural de Areia (Atura) também promete ampliar o clima junino ao longo de todo o mês, com programação especial nos estabelecimentos associados. Tem comidinhas típicas, café da manhã ao melhor estilo interiorano, música ao vivo, quadrilha e fogueira, tudo dentro de uma proposta mais rural. Um exemplo disso é o Restaurante Vó Maria, que tradicionalmente realiza uma procissão com a bandeira de São João, hasteada no sítio. Depois, a celebração segue com a quadrilha da comunidade rural Chã de Jardim, em uma programação que combina turismo e tradição. As atrações podem ser conferidas no perfil da Atura no Instagram — @aturaareiapoficial.

## Monteiro une atrações nacionais à valorização da tradição local

Já em Monteiro, o São João chega com sotaque do Cariri e alma forrozeira. A cidade, que se apresenta ao visitante como um território multicultural, aposta na festa como vitrine para artistas locais e para expressões culturais que seguem vivas até hoje, para além dos grandes palcos.

Como parte da programação principal, de 24 a 28 de junho, nomes como Xand Avião, Michele Andrade, Jonas Esticado, Limão com Mel, Walkyria Santos, Pablo e Noda de Caju garantem presença no tradicional Parque de Eventos De-jinha Monteiro.

Mas o roteiro não acaba

nas atrações de maior apelo popular. No Sítio São Francisco e na Zona Rural, o município também abre espaço para quadrilhas, forró pé de serra e coco de roda, mantendo a festa ligada à cultura popular. “Nosso propósito maior é a valorização dos artistas locais para abrilhantarmos os

festejos juninos, movimentando, também, o comércio local e o turismo”, resume o secretário de Cultura e Turismo, Nanido Cavalcante.

Segundo ele, o Sítio São Francisco deve receber mais de cinco mil pessoas por dia durante os 10 dias de festa, de 19 a 28 de junho, atraídas por

uma programação mais regional. Na abertura, os forrozeiros Rogério Lima e Fagundes Silva prometem celebrar as raízes da música nordestina, tendência que será vivenciada até o último dia da festa. Enquanto isso, o palco principal tem estimativa de, aproximadamente, 15 mil

pessoas por noite. A estrutura, aliás, já começou a ser montada e o movimento também aparece pela cidade: Nando aponta que mais de 90% da rede hoteleira, entre pousadas, hotéis e casas, encontra-se reservada, com expectativa de chegar a 100% até o fim deste mês.

## Frio e roteiros de luxo atraem turistas a Solânea e Bananeiras

Se o frio é uma das características mais marcantes de Solânea, em junho ele vem acompanhado de sanfona e praça cheia. A Festa de Santo Antônio, padroeiro do município, dá o tom dos festejos e faz a cidade mergulhar em uma celebração que mistura fé e cultura popular. Para o secretário de Cultura e Turismo da cidade, Thiago Salvador, esse é, justamente, o peso simbólico da festa: “Ela dialoga com a identidade solanense e fortalece o sentimento de pertencimento da comunidade”. A programação começa com a tradicional Quermesse de Santo Antônio, de 1º a 13 de junho, e segue com a 7ª edição do Festival de Sanfoneiros, a Cavalgada, o São João das escolas municipais e a Missa do Vaqueiro. Outro destaque é o pavilhão cultural, que reunirá apresentações de forró e cultura popular. Tudo isso de 7 a 14 de junho.

Na praça pública, as grandes atrações são Mastruz com Leite, Solange Almeida, Batista Lima, Silvana e Berg, Victor Santos, Cascavel, Eliane, Kelson Kizz, Wagner Viana, Francinaldo e Assum Preto. A festa também ganha as ruas com o trio elétrico comandado por Grafith e Suzy Barbosa, ampliando o clima junino. Mas o diferencial não está apenas na grade musical. Com o colorido das bandeirolas e a tradicional cidade cenográfica montada no coração da Praça 26 de Novembro, Solânea transforma-se no maior palco junino ao ar livre, puxando a cidade toda para dançar. “Assim criamos um ambiente acolhedor e

culturalmente simbólico para moradores e visitantes”, reforça Thiago.

De acordo com o secretário, a expectativa é que mais de 60 mil pessoas passem por Solânea durante a temporada, com ocupação próxima de 100% da rede hoteleira. Não à toa, esse movimento também acende a economia local: bares, hotéis, restaurantes, ambulantes, artesãos, pequenos empreendedores e trabalhadores informais entram no ritmo da festa, impulsionados pelo alto fluxo de visitantes. E, se cada cidade tem uma assinatura própria no São João, a de Solânea passa pelo frio. Localizada em uma região serrana, a cidade tem o nevoeiro como marca registrada e pode chegar a 12 °C de temperatura no período junino. “Solânea é um dos destinos mais autênticos do Brejo paraibano”, finaliza.

## São João diurno

Em Bananeiras, por fim, o São João não espera a noite cair para começar. Antes dos shows, a festa já aparece no movimento de cafés, restaurantes, pousadas e engenhos, envolvida pelo frio-zinho da serra. Segundo a secretária de Turismo e Cultura do município, Karina Leon, a proposta para 2026 é fortalecer Bananeiras como destino turístico sofisticado, “de luxo natural”, no período junino, combinando tradição nordestina, conforto, estrutura e experiências espalhadas para além do palco principal. Em outras palavras, o visitante não vai apenas para assistir a uma atração:

ele chega para viver a cidade.

Durante o dia, o clima junino espalha-se pelo Centro Histórico, pela gastronomia regional, pelos roteiros turísticos e por espaços que ajudam a apresentar Bananeiras como experiência, e não somente como evento. “A cidade transmite uma sensação de ‘São João vivido’, diferente de eventos em que o público só vai para assistir aos artistas. A imersão cultural é mais forte”, reforça Karina.

Entre os atrativos estão apresentações de forró pé de serra e trios tradicionais, decoração junina, clima serrano e gastronomia típica, com direito a doces artesanais, culinária nordestina, cafés e cacharias, além de restaurantes autorais. Não por acaso, a expectativa de público, segundo ela, é de “dezenas de milhares de visitantes” ao longo dos quatro dias principais, um dos maiores da história da festa. Na rede de hospedagem, por sua vez, o movimento também deve ser intenso: o setor turístico trabalha com ocupação entre 90% e 100% nos dias de maior procura.

Já no palco principal, em uma área de 41 mil m², localizado às margens da PB-103, no sentido Bananeiras-Dona Inês, a programação noturna reúne, de 20 a 23 de junho, nomes como Bruno e Marrone, Flávio José, Xand Avião, Eliane, Leonardo, Zé Cantor, Luan Santana e Falamansa. O espaço inclui camarotes, praça de alimentação e estacionamento, dentro de uma estrutura pensada para acomodar o crescimento dos festejos.

REYNALDO GIANECCHINI e MARIA CASADEVALL  
COM CAROLINA STOFELLA EM

DE ETTORRE SCOLA E RUGGERO MACCARI

**UM DIA MUITO ESPECIAL**

DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO ALEXANDRE REINECKE

30 SÁBADO  
31 DOMINGO MAIO

TEATRO PAULO PONTES  
R. ABDIAS GOMES DE ALMEIDA, 800 | TAMBAUZINHO, JOÃO PESSOA - PB

INGRESSOS EM  
Ingresso Digital  
e LOJA SKYLER - MANAÍRA SHOPPING  
Informações: (83)2106-6504

JOÃO PESSOA, PB

VENDAS Lei Rouanet  
REALIZAÇÃO REINECKE PRODUÇÕES ERREGEODIS PRODUÇÕES  
APRESENTADO POR vivo  
GOVERNO DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

## MÚSICA

# Batucada de segunda

João Cavalcanti, ex-Casuarina, canta amanhã, em João Pessoa, em participação no Sanhauá Samba Clube

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Quem ainda acredita que o culto ao samba encontra-se circunscrito aos redutos cariocas pode estar, como diria o saudoso mestre Dorival Caymmi (1914–2008), “ruim da cabeça ou doente do pé”. Prova disso é o projeto Sanhauá Samba Clube, que todas as segundas-feiras ocupa a Vila do Porto, no Varadouro (JP), com o melhor do gênero genuinamente brasileiro, por vezes abrihantado com participações especiais de fora. É o caso de amanhã, às 21h30, ocasião em que o Sanhauá Samba Clube convida o cantor e compositor João Cavalcanti, filho de Lenine e ex-vocalista do Casuarina, a subir ao palco da Vila do Porto. Em segundo lote, os ingressos estão à venda na plataforma Shotgun por R\$ 25.

De acordo com Potyzinho (cavaquinho e vocal), o clube de samba pessoense surgiu de um convite feito por Ramón Suárez, proprietário da Vila do Porto, ao cantor Seu Pereira.

“Então, Seu Pereira me ligou, sugeri a formação, fizemos uma reunião, eu, Seu Pereira e Ramón, e firmamos o projeto que já dura sete anos”, explica o cavaquinista. “Nesta edição teremos a honra de receber João Cavalcanti, cantor e compositor carioca com a alma fincada em solo nordestino”.

Criado em 2019, o projeto dá ênfase a participações de artistas da música paraibana e da cultura popular local, como Totonho, Escurinho, Val Donato, Nathalia Bellar e Vó Mera, entre tantos. Além de Potyzinho, integram a formação atual a cantora Polyana Resende, Kojak do Banho (voz e banjo), Fabiane Fernandes (voz e vioão) e os percussionistas Erandi Oliveira, Francisco Neto e Alisson Cavalcante.

### Alma nordestina

Em conversa com **A União**, João Cavalcanti conta que seu avô paterno nasceu em Campina Grande e só depois se mudou para Recife, onde casou e teve filhos (um deles, Lenine). “Acabou que eu tive mais contato com a família da minha avó, que era de João Pessoa originalmente. Mas muita gente foi pra Recife”, diz ele.

Na capital, pelas suas contas, João já cantou umas duas ou três vezes, mas muito tempo atrás. “Minha mãe casou de novo com um pessoense, então tem uma família torta minha no Bairro dos Estados, na Praia do Poço”, acresce o sambista, que mais recentemente esteve na cidade por ocasião de uma participação em álbum do contra baixista paraibano Xisto Medeiros.

Nessas idas e vindas, João conheceu Potyzinho, mas nunca havia tocado no Sanhauá Samba Clube, apesar de conhecer o trabalho do grupo. Segundo o artista carioca, trata-se de uma participação menos incomum do que possa parecer. “O samba tem uma informalidade — que não pode ser confundida com falta de cuidado e falta de profissionalismo — que permite às vezes você não ter um repertório prévio formal. Em geral tem um espaço muito maior pra essa informalidade”, pontua.

Por sempre fazer concessões em torno de pedidos eventuais do público, o músico garante que muito do programa da noite pode pintar na hora. Quase sempre também recupera no palco o repertório do Casuarina, banda de samba carioca formada em 2001 e na qual João, à época com 21 anos, cantava e percutia o tantan, o que lhe deu a cancha necessária para o samba. Em longa trajetória, de mais de 15 anos, dos quais resultam discos como *Casuarina* (2005), *Certidão* (2007) e *No passo de Caymmi* (2014), João deixou o grupo em 2017, ano em que decidiu começar sua carreira solo.

Foi então que gravou os álbuns *Garimpo* (2018)

— ladeado pelo sanfoneiro Marcelo Caldi —, o *EP Samba mobiliado* (2019) e o mais recente, *Ivone rara: 100 anos da dona do samba* (2022), trabalho em reverência a Yvonne Lara da Costa (1922–2018), mais conhecida como “Dona Ivone Lara”, lendária cantora e compositora, ícone da história do samba nacional.

“Sempre tem umas duas ou três canções da Dona Ivone, quase sempre com Délcio Carvalho [1939–2013], parceiro histórico. Eu conheci e convivi com os dois. Sempre tem Wilson Moreira [1936–2018] outro querido amigo, uma pessoa que me ensinou muita coisa sobre samba, música e sobre humanidade, caráter”, detalha o apanhado do repertório atemporal e transgeracional de seu samba nos palcos. Naturalmente, as canções autorais mais pedidas de João estão na agulha, a exemplo de “Ponto de vista” e “Queira ou não queira”.

Almejando agrupar o repertório da compositora em formatação que transcende as limitações de gênero, o tributo a Dona Ivone sempre foi um desejo íntimo e latente ao músico, que é também formado em Jornalismo. E foi justo o faro da profissão que o fez evocar, com muita reverência e carinho, a quase esquecida efeméride do centenário da sambista em função de sua longevidade. “Pelo viés da melodia esses dois [Ivone e Wilson] são os mais impressionantes. Ela é uma das maiores melodistas do mundo”, confessa.

### O lugar do samba

Indagado sobre a genealogia de seu interesse pelo segmento, Cavalcanti lembra da percepção pública corriqueira de que tornar-se um cantor de samba, de algum modo, distancia-o da carreira do pai. Segundo ele, a pressuposição não condiz com a verdade. Defendendo a ideia, remonta aos oito anos de idade, no início dos anos 1990, quando o Rio passou por um processo de revalorização do Carnaval de rua, este “obscurecido” em meio ao deslumbramento espetacular das escolas de samba cariocas.

“Há muitas facetas, mas o Carnaval do Centro do Rio de Ja-

neiro era esvaaziado durante o Carnaval, fora da Marquês de Sapucaí, e ali, nos anos 1980 e 1990, tem uma recuperação muito grande”, reitera. “E meu pai foi compositor de blocos como o Simpatia É Quase Amor, como o Suvaco do Cristo... Fez samba pra muitos desses blocos dessa geração da retomada do Carnaval de rua. E eu tava lá, com oito ou nove anos, vendo. Então, assim, o primeiro sambista que eu vi de perto foi meu pai”.

Citando, de um lado, nomes como Elton Medeiros (1930–2019), Paulinho da Viola e João Nogueira (1941–2000), e, de outro, Cláudio Jorge e Ivor Lancellotti, considera a multiplicidade de mundos que cabem no terreiro do samba, centro nevrálgico de onde irradia a música popular brasileira. “Eu sempre digo que a minha escola de samba tem nome e sobrenome e é paraibana, que é Jackson do Pandeiro [1919–1982]. O repertório que fez uma espécie de grande intersecção dos meus que- rereres foi o repertório de Jackson”, assegura o salgueirense.

Analisando o espírito social do momento, consubstanciado em uma predileção pelo “não gostar” das coisas, o sambista assume sua posição em revés: “Eu sou um cara que gosta. Eu gosto de ouvir tudo, gosto de pensar para além dos meus filtros pessoais, naturalmente muito canhestros. Ouço tudo de novo que é lançado, tento ouvir tudo, do *ultra pop* ao *ultra indie*, e isso é constitutivo de quem eu sou”. A propósito, João estacionou agora no trabalho de Os Garotin, *boy band* de *soul* brasileiro oriunda de São Gonçalo. Ele recomenda.

“O primeiro sambista que vi foi meu pai”, conta João Cavalcanti

### ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa).

## Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam\_dedalus@yahoo.com.br

## Entre totens e bandeiras

Nesta semana, discutindo *O povo brasileiro* com minha turma de História da Cultura Afro-brasileira e Indígena, fiquei pensando como Darcy Ribeiro tenta responder uma pergunta decisiva: quem somos nós, brasileiros? Sua resposta passa longe de qualquer ideia de origem harmoniosa. O Brasil nasce do choque. Da violência. Da mistura forçada entre povos diferentes. Mas nasce também da capacidade humana de reinventar a vida em meio à destruição.

Os chamados brasilíndios aparecem nesse cenário como figuras centrais. Filhos da relação entre portugueses e indígenas, surgidos através do cunhadismo — prática indígena que incorporava estrangeiros às redes de parentesco —, eles formam um tipo humano novo. Contudo, essa novidade vem acompanhada de uma espécie de desenraizamento. O mameluco não era plenamente aceito pelo pai português, mas também se afastava do universo indígena da mãe. Vivia entre mundos, sem pertencer inteiramente a nenhum deles.

Durante a aula, surgiu uma associação interessante com *Totem e tabu*, de Sigmund Freud. Em Freud, o totem representa o elo simbólico que liga o indivíduo ao grupo, ao ancestral comum, à comunidade. É aquilo que produz pertencimento. O mameluco, ao contrário, parece nascer justamente da ruptura desse vínculo. Sua condição é a da orfandade simbólica. Ele carrega o sangue de dois mundos, mas não encontra repouso em nenhum deles. Talvez por isso a violência dos bandeirantes tenha sido tão intensa: como se a expansão territorial e a guerra permanente fossem também uma tentativa de preencher esse vazio de origem.

São Paulo transforma-se, então, no grande núcleo dos brasilíndios. De lá partem as bandeiras, as expedições de caça aos indígenas, as incursões violentas pelo interior do território. Os mamelucos tornam-se peças fundamentais da expansão portuguesa, conhecendo a terra, as línguas indígenas e as estratégias de sobrevivência. Ao mesmo tempo em que guerreavam contra diferentes povos indígenas, também estabeleciam alianças com certos grupos contra outros. A colonização avançava tanto pela espada quanto pela negociação.

O resultado desse processo foi devastador para inúmeras populações indígenas. Muitas etnias desapareceram. Outras sobreviveram ao custo da perda de suas referências originais. Surge, assim, aquilo que Darcy Ribeiro chama de “índio genérico”: sujeitos arrancados de suas identidades específicas e reduzidos a uma condição ampla e indiferenciada de “índios”. Sobreviver, muitas vezes, implicava esquecer parte de si.

Os africanos escravizados chegam a esse mundo igualmente desenraizados. Vinham de povos distintos, como *yorubás*, *bantus*, *fanti-ashanti* e tantos outros, falando línguas diferentes e carregando cosmologias próprias. A escravidão impedia deliberadamente a construção de solidariedades mais amplas. Misturavam-se indivíduos de diferentes origens para dificultar rebeliões. Aos poucos, aprendiam o português dos capatazes e eram obrigados a adaptar-se à estrutura colonial.

Ainda assim, algo resistia. Darcy Ribeiro percebe que, mesmo sob tortura, sadismo e desumanização, os negros preservaram formas de existência cultu-

ral. A culinária, a música, os ritmos, os modos de rezar e celebrar sobreviveram como territórios possíveis de liberdade. O corpo escravizado continuava produzindo cultura.

Talvez seja possível pensar também numa profunda alienação do trabalho escravo. Os negros construíam riquezas que jamais lhes pertenciam. Produziam açúcar, ouro, cidades e fortunas, mas permaneciam excluídos do mundo que ajudavam a erguer. Trabalhavam sem possuir nem o produto do trabalho, nem a si mesmos. A escravidão colonial não retirava apenas a liberdade, retirava também a condição plena de humanidade.

Com o passar do tempo, dessas misturas e conflitos emergem os chamados neobrasileiros. Uma população cada vez mais integrada à lógica econômica da colônia, falando frequentemente o tupi como língua corrente e utilizando técnicas produtivas de forte matriz indígena. Aos poucos, a administração colonial, a Igreja e os setores letrados consolidam novas formas de organização social.

O Brasil nasce, assim, não como continuidade, mas como invenção histórica. Um país construído sobre ruínas, violências e encontros improváveis. Quando Darcy Ribeiro afirma que todos nós somos “carne da carne” dos índios e negros supliciados, ele não fala apenas do passado. Fala de uma marca que carregamos. O povo brasileiro surge dessa experiência contraditória: brutal e criativa, violenta e mestiça, marcada pela dor, mas também pela capacidade incessante de produzir novas formas de vida.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

## Razão e sensibilidade

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) nasceu em Salzburgo, pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico. Ele foi compositor, pianista virtuoso e conhecedor da linguagem operística, também reuniu em sua obra o equilíbrio formal, a expressividade dramática e a sofisticação harmônica. Seu pai foi Leopold Mozart (1719-1787), violonista, pedagogo e autor de tratados musicais. Em seu livro *Mozart: a life*, publicado no ano de 1995, o musicólogo estadunidense Maynard Solomon (1930-2020) afirma: “Sua infância era construída por rigorosa disciplina musical e por viagens pela Europa, nas quais se apresentava para cortes aristocráticas e absorvia tradições compositivas”. Esse contato com estilos italianos, franceses e germânicos contribuíam para sua maturidade artística, que influenciava o estilo clássico europeu e o desenvolvimento da música erudita do século 18.

O período em que Mozart viveu coincide com o classicismo musical, movimento que valorizava clareza estrutural, simetria, equilíbrio e racionalidade formal. Influenciado pelo pensamento iluminista, o qual buscava defender o uso da razão sobre o da fé para entender e solucionar os problemas da sociedade. Esse movimento artístico buscava ordem e universalidade na expressão estética. Contudo, Mozart ultrapassou a simples obediência às convenções clássicas. Conforme afirma o pianista, crítico musical e professor norte-americano Charles Rosen (1927-2012) em seu livro *O estilo clássico* (1971): “Mozart foi capaz de transformar a simplicidade clássica em profundidade dramática e emocional”. Sua música combinou clareza melódica com densidade expressiva, revelando uma significativa capacidade de elaboração temática. Entre suas maiores contribuições está a reformulação da for-



Mozart: equilíbrio formal e expressividade

ma-sonata e o desenvolvimento da linguagem sinfônica e camerística. Em obras como a *Sinfonia nº 40 em sol menor*, K. 550 e a *Sinfonia nº 41 em dó maior*, *Júpiter*, K. 551, observa-se o refinamento contrapontístico, complexidade temática e equilíbrio estrutural. Para o musicólogo alemão Alfred Einstein (1880-1952), em seu livro *Mozart: seu caráter* (1945), afirma que Mozart possuía uma habilidade para integrar simplicidade melódica e elaboração intelectual, o que tornou sua música simultaneamente acessível e profundamente sofisticada.

No campo concertante, entre eles, destacam-se os concertos nº 20 em ré menor (K. 466) e nº 21 em dó maior (K. 467), nos quais a relação entre solista e orquestra assume caráter dialógico e dramático. Segundo o musicólogo britânico Stanley Sadie (1930-2005), em seu livro *Mozart and his operas*, publicado em 2006, ele defende que Mozart redefiniu o concerto clássico ao conferir maior

independência temática à orquestra, rompendo com modelos excessivamente subordinados ao virtuosismo instrumental. Outro aspecto de sua produção encontra-se na ópera. Mozart transformou esse gênero ao aprofundar o tratamento psicológico das personagens e ampliar a integração entre música e dramaturgia. Obras como *As bodas de Fígaro* (1786), *Don Giovanni* (1787) e *A flauta mágica* (1791) demonstram domínio da caracterização dramática e sofisticação composicional. Essas peças apresentam uma expressão psicológica e social. Por exemplo, em *As bodas de Fígaro*, encontra-se críticas às hierarquias aristocráticas e à desigualdade social. A *flauta mágica* relaciona valores iluministas como razão, fraternidade e busca pelo conhecimento. Nesse sentido, Mozart foi um compositor inserido nos debates intelectuais de seu tempo. Sua produção também inclui música sacra e de câmara. O *Réquiem em ré menor*, K. 626, deixado inacabado devido à sua morte em 1791, tornou-se uma de suas obras mais conhecidas. Sua escrita coral e intensidade dramática evidenciam uma dimensão espiritual e trágica que ultrapassa o ideal de leveza frequentemente associado ao classicismo.

Wolfgang Amadeus Mozart apresenta a síntese entre técnica, sensibilidade e universalidade estética. Ele deixou mais de 600 composições catalogadas pelo musicólogo e escritor austríaco Ludwig von Köchel (1800-1877).

Sinta-se convidado para a audição do 569º Domingo sinfônico, que ocorrerá neste dia 24, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre peças de Wolfgang Amadeus Mozart que tratam da razão, sensibilidade e simplicidade.

Kubitschek  
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

O esquecido  
Ed Motta

Um benefício adicional ao planeta: bilhões de pessoas de boca calada. Ed Motta é uma delas. Seu histórico de confusões e a reprovação pública devido a declarações elitistas, falas polêmicas e comportamentos controversos têm gerado revolta entre fãs, trabalhadores de serviços e ouvintes de diferentes gêneros musicais.

Ed Motta, cabra de peia. Ele não é o Tarzan, nem quando fez a versão “Dois mundos” do filme *Tarzan*, de 1999, da Disney, interpretado por ele. O Ed insiste em detonar os nordestinos.

A vida de um flanelador fulera, de lugares públicos cheios de dias vazios, de dias insatisfatórios sem público e muitos dias de bebedeiras sem compensar o esquecimento e vil tristeza. Faz pena.

Perdeu-se no tempo, no bar, um artista que gravou bons discos e já é um não incentivo a outros. Muitos Mottas sem perspectivas num Ed, surgem no melodrama final, como se aqui jaz se tratasse. Não é nenhum ou qualquer um que precise de impulso numa covardia, o Motta é um covarde, basta dar uma cutucada.

Um homem que gosta de música, produz música, não tem permissibilidade, não tem paciência e chama um garçom de “Paraíba filha da puta” e diz que “é a Tijuca contra o Nordeste” ao se referir a nossa região. Te dana!

Boçal, o Edi M vai num restaurante do Rio que ele não paga a rolha, mas tenta incluir sua turma na roda da cortesia e chega a hora do discurso do narrador inescrupuloso.

O cantor e sua patota não gostaram e se irritaram com a cobrança da taxa de rolha e decidiram deixar o local soltando os cachorros. Cabra safado.

Arremesso de cadeira – câmeras de segurança registraram o momento em que Ed Motta, chateado, dá um chilique, levanta e joga a cadeira no chão, que passou de raspão por um garçom. Tem que ser enjaulado, o Motta.

Um artista esquecido que faz lives todos os dias e tem no máximo 20 pessoas lhe acompanhando, parece sem fôlego, depois vai direto para o bar, aprontar, sem sequer notar que se dá por algo que está no olho de quando é trabalhar para sobreviver e reluzir aos olhos dos primórdios, o respeito um pelo outro.

Sim, o cantor Ed Motta está sendo investigado por injúria por preconceito. Funcionários do estabelecimento o acusaram de proferir ofensas xenofóbicas (como usar o termo “paraíba”). Ele nega as acusações, mas o caso segue sob investigação, mas isso não resolve nada, nada.

Claro que ele ficou mal na fita, mas nem liga, e não sabe que outro tipo de abordagem será guiada, quiçá, pela tepidez, a tragédia, o correr o risco de falhar o alvo. Quem tanto lê, tanto cultiva o eruditismo, para que qualquer forma canônica de que se socorrer, mais não seja uma mera curiosidade. Se orienta, rapaz.

Será esquecido? O homem esquecido? Já está. Aquilo que hoje parece arrogante, grosseiro, cheio de consequências, será sempre esquecido.

Motta não tem mais relevância. E o curioso é que não podemos saber hoje o que será um dia considerado grande e importante ou medíocre e ridículo. Pode ser também que o fato dele estar agarrado ao ostracismo seja considerado estranho, desconfortável, desprovido de inteligência, insuficientemente vulgar. Faz pena.

Ed Motta é uma bala perdida.

## Kapetadas

1 – Quase tudo se espatifa, menos os patifes.

2 – Pessoal, não quero exagerar no otimismo mas, no rumo em que as coisas estão indo, certamente irão para onde as coisas vão.



“Perdeu-se no tempo, no bar, um artista que gravou bons discos”

Colunista colaborador

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

## “Vegetalismo” em Virgínius como cenografia de cinema

A natureza, com todos os seus elementos “cênicos”, sempre me foi muito simpática a um “olhar” cinematográfico. Talvez, por isso, tenha tido inclinação por preferir filmar (ou gravar) no campo. Trata-se de um impulso muito natural, se reexaminado todo o meu trabalho, desde *Os pescadores do Sanhauá*, *O ciclo da mandioca*, sobretudo *Arribação*, todos do fim dos anos 1960.

Veja-se, então, essa minha preferência pelos primeiros encantamentos que tive ainda quando criança, que dava preferência aos filmes de *cowboys* exibidos nos cinemas do meu pai (seu Severino Alexandre do cinema). Mas ainda, das observações preferenciais advindas também de leituras regionais típicas, que me fizeram a cabeça logo cedo. A exemplo de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Câmara Cascudo, os nossos Zé Lins e Zé Américo, também o poeta Américo Augusto de Sousa Falcão, da nossa tão praieira Lucena. Sobre ela e seu poeta que me motivou a realizar *Américo: falcão peregrino*, embora já com um toque citadino, uma produção de 2013.

Essa foi a razão que me fez fugir um pouco dos temas urbanos, deitando um “olhar cinematográfico” (até romântico, confesso) sobre o vegetalismo e seu telurismo, cujo visual nos remete mais à natureza; temas de raízes campestres, como o cangaço, por exemplo. E sempre defendi que o nosso cinema se identifica mais com esse temário. A reflexão, aqui, então colocada, reforça-se com uma via-

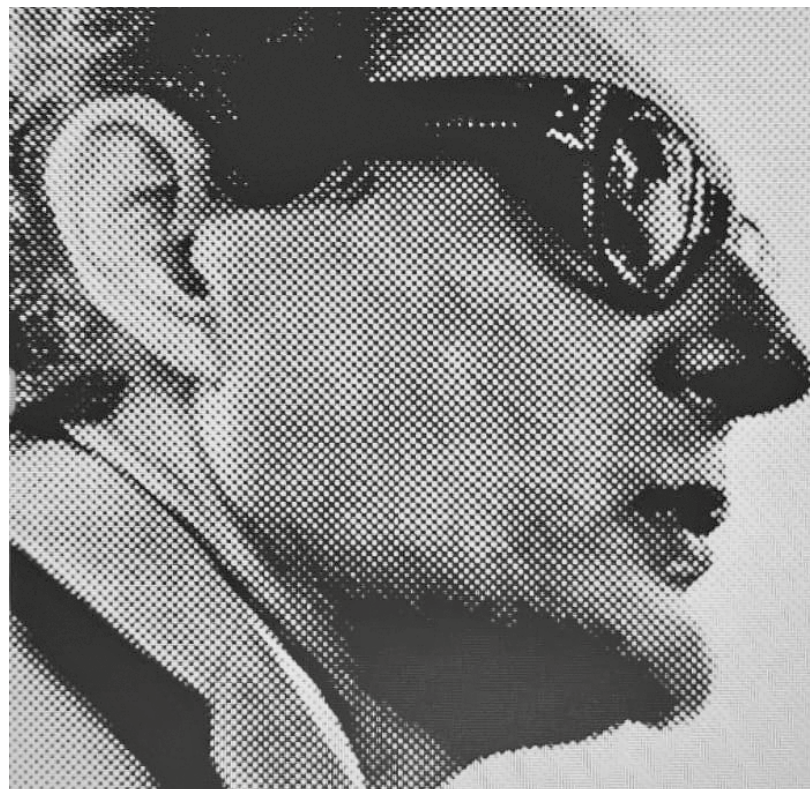


Foto: Arquivo pessoal

Gama e Melo defendeu a expressão como sustentação para um cinema rural

gem que fizemos certa vez ao interior da Paraíba, para as primeiras locações do curta-metragem ficção que pretendíamos rodar. Um dia todo, em plena Caatinga brava, sob vegetação ressequida pelo sol, fazendo prospeções ambientais e cenográficas, uma verdadeira situação que me remeteu aos áureos tempos dos anos 1960.

E lembro aqui desse período glamoroso do nosso cinema, também do escritor Virgínius da Gama e Melo ao defender a expressão “vegetalismo” como

sustentação para um cinema rural. Época em que teve boa influência intelectual, segundo sabemos, no preparo dos filmes paraibanos importantes como *Aruanda*, de Linduarte Noronha, por exemplo. E, segundo Virgínius, em seus aportes literários, vegetalismo representava “o apego profundo e a expressão da natureza exuberante, do telurismo e de uma paisagem verde, especialmente típicos do nordeste brasileiro”. – *Mais Coisas de Cinema*, acesse o blog: [www.alex-santos.com.br](http://www.alex-santos.com.br).



## APC: eleições e revista *Cinenordeste*

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reunirá sua diretoria para tratar sobre o lançamento do edital das eleições dos novos membros da entidade. O edital deve ser publicado até o fim deste semestre, com todos os indicativos de inscrição necessários para os cargos de diretoria e do conselho fiscal. As eleições acontecerão no fim deste ano.

Na reunião serão, ainda, traçados os novos perfis da revista *Cinenordeste*, periódico mensal que vinha sendo publicado pela APC, mas que teve as edições interrompidas há algum tempo.

## MÚSICA

### Tedros lança seu novo single: “Nossos dias”

Emerson da Cunha  
[emerson.aurio@gmail.com](mailto:emerson.aurio@gmail.com)

Os dias são feitos de dor ou de paixão? Ou fracassos e amores perfeitos? Há aqueles que tudo bem e outros, tudo mal. Dias de vôo alto ou de abismo abissal. Trabalhando as dualidades dos estados emocionais, a banda paraibana de *pop rock* independente Tedros lançou o single “Nossos dias”, a décima primeira canção do álbum de estréia do grupo, *O dia de amar é hoje*. A música pode ser escutada no perfil da banda no YouTube. A letra é de Vino L., com John Nery (vocalis), Max de Lima (guitarra), Samuel Lopes (contrabaixo) e Junior Alves (baixo).

“Essa música, em especial, é de um compositor amigo, da cidade do Rio de Janeiro, que hoje reside em Maceió e nos apresentou essa canção. Acharmos que tinha a nossa cara, nossa identidade e vimos que tinha muita verdade, ali, naquelas letras que falam sobre sentimentos inerentes a qualquer ser humano. Eu acho que qualquer um ouvindo vai se identificar em algum momento, em algum estágio, com algum sentimento de ter dias bons, dias ruins e particularmente, de fato, uma história verdadeira”, explica Max de Lima, guitarrista do grupo.



A canção é a 11ª do álbum de estréia da banda

Foto: Divulgação

Ele esclarece que a canção nasceu de uma vivência específica do compositor em 2020, época da pandemia, baseado no relato de um familiar com o diagnóstico de bipolaridade. Ao encarar isso do ponto de vista familiar, ele transformou a experiência em música. A canção foi apresentada à banda, então, há cerca de um ano, quando foi iniciado o processo de produção. A opção foi fazer uma versão mais acústica, de certo modo, mais radiofônica. O foco da música, segundo o guitarrista, não é instrumental em si, mas a mensagem que ela traz e o seu poder de identificação.

Ao escutar a música, é inevitável não fazer a relação entre o timbre de Nery com o de Renato Russo, da banda Legião Urbana, além de certo ar de melancolia que a melodia traz. Legião está no rol de referências da banda, que passaria no *pop rock* brasileiro dos anos 1980 e 1990.

■ A canção nasceu de uma vivência específica do compositor em 2020, época da pandemia

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

## Varadouro: dupla navegação

Políbio Alves e Antônio David, em *Varadouro: navegando imagens* (João Pessoa: Tamarindo, 2025), promovem um encontro para o exercício de uma dupla navegação. Aquele, valendo-se dos instrumentos alados da palavra na correntiza dos versos; este, banhando-se de luz e sombra no mágico instantâneo da fotografia.

A geografia que os une, no verbo e na imagem, cristaliza-se na lentidão aquática do Rio Sanhauá, às margens da história e da ancestralidade da região do Varadouro, com seus emblemas, mitos, personagens, barcos, peixes, crepúsculos e memórias.

Temos, então, um itinerário, não diria lírico na pureza do termo, porque o poeta dessa navegação parece fugir ao clichê da euforia e ao recorte do sublime, para trazer, à tona do poema, as veias e as artérias de uma cidade submersa, deserto esquecida pela ideologia do cânone.

Políbio Alves como que se afasta da estética de um Jomar Morais Souto, no seu clássico Itinerário lírico da cidade de João Pessoa, para incorporar o viés sombrio e assombrado da poética de Augusto dos Anjos, no sentido de cantar “a poesia de tudo quanto é morto”.

Antônio David, com a série de fotos que dialogam com as palavras, no andamento cadenciado do texto, percebe o nutriente vital das coisas concretas, fluviais, humanas, solares, vegetais que rio e região configuram na ambivalência intersemiótica do discurso.

Afinal, como diz o narrador de “As babas do diabo”, antológico conto de Júlio Cortázar: “Entre as muitas maneiras de se combater o nada, uma das melhores é tirar fotografias”. E é isso o que ele faz, navegando o Varadouro, ao mesmo tempo poema e paisagem.

Nele revela-se aquela consciência do espetáculo de que fala Roland Barthes, em *A câmara clara*, ao enunciar “essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto”. Aqui, o retorno do passado que ainda não passou, pois permanece na solidez da sensibilidade e da imaginação estéticas.

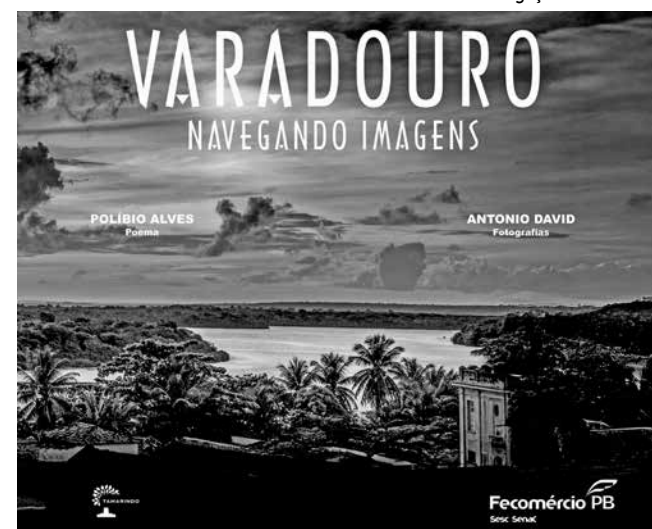
Verso e fotografia congratulam-se no ato único da criação artística. Revelam, um complementando a outra, e vice-versa, passos da história e interstícios do entorno urbano, numa sintaxe, simultaneamente verbal e icônica, responsável, portanto, pela possibilidade de um novo olhar sobre a cidade. A cidade baixa, a cidade dos antigos armazéns de secos e molhados, da Ilha do Bispo, da fábrica de cimento, dos velhos casarões, da estação de trem, dos bares e prostíbulos, aqui recuperada e reposta na pauta simbólica do texto artístico.

Vamos, sim, viajar pelo claro e escuro do rio, através das imagens que ilustram e revelam o espaço geográfico e a névoa do tempo, estuário da memória. Feitos e fatos tramados pelo fio da criação.

Vamos, sim, cruzar as linhas do verso que o outro navegante traça, capturando o halo invisível do mundo, inaugurando o lume semântico de outras realidades. O avesso, o encoberto, o sepultado.

Vê-se, aqui, também a navegação da vida. A vida navegando. Tensões e pulsões que ultrapassam os trejeitos do estereótipo, para, nesse insólito movimento e nessa fábula flutuante, fazer emergir a escrita e os caracteres do lodo e da lama, impregnando, com signos, índices e ícones, o corpo da paisagem. Corpo que se recompõe, na metáfora do rio poético, na vitalidade do que resta dos mortos. Isto é, a verdade da história e a beleza da arte.

Foto: Divulgação/Tamarindo



Livro reúne o texto de Políbio Alves às fotos de Antônio David

## TELEVISÃO

## Zé Kéti é tema de documentário

Eu sou o samba, mas pode me chamar de Zé Ketti (com dois “t”) estreia amanhã, às 20h, no Canal Brasil

Da Redação

Um verso emblemático: “A voz do morro sou eu mesmo, sim, senhor”. Ao personificar um dos gêneros mais populares do país na sua conhecida obra, o fluminense Zé Kéti solidificou a si mesmo como um dos ases de nossa música. Celebrando o legado do autor de “Leviana”, “Diz que fui por aí” e “Opinião”, o Canal Brasil estreia amanhã, às 20h, o documentário *Eu sou o samba, mas pode me chamar de Zé Ketti* (registrado, neste título, com dois “t”), com direção de Luiz Guimarães de Castro. O lançamento integra a faixa *Negritudes*, que veiculará, na sequência, reprises de outros filmes sobre figuras relevantes da MPB.

Nascido em 1921, Zé Kéti

estreitou seus laços com a música por meio do avô, João Dionísio Santana, exímio flautista e pianista. Em reuniões na casa do parente, conheceu outros colegas tão relevantes quanto ele mesmo seria um dia: Cândido das Neves e Pixinguinha. Ter nascido no bairro periférico de

Inhaúma, no Rio de Janeiro, também o aproximou de uma realidade estampada em muitas de suas faixas. Começou a compor profissionalmente na década de 1940. “Tio Sam no samba”, sucesso dos Vocalistas Tropicais de 1946, é, inclusive, contemporânea ao início de parceria emblemática com a

escola de samba Portela.

No auge de sua popularidade, nos anos 1950, compôs a trilha sonora do longa-metragem *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos — neste, ele ainda estreou como assistente de direção e ator, dando vida ao personagem Neguinho. Uma das obras presentes no filme, “A voz do morro” ganhou arranjos de Radamés Gnattali e a interpretação do cantor Jorge Goulart, angariando sobrevida nas décadas seguintes.

O vínculo com Nelson e o audiovisual garantiu-lhe novas experiências no cinema e na televisão. A vida de Zé Kéti inspirou *Rio, Zona Norte*: nesta outra fita, o ator Grande Otelo esteve a cargo do papel principal.

Em 1964, participou do mítico *show Opinião*, ao lado de Nara Leão (depois Maria Bethânia) e João do Vale,

que intercalava canções com narrações sobre problemas sociais do país, em texto de Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. A canção-título e “Malvadeza durão” eram algumas canções de Zé Kéti na trilha.

A partir dos anos 1970, Zé Kéti passou por um período de ostracismo. Nesse meio-tempo, mudou-se com uma de suas filhas para São Paulo e, no fim da década de 1980, sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), fato que contribuiu com a deterioração de sua saúde, com o passar do tempo.

Acabou “redescoberto” em 1995, quando de seu retorno ao Rio de Janeiro e do lançamento, um ano depois, da coletânea *75 anos de samba*, CD com seus maiores sucessos nas vozes de Chico Buarque, Zeca Pagodinho e outros. Antes de falecer, em 1999, foi reverenciado no Prê-

mio Sharp de Música (atual Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira) e pela própria Portela.

O Canal Brasil exibirá, na madrugada de segunda para terça-feira (25), mais documentários de grandes artistas nacionais: *Pixinguinha, um homem carinhoso* (Denise Saraceni e Allan Fiterman, 2021), às 21h30; *Tim Maia* (Mauro Lima, 2013), às 23h10; *Simonal: ninguém sabe o duro que dei* (Claudio Manoel, Michael Langer e Calvito Leal, 2009), à 1h30; *Gilberto Gil: tempo rei* (Andrucha Waddington e Lula Buarque de Hollanda, 1996), às 3h; *Alcione: o samba é primo do jazz* (Angela Zoé, 2020), a partir das 4h30; *Paulinho da Viola: meu tempo é hoje* (Izabel Jaguaribe, 2003), que terá janela de exibição às 6h; e *Sambabook Dona Ivone Lara* (Joana Mazzucchelli, 2015), fechando a grade a partir das 7h30.



Zé Kéti é nome fundamental do samba

## Em Cartaz

## Cinema

Programação de 21 a 27 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

\* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

## ESTREIAS

**HOKUM - O PESADELO DA BRUXA (Hokum).** Irlanda/ Emirados Árabes, 2026. Dir.: Damian McCarthy. Elenco: Adam Scott, Austin Amelio, Florence Ordeish. Terror. Escritor visita pousada na Irlanda sem saber que ela é assombrada por uma bruxa. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 16h30, 21h45.

**PASSAGEIRO DO MAL (Passenger).** EUA, 2026. Dir.: André Ovredal. Elenco: Jacob Sapiro, Lou Llobell, Melissa Leo. Terror. Após acidente na estrada, casal passa a ser perseguido por entidade demoníaca. 1h34. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h25; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 17h10, 22h10. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h50, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h50, 21h. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 21h05.

**O PODER DO ROSÁRIO.** Brasil, 2026. Dir.: Tiago Benetti. Elenco: Myriam Rios, Alexandre Machafer, Bella Maria Benetti. Religioso/ drama. Menina e sua mãe sofrem acidente e seus caminhos se cruzam com o de um fotógrafo cético. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 17h.

**SEXO E DESTINO.** Brasil, 2026. Dir.: Márcio Trigo. Elenco: Leticia Augustin, Bruno Gissoni, Tato Gabus Mendes, Totia Meireles, Rafael Cardoso. Drama/ religioso. Duas famílias são marcadas por conflitos com forças espirituais influenciando seus destinos. 1h50. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h50, 19h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dom.: 14h40, 18h50; seg. a qua.: 18h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dom.: 14h40, 18h50; seg. a qua.: 18h50. Patos: PATOS MULTIPLEX 3: 15h50, 18h20.

**STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU (Star Wars: The Mandalorian and Grogu).** EUA, 2026. Dir.: Jon Favreau. Elenco: Pedro Pascal, Sigourney Weaver, Martin Scorsese (voz), Jeremy Allen White (voz). Aventura/ ficção científica. Caçador de recompensas e seu pequeno aprendiz precisam resgatar o filho de um gangster em busca de informações. 2h12. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 15h30; leg.: 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: sex.: 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: seg. a qua.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 13h30, 16h40, 19h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 3D: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h30, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: 15h, 18h, 21h. CINESER-

CLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 15h30, 18h, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 15h30, 18h, 20h30. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 15h, 20h20; 2D: 17h40; seg. a qua.: 3D: 16h, 21h; 2D: 18h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 2D: 15h20, 21h; 3D: 18h10. Remígio: CINE RT: dub.: 14h, 20h30.

## ESPECIAL

**REBENTO.** Brasil, 2021. Dir.: André Moraes. Elenco: Ingrid Trigueiro, Zezita Matos, Fernando Teixeira. Drama. Após matar o próprio filho, mulher abandona casa e família e vaga encontrando personagens que podem mudar seu destino. 1h37. 12 anos. Curta de abertura: *A Mulher Invisível*, de R.B. Lima.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 16h; dom.: 19h. Entrada franca.

**O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA).** Brasil, 2023. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. Quatro atores têm seus destinos previstos por cartomantes e pais de santo. 1h21. 16 anos. Curta de abertura: *Alma*, de André Moraes.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sex. e sáb.: 19h; dom.: 16h. Entrada franca.

**2026 TXT MOA CON IN JAPAN: LIVE VIEWING (2026 TXT Moa Con in Japan: Live Viewing).** EUA, 2026. Direção não informada. Documentário/ show. Apresentação ao vivo da banda de k-pop TXT no Japão. 3h45. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 5: leg.: 16h.

## REAPRESENTAÇÃO

**BETTY BLUE (37° 2 le Matin).** França, 1986. Dir.: Jean-Jacques Beineix. Elenco: Jean-Hugues Anglade, Béatrice Dalle, Gérard Darmon. Drama/ romance. Aspirante a roteirista tenta apoiar a namorada enquanto ela sucumbe à loucura. 1h59. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: qua., 27/5: 16h; dom., 31/5: 17h.

**HORA DO RECREIO.** Brasil, 2026. Dir.: Lúcia Murat. Documentário. Jovens brasileiros vivem temas complexos em seu cotidiano nas escolas. 1h23. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 24/5: 15h; seg., 25/5: 18h40; qua., 27/5: 18h10.

**SUSPIRIA (Suspiria).** Itália, 1977. Dir.: Dario Argento. Elenco: Jessica Harper, Stefania Casini, Flávio Bucci, Alida Valli. Terror. Aluna americana de balé na Alemanha percebe que a escola é uma fachada para algo sinistro e mortal. 1h39. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 25/5: 20h20; qui., 28/5: 20h; sáb., 30/5: 17h.

## CONTINUAÇÃO

**AUTHENTIC GAMES - O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO.** Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamini. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h30. CINÉPOLIS

LIS MANGABEIRA 4: 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h.

**CHEIRO DE DIESEL.** Brasil, 2026. Dir.: Gizele Martins e Natasha Neri. Documentário. Vozes das comunidades do Rio de Janeiro relatam os traumas das ocupações das favelas pelas Forças Armadas. 1h22. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: sex., 29/5: 16h.

**ACRONOLOGIA DA ÁGUA (The Cronology of Water).** EUA/ França/ Letônia, 2025. Dir.: Kristen Stewart. Elenco: Imogen Poots, Thora Birch, Jim Belushi. Drama. Aspirante a nadadora olímpica tem vida de violência, abusos e drogas, mas supera tudo com a ajuda da escrita. 2h08. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 26/5: 15h30; dom., 31/5: 19h10.

**O DIABO VESTE PRADA 2 (The Devil Wears Prada 2).** EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 16h40, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h40, 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h15, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h, 20h45. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 18h40. PATOS MULTIPLEX 3: leg.: 20h45. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e seg.: 16h15; qua.: 18h25.

**ECLIPSE.** Brasil, 2026. Dir.: Djin Sganzerla. Elenco: Djin Sganzerla, Clarisse Abujamra, Selma Egrei, Sérgio Guizé, Luis Melo, Gilda Nomaço, Helena Ignez. Suspense. Astrônoma grávida é surpreendida por vista de meia-irmã, o que provoca a revelação de segredos sombrios. 1h49. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 24/5: 17h; qui., 28/5: 16h; sáb., 30/5: 15h.

**O GÊNIO DO CRIME.** Brasil, 2026. Dir.: André Felipe Binder. Elenco: Francisco Galvão, Bella Alelaf, Breno Kaneto, Samuel Estevean, Marcos Veras, Ailton Graça, Douglas Silva. Aventura/ comédia. Quatro crianças investigam a falsificação de uma figurinha rara do álbum da Copa do Mundo. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h15.

**MÃE E FILHO (Zan va Bache).** Irã/ França/ Alemanha, 2026. Dir.: Saeed Roustayi. Elenco: Parinaz Izadyar, Sinan Mohebi, Payman Maadi. Drama. Enfermeira lida com o filho rebelde e com a busca por justiça após uma tragédia. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 24/5: 19h; qua., 27/5: 20h; sáb., 30/5: 19h.

**MICHAEL (Michael).** Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Juliano Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30; leg.: 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h40, 17h40, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 15h, 17h50, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h45, 18h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 20h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 20h20. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h20. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h10, 18h, 20h45; seg. a qua.: 16h, 18h35. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 19h55. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; qua.: 16h15.

14h30; leg.: 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h40, 17h40, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 15h, 17h50, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h45, 18h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 20h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 20h20. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h20. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h10, 18h, 20h45; seg. a qua.: 16h, 18h35. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 19h55. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; qua.: 16h15.

**MORTAL KOMBAT 2 (Mortal Kombat 2).** EUA, 2026. Dir.: Simon McQuoid. Elenco: Karl Urban, Ludi Lin, Jessica McNamee. Aventura. Guerreiros enfrentam o imperador-ditador de um reino. 1h56. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 22h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h30, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30, 20h50. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 17h20. Remígio: CINE RT: dub.: seg.: 18h20; ter.: 16h15.

**OBSESSÃO (Obsession).** EUA, 2026. Dir.: Curry Barker. Elenco: Michael Johnston, Inde Navarrette, Cooper Tomlinson. Terror. Rapaz tem desejo atendido de que o alvo de sua paixão se apaixone por ele, mas com desdobramentos sombrios. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 17h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h15, 19h40. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h40. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: seg. a qua.: 21h.

**PAI, MÃE, IRMÃ, IRMÃO (Father, Mother, Sister, Brother).** EUA/ Reino Unido/ Itália/ França/ Irlanda/ Alemanha, 2025. Dir.: Jim Jarmusch. Elenco: Tom Wats, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps. Comédia/ drama. Irmãos se reencontram após anos e reavaliam os relacionamentos com os pais distantes. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: sex., 29/5: 20h10.

**PAPAGAIOS.** Brasil, 2026. Dir.: Douglas Soares. Elenco: Gero Camilo, Roney Vilela, Marcello Escorel. Suspense. Homem que busca fama aparecendo em reportagens sobre tragédias conhece jovem obcecado por visibilidade, em uma relação de ambição e perigo. 1h30. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qui., 28/5: 18h10; dom., 31/5: 15h.

**ORISO E A FACA.** França/ Portugal/ Brasil/ Romênia, 2025. Dir.: Pedro Pinho. Elenco: Sérgio Coragem, Cleo Diária, Jonathan Guilherme. Drama. Engenheiro ambiental na África constrói laços íntimos, mas frágeis, com dois moradores locais. 3h31. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 25/5: 15h.

**RUAS DA GLÓRIA.** Brasil/ França/ Argentina, 2026. Dir.: Felipe Sholl. Elenco: Caio Macedo, Alejandro Claveaux, Diva Menner. Drama. Antropólogo argentino vai ao Rio estudar profissionais do sexo, mas é seduzido pelo seu objeto de pesquisa e se torna também um deles. 1h43. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 26/5: 19h; sex., 29/5: 18h10.

**SUPER MARIO GALAXY: O FILME (The**

*Super Mario Galaxy Movie*). Japão/ EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/ aventura/ animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h30. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 14h40; seg. a qua.: 15h05.

## Teatro

## HOJE

**CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE.** Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Baseado no livro de Roald Dahl. Menino pobre encontra bilhete premiado para uma visita a uma fábrica de chocolate, guiada por seu excêntrico proprietário. Livre.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manáira). Domingo, 24/5, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 30, antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

**MEMÓRIAS DE TERRA E ÁGUA.** Texto baseado em obra de Mia Couto. Direção: André Moraes e Lúcia Serpa. Com André Moraes. João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Sexta e sábado, 20h, e domingo, 18h, de 22 a 31/5. Entrada franca.

## Dança

## HOJE

**MOSCOW CITY BALLET.** Apresentação do balé *O lago dos cisnes* pela companhia russa fundada em 1988, com 36 bailarinos em cena.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 24/5, 19h. Ingressos: de R\$ 110 (balcão/ meia) a R\$ 300 (plateia A/ inteira), antecipados pela plataforma Ingresso Digital.

## Música

## AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE + JOÃO CALVANTI.** Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Esta edição tem a participação do ex-vocalista do Casuarina.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 25/5, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

## ORÇAMENTO DEMOCRÁTICO

# Cidadãos têm poder para definir destino de verbas públicas

*Nos últimos três anos, R\$ 900 milhões foram aplicados em obras prioritárias para a população da Paraíba*

Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

O Orçamento Democrático Estadual (ODE) — mecanismo de participação social no qual os cidadãos decidem sobre a destinação do dinheiro público em obras e serviços — aplicou, nos últimos três anos, cerca de R\$ 900 milhões em projetos considerados prioritários pela popula-

ção da Paraíba. No ciclo de 2026, iniciado neste mês, o investimento será ainda maior: R\$ 1,1 bilhão.

“A essência do Orçamento Democrático é encher o ginásio de sonhos, e as pessoas precisam chegar lá [com a seguinte ideia]: ‘Eu tenho um sonho e ele vai ter que chegar no governador, no secretário de Educação, no secretário de Segurança Pública, para

eu não ter a minha viagem em vão”, classifica o secretário-executivo do ODE-PB, Júnior Caróe.

Neste ano, a metodologia do Orçamento Democrático Estadual passou por algumas alterações, como a inclusão de representantes da população na mesa central das audiências e a garantia de fala para 100% dos municípios de cada região. Além disso, os anúncios de obras deixaram de ocorrer no início da plenária, sendo realizados após a fala de cada município para dar sentido pedagógico à devolutiva governamental.

“A gente tentou não romper com tudo aquilo que se teve no Orçamento Democrático nos últimos 15 anos, mas começar a introduzir novidades para que a gente possa aguçar melhor a percepção das pessoas sobre o seu direito em participar na gestão pública”, justifica Caróe.

Do ponto de vista logístico, o ODE também avançou, adquirindo carros fixos para todas as regiões do estado, eliminando a dependência de empréstimos de outras secretarias e garantindo maior mobilidade durante a realização das audiências.

Para o próximo ano, mais uma alteração deve ser implementada, com a realização de audiências públicas setoriais, focadas em temas específicos, como educação e saúde. No ciclo do próximo ano, a pro-



Foto: Francisco França/Secom-PB

Primeiras audiências deste ano registraram recorde de público

## Saiba Mais

As audiências do ODE 2026 têm registrado recorde de público. Em Cajazeiras, que abriu o ciclo deste ano, a participação chegou a mais de sete mil pessoas, enquanto, em Sousa, o número superou os cinco mil participantes. Dos 16 encontros previstos, ainda restam 11, conforme mostra o cronograma abaixo:

- 28 de maio (quinta-feira)  
5ª RGA — Monteiro | Ecit José Leite de Souza
- 29 de maio (sexta-feira)  
3ª RGA — Campina Grande | Ecit Braulio Maia
- 30 de maio (sábado)  
4ª RGA — Cuité | ECI Orlando Venâncio
- 5 de junho (sexta-feira)  
13ª RGA — Pombal | Ginásio Estadual Eliezer Ghandi Abrantes de Souza
- 6 de junho (sábado)  
6ª RGA — Patos | ECI José Gomes Alves
- 9 de junho (terça-feira)  
2ª RGA — Guarabira | Ecit José Soares
- 10 de junho (quarta-feira)  
3ª RGA — Esperança | Ginásio Níneo
- 17 de junho (quarta-feira)  
14ª RGA — Mamanguape | Ecit João da Mata
- 18 de junho (quinta-feira)  
12ª RGA — Pedras de Fogo | Ecit João Úrsulo
- 1º de julho (quarta-feira)  
12ª RGA — Itabaiana | Ecit Dr. Antônio Batista Santiago
- 2 de julho (quinta-feira)  
1ª RGA — João Pessoa | Espaço Cultural José Lins do Rêgo

## Modelo participativo consolidou-se, porém é necessário aprimorá-lo

Historicamente, os princípios do Orçamento Participativo (OP) começaram a se formar no país como um mecanismo de democracia direta, superando outros instrumentos, como o plebiscito e o referendo. A experiência pioneira ocorreu em Porto Alegre, no fim dos anos 1980, expandindo-se para outros municípios e estados.

O pesquisador Jackson Macêdo aponta que a participação nas audiências al-

tera a percepção do cidadão, retirando o governo de uma posição distante para uma mais próxima da realidade da população.

“Quando o governo acolhe essa demanda que é escolhida, colocando-a dentro da prioridade orçamentária e executando-a, as pessoas se sentem extremamente empoderadas”, argumenta.

O especialista afirma que a literatura considera três gerações de OP: a primeira, que seria a sua implantação em si; a segunda, correspondente à sua institucionalização; e a terceira, a partir de sua expansão, deslocando as experiências municipais para outros entes federativos.

Contudo, o pesquisador aponta, ainda, uma quarta geração, que seria a superação do esvaziamento dos espaços de participação social, realizado, principalmente, durante o governo Jair Bolsonaro.

“O principal desafio deste momento, na minha con-

cepção, é aprimorar metodologicamente o orçamento participativo. Para que ele não fique mais do mesmo, nós temos que criar metodologias novas, estreitando ainda mais essa relação com a comunidade, para que a pessoa realmente se sinta importante e queira sair de casa para participar de uma audiência”, analisa.

Nessa perspectiva, Jackson Macêdo avalia que as experiências na Paraíba são institucionalmente fortes e metodologicamente resilientes, resistindo às mudanças de gestão ao longo de décadas.

“Eu acho que a experiência, por exemplo, da Paraíba é extremamente importante, porque ela é híbrida. Ela usa tanto o ambiente digital como também as audiências públicas, com muita gente participando. Então, esse é o grande desafio do OP: aprimorar as metodologias para que as pessoas continuem participando dessa política pública”, reforça.

jeção é não realizar audiências em João Pessoa, Campina Grande e Patos, por exemplo.

“Se a gente fala que o orçamento é democrático, que ele seja democrático não só na priorização, mas também no acesso das pessoas [a esse instrumento], porque isso é importante”, pontua o secretário-executivo.

### Ações entregues

Entre os exemplos de obras e ações entregues neste ano que partiram do ODE, estão a Adutora Transparaíba (Ramal do Curimataú e do Cariri), com investimento superior a R\$ 350 milhões, e a Vila Olímpica de Guarabira, que custou mais de R\$ 30 milhões. A rodovia que interliga Nova Olinda a Tavares, que utilizou recursos na or-

dem de quase R\$ 90 milhões, é outro exemplo de demanda que surgiu e foi priorizada pelo modelo participativo de gestão pública.

Júnior Caróe lembra que a participação social é um direito adquirido após a Constituição de 1988 e o ODE é um importante canal para que as demandas da população se transformem em ações concretas, garantindo que o dinheiro público retorne à sociedade.

“A gente está construindo um caminho para que qualquer governo que venha depois de nós, de qualquer espectro político, entenda que, para fazer uma gestão pública decente, que de fato inclua as pessoas, você tem que colocá-las no centro da discussão”, resume.



Foto: Evandro Pereira

**Se a gente fala que o orçamento é democrático, que ele seja democrático não só na priorização, mas também no acesso das pessoas**

Júnior Caróe

## Na capital, gestores esperam atrair oito mil pessoas às audiências

Em nível municipal, o Orçamento Participativo de João Pessoa completa 21 anos em 2026, contando com 14 conselhos regionais, cada um com 15 a 35 conselheiros, e um conselho municipal, composto por 28 membros (14 titulares e 14 suplentes). O sistema inclui reuniões técnicas bimestrais com secretarias, como as de Saúde e Infraestrutura, além de plenárias regionais.

Duas rodadas de reuniões do Conselho Municipal já foram realizadas neste ano, com a participação de secretarias importantes. Na primeira, a Secretaria Municipal de Limpeza Urbana esteve presente para abordar temas como educação ambiental e as demandas relacionadas à coleta de lixo e limpeza das ruas.

A segunda rodada contou com a Secretaria Municipal de Saúde, que, por meio de técnicos dos cinco distritos sanitários, dialogou com os conselheiros sobre as unidades de saúde, suas dificuldades e a cobertura dos serviços. A terceira rodada de



Foto: Arquivo Pessoal

**O prefeito vai às 14 regiões dialogar com a população, para que a gente possa prestar conta daquilo que foi demandado**

Givanildo Pereira

reuniões dos conselhos regionais está prevista para começar no fim deste mês.

Em junho, terão início as

audiências regionais, com o objetivo de discutir o ciclo orçamentário, as demandas e as prioridades. A expectativa deste ano é dobrar a participação popular, superando os 3.400 participantes de 2025 e buscando atingir quase oito mil.

O secretário-executivo de Participação Popular, Givanildo Pereira, explica o momento: “É aquele em que o prefeito vai às 14 regiões dialogar com a população, para que a gente possa prestar conta daquilo que foi demandado nas audiências do ano de 2025, mas também projetar os investimentos para 2027”.

As propostas deliberadas nas plenárias são automaticamente incorporadas ao planejamento da Lei Orçamentária Anual (LOA) do ano seguinte. Caso não sejam executadas em um exercício, as demandas são transferidas para o Plano Plurianual (PPA), garantindo que não sejam esquecidas, embora a execução final dependa da disponibilidade financeira.

## REGIME JURÍDICO

# PEC dá mais autonomia para o Banco Central

Proposta será votada pela CCJ do Senado Federal na próxima quarta-feira

Da Redação  
com Agência Senado

O Senado deve concentrar atenção, nos próximos dias, à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 65/2023, que amplia a autonomia do Banco Central (BC). De autoria de Vanderlan Cardoso (PSD-GO), o texto estende a atual autonomia operacional, estabelecida desde 2021, a uma autonomia também administrativa, contábil, orçamentária, financeira, operacional e patrimonial. Relator da PEC na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), Plínio Valério (PSDB-AM) apresentou, na última quarta-feira (20), um texto substitutivo. O presidente da CCJ, Otto Alencar (PSD-BA), concedeu vista coletiva e marcou a votação para a próxima quarta-feira (27).

Além de consolidar um regime jurídico para o Banco Central, que deixaria de ser uma autarquia e seria transformado em instituição de "natureza especial", o relatório de Plínio Valério incorpora emendas de parlamentares, detalha mecanismos de controle e tenta afastar críticas de que, com a PEC, a instituição poderia se transformar em uma espécie de ente desvinculado do controle estatal.

Hoje, o Banco Central já tem autonomia técnica e operacional garantida pela Lei Complementar nº 179/2021. Isso significa, por exemplo, que o presidente da instituição tem mandato fixo e não pode ser demitido livremente pelo presidente da República.

A PEC, no entanto, vai além desse modelo, e coloca o BC fora do âmbito do Orçamento da União. Autor e relator argumentam que, apesar da autonomia operacional, o Banco Central ainda depende do Orçamento e pode sofrer limitações administrativas e financeiras impostas pelo Governo Federal.

## Regime jurídico

Nesse sentido, o principal ponto do relatório é criar um novo *status* jurídico para o Banco Central. O texto de Plínio Valério deixa de tratar a instituição apenas como uma "autarquia especial", como seria a PEC de Vanderlan, e passa a defini-la como uma "entidade pública de natureza especial", integrante do "setor público financeiro", com autonomia técnica, operacional, administrativa, orçamentária e financeira.

Um dos argumentos usados pelo senador Vanderlan Cardoso é o de que o Banco Central precisaria deixar de ser enquadrado como uma autarquia tradicional para evitar conflitos jurídicos com outras entidades públicas. Ele diz que conceder autonomia financeira ao BC, mantendo sua classificação atual, poderia abrir espaço para que outras autarquias federais reivindicassem o mesmo tratamento na Justiça.

Para o relator, seu substitutivo deixaria claro que o Banco Central continuará sendo um órgão estatal, mas com um regime jurídico próprio, diferente do aplicado aos demais órgãos da administração pública. Pelo relatório de Plínio Valério, o Banco Central não



Norma concede liberdade administrativa, contábil e operacional à instituição financeira

terá finalidade lucrativa e continuará exercendo funções típicas de Estado, como emissão de moeda, regulação do sistema financeiro e gestão das reservas internacionais.

## Fora do orçamento

Pelo texto, o orçamento do Banco Central deixaria de integrar o Orçamento da União e passaria a ser custeado por receitas próprias, como rendimentos de seus ativos financeiros.

Diferentemente de ministérios e outros órgãos públicos, o Banco Central realiza operações financeiras e administra ativos bilionários, como ganhos com aplicação das reservas internacionais em ativos no exterior, receitas relacionadas à emissão de moeda e títulos públicos. Essas operações geram receitas, às quais a PEC dá a destinação de financiar o funcionamento do BC.

Hoje, os rendimentos e resultados financeiros do Banco Central não ficam com a instituição. Eles entram na relação financeira entre o Banco Central e o Tesouro Nacional, disciplinada principalmente pela Lei nº 13.820, de 2019.

Por exemplo, quando o Banco Central tem lucro em determinadas operações, especialmente com reservas internacionais e variação cambial, o resultado é transferido ao Tesouro Nacional. Quando há prejuízo, a União também pode cobrir essas perdas por meio da emissão de títulos públicos.

Com o substitutivo, o BC ganharia liberdade para elaborar e executar seu próprio orçamento, sem depender de dotações anuais do Governo Federal e da relação com o Tesouro. Para Plínio Valério, isso reduziria riscos de contingenciamento e evitaria pressões políticas indiretas sobre a autoridade monetária.

## Demandas

Para o relator, a PEC atenderia às demandas expressas pelo presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, durante audiência na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) na última terça-feira (19). Na ocasião, ele afirmou que o atual modelo orçamentário dificulta investimentos em tecnologia, inteligência artificial e recomposição do quadro de servidores da instituição, apesar do crescimento das atribuições do BC, do aumento do número de instituições bancárias e da expansão de sistemas como o Pix.

"Nós temos, nos últimos 10 anos, menos 1,2 mil, 1,3 mil servidores do que nós tínhamos antes. Neste ano, eu devo ter 100 servidores se aposentando na supervisão, de 600 vai cair para 500, com muito mais instituições que nós temos hoje no mercado para serem supervisionadas", informou Plínio Valério.

## Limites

Por outro lado, o parecer tenta formular mecanismos de controle para criar uma espécie de supervisão. O texto determina que despesas administrativas, de pessoal e investimentos deverão passar por apreciação prévia do Conselho Monetário Nacional (CMN) e por deliberação do Senado Federal.

O relatório também estabelece limites para o crescimento das despesas do Banco Central. Uma das mudanças incorporadas pelo relator prevê que os gastos com pessoal não poderão crescer acima do valor-limite referente ao exercício do ano anterior, corrigido pela inflação, salvo autorização expressa do Senado.

## Servidores

Pelo relatório, serão preservados os direitos previstos nos artigos constitucionais que tratam do funcionalismo público, como estabilidade, regras previdenciárias e teto remuneratório para os servidores da instituição.

Plínio Valério tenta afastar a interpretação de que o BC deixaria o regime de direito público ou passaria a funcionar como empresa estatal privada. Questionado sobre essa mudança, o senador reforçou que nada mudará para os atuais servidores e aposentados da instituição.

"Permanece a mesma coisa, não tem perigo nenhum [de mudança]. Os aposentados, os ativos e inativos têm os mesmos direitos: quando houver aumento para um, vai ter para o outro. O plano de saúde não prejudica, não tem absolutamente nada a perder", disse o senador.

O parecer permite que o BC possa gerir sua própria estrutura de pessoal. Pelo texto, a instituição poderá definir política remuneratória, planos de carreira e propor criação ou extinção de cargos ao Legislativo, de acordo com suas necessidades funcionais.

Outro ponto importante é que o Banco Central passará a administrar diretamente aposentadorias e pensões de seus servidores. A instituição po-

derá processar, gerir e pagar os benefícios previdenciários utilizando receitas próprias, sem depender do Orçamento da União.

## Novas contratações

O relator argumenta que o Banco Central permanecerá "no direito público". No entanto, a garantia explícita de estabilidade e preservação de direitos aparece apenas para os atuais servidores e aposentados. Ainda que o relatório não determine que os novos servidores serão celetistas, há essa possibilidade: para os futuros contratados, o texto remete a regulamentação a uma lei complementar que será editada posteriormente. E será a futura lei que definirá:

- se os novos servidores continuarão estatutários;
- se haverá carreiras próprias, diferenciadas;
- se poderá existir algum modelo híbrido de contratação.

## Prazo

Pelo relatório de Plínio Valério, o presidente da República terá 120 dias após a promulgação da emenda constitucional para encaminhar o projeto de lei complementar que regulamentará o novo regime jurídico do Banco Central.

O texto também prevê uma espécie de plano B caso o Executivo não envie a proposta nesse período. Se os 120 dias expirarem sem o encaminhamento do projeto, a iniciativa legislativa poderá seguir a regra geral prevista na Constituição, permitindo que parlamentares apresentem a proposta de regulamentação.

A PEC também dá ao BC a prerrogativa de submeter, por ato próprio, propostas legislativas ao presidente da República, em assuntos de seu interesse.

## Pix

O relatório também cria uma espécie de blindagem constitucional do Pix. A PEC determina que o sistema de pagamentos instantâneos continue sob controle exclusivo do Banco Central e mantenha a gratuidade para pessoas físicas. Segundo o relator, como as regras atuais estão apenas em normas infralegais, elas poderiam ser alteradas com mais facilidade no futuro.

Segundo Plínio Valério, a medida evitará riscos de "privatização", fragmentação ou captura comercial do Pix, preservando o sistema como infraestrutura pública digital estratégica.

# Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Vinte anos da Toca

Em maio de 2026, estou celebrando os 20 anos do meu *blog*, Toca do Leão. Há exatas duas décadas, pedi ao meu filho que abrisse um *blog* para publicar minhas crônicas e poemas. Eu, analfabeto virtual assumido, queria apenas um canto onde pudesse guardar pensamentos antes que eles evaporassem. O *blog* cresceu, virou coluna no jornal **A União**, o único impresso da Paraíba, e, todo domingo, a Toca do Leão continua saindo por aí, tentando transformar pensamentos soltos em memória escrita.

Dentro dele, nasceu a coluna "Tijolinhos do Mozart", na qual escrevo sobre o cotidiano: dias comuns, outros meio malucos, pensamentos reais e outros nem tanto. São textos simples, quase conversas comigo mesmo, sem precisar interromper ninguém. Nem sempre escrevo para ser entendido; às vezes, escrevo apenas para não guardar tudo em silêncio.

Um *blog* pessoal é uma janela aberta para pensamentos que, normalmente, ficariam escondidos. Quando alguém escreve sobre a própria rotina, acaba revelando mais do que acontecimentos: revela medos, fragilidades, versões de si mesmo. A exposição não está apenas no que se diz, mas também no que fica escondido entre as linhas.

Talvez por isso eu tenha transformado a escrita numa espécie de terapia clandestina. Sou um sujeito carregado de inibição e nunca me confessei a psiquiatra nem psicólogo, mas desconfio que este *blog* seja minha tentativa silenciosa de cura. No conforto do computador, transformo ansiedade em crônica e vulnerabilidade em conversa pública.

Nesses 20 anos, já fui censurado em grupo de WhatsApp, processado,

“

**Um blog pessoal é uma janela aberta para pensamentos que, normalmente, ficariam escondidos**

ameaçado por malucos e colecionei intrigados. Pediram delicadamente que eu não publicasse mais os "Tijolinhos" em determinado grupo, porque eu falava demais de política. Na verdade, o problema era outro: eles eram devotos do velho Bozó, personagem

que, no meu *blog*, costuma apanhar sem piedade.

Os "Tijolinhos" acabaram virando um diário fragmentado da minha vida cultural, política e emocional. Misturo memória, humor ácido, comentários sociais, lembranças do interior da Paraíba, de onde vim, rádio comunitária, literatura de cordel, velhas fotografias, amigos mortos, envelhecimento e as ironias do cotidiano — tudo no mesmo fluxo narrativo.

Escrevo de maneira informal, como quem puxa uma cadeira para conversar diretamente com o leitor. Às vezes, cito familiares, desafetos, frustrações profissionais e episódios antigos. Por isso, o *blog* deixou de ser apenas espaço de opinião: virou arquivo emocional, inventário afetivo de uma vida.

E tem quem goste. O editor Sérgio Ricardo Santos, do portal DiárioPB, republica os "Tijolinhos" no jornal eletrônico. De vez em quando, o sistema bloqueia temporariamente o *IP* por segurança, tamanho o número de acessos.

Vinte anos depois, continuo aqui, empilhando tijolos de memória para não deixar o silêncio cimentar os tempos em que não havia celular, havia infância.

## SÉCULO 19

# Estudo rastreia poupanças antigas

Pesquisadores descobriram quantias que serviriam para pagar alforrias de pessoas escravizadas no país

Da Redação  
com Agência Brasil

Um capítulo importante da história brasileira começa a ser desvendado. Pesquisas revelam registros financeiros de pessoas escravizadas no século 19 e indicam que esses valores podem ser quantificados, atualizados e restituídos para os descendentes.

A hipótese é que o dinheiro depositado em contas da Caixa Econômica Federal tenha sido poupado para pagar a alforria de pessoas escravizadas até a abolição da escravidão, ocorrida há mais de 130 anos, em 1888.

Naquele momento, existiam, no Brasil, 723.419 pessoas escravizadas, conforme contabilizava a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas — o Ministério da Agricultura da época.

Até o momento, o Ministério Público Federal (MPF) identificou 158 cadernetas de poupança abertas por escravizados no acervo histórico do banco. Para ampliar esse escopo, o MPF determinou que a Caixa forneça informações detalhadas sobre os registros financeiros de escravizados.

O MPF quer saber qual equipe será envolvida pela Caixa na apuração, que metodologia será adotada e qual a quantidade disponível dos chamados “livros de conta corrente”, com anotações de depósitos e saques dos ex-escravizados em poupança existentes no acervo do banco público. Os livros de conta corrente ainda contêm a remuneração dos juros (6% a cada seis meses).

Em nota, a Caixa informa que tem contribuído com o Ministério Público Federal do Rio de Janeiro e apresentou, dentro do prazo requerido, todas as informações solicitadas. O banco público destacou, ainda, que a guarda, conservação e pesquisa do seu acervo histórico é um processo contínuo e permanente, efetuado por equipes multidisciplinares no âmbito da Caixa Cultural, com respeito aos limites e às condições materiais do acervo histórico.

“A Caixa reforça seu papel histórico na promoção da igualdade racial no país e dispõe de políticas estruturantes de combate ao racismo e a promoção da igualdade na sociedade brasileira”, assegurou a instituição.

### Maior que Copacabana

A papelada a ser investigada não diz respeito apenas ao século 19, mas a toda a história do banco. Se dispostos lado a lado, os documentos para triagem estendem-se por 15 km — medida 3,6 vezes maior que o iconográfico calçadão da Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.

De acordo com a historiadora Keila Grinberg, responsável pela estimativa da extensão dos documentos, a tarefa será separar o joio do trigo, verificar as condições do material, catalogar, anali-

sar e tornar disponível para a sociedade.

“É preciso organizar apropriadamente, digitalizar, criar instrumentos de busca para que os pesquisadores e a população em geral possam consultar apropriadamente”, explica ela, que também é professora do Departamento de História e Diretora do Center for Latin American Studies da Universidade de Pittsburgh (Pensilvânia, EUA).

A acadêmica e outros historiadores não têm estimativas de quantas cadernetas de poupança foram abertas na Caixa antes da abolição. “Nem onde foi parar o dinheiro”, ressalta a pesquisadora, que colabora com o inquérito civil em trâmite na Procuradoria da República, no Rio, sobre os registros financeiros.

Segundo Keila Grinberg, a ação do MPF é justamente para fazer com que a Caixa organize e disponibilize a sua documentação, de forma que as pesquisas a respeito do tema possam avançar.

### Para romper o silêncio

O avanço desejado pelos estudiosos da escravidão e pelos movimentos sociais negros é romper com sigilos históricos e com o senso comum que disfarça, oculta ou nega a segregação racial no Brasil, avalia o historiador Itan Cruz Ramos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

“A estrutura das relações raciais no Brasil e do racismo seguem uma lógica do silêncio e da dissimulação, o que dá espaço para que aquela ideia de que, no país, cada um é uma ilha de antirracismo, mas cercada de racistas. Assim, o racismo está sempre no outro”, denuncia.

No plano institucional, falsear a realidade junta-se com apagar o passado — das dificuldades de localizar registros e recuperar a história. “As perdas, a degradação dos arquivos são projetos de um país que não quer lidar com o trauma e com o incômodo da escravidão, e também com a luta por direitos do povo negro brasileiro”, assinala Itan Cruz Ramos.

“Na verdade, isso não é acidente, não é o acaso. O Brasil nunca deu tanta importância ao seu passado escravista a partir de lentes das pessoas



Caixa Econômica Federal funcionava no edifício que, hoje, pertence à Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro

negras. A escravidão sempre é vista como algo horrível que deve ficar no passado”, acrescenta o historiador.

Itan Cruz Ramos é autor de um artigo publicado em 2024 na *Revista de História* da Universidade de São Paulo (USP), que conta como o fundo nacional de emancipação, que a princípio tinha como finalidade auxiliar os escravizados na conquista da sua liberdade, acabou sendo apropriado por fazendeiros para pagar a importação de mão de obra europeia — em especial trabalhadores italianos, para as lavouras de café no Sudeste do Brasil.

O fundo foi previsto para negros na Lei do Ventre Livre (1871) e foi desvirtuado na Lei do Sexagenário (1885). Após a abolição da escravatura (1888), deixou de ter destinação para reparar a escravidão, apesar de reivindicações diretas de negros junto a autoridades como Ruy Barbosa, ministro da Fazenda e da Justiça no governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca — o primeiro da República, proclamada em 1889.

O fundo de emancipação — que, em 1889, guardava

a quantia de 12.622.308\$776 (lê-se 12.622 contos e 308.776 réis) — desapareceu nos anos iniciais da República, quando passou a ser chamado de “rendas especiais” antes de sumir dos registros, descreve Itan Cruz. A ferramenta disponível no site do Banco Central afirma que o valor “não possui equivalência direta ou conversão automática oficial para o real atual (R\$)”. Antes da Proclamação da República, entretanto, o valor superava o orçamento individual dos ministérios do Império, da Marinha, da Justiça e dos Estrangeiros.

De acordo com o historiador Itan Cruz, o campo de estudos sobre o tema está longe de esgotar suas fontes. “Há muito ainda a ser descoberto sobre a escravidão, mas também sobre a liberdade”. A conclusão é semelhante à que ele chega em seu artigo científico: “Há muito dinheiro para seguir e descobrir”.

### Origem e reparação

O inquérito aberto pelo MPF contra a Caixa Econômica Federal é fruto de uma representação do Quilombo Raça e Classe. Para o pro-

curador regional dos Direitos do Cidadão adjunto no Rio de Janeiro, Júlio Araujo, o levantamento é limitado e não traz informações essenciais, o que compromete o resultado.

“Nós constatamos que existe um arquivo enorme, um acervo enorme, que não está devidamente organizado do ponto de vista arquivístico. Merece tratamento. A grande questão sobre as economias, sobre o uso do pecúlio, naquela época é que não basta analisar as cadernetas de poupança. É necessário analisar também os livros de conta corrente, que eles vão dar um sinal importante sobre isso. E isso não é o MPF que está falando, pesquisadores importantes, como a pesquisadora Keila Grinberg, colocam a necessidade de ir além das cadernetas de poupança. O trabalho é importante, mas precisa ser bem feito, com metodologia adequada, e isso não foi informado. A Caixa informou um número, mas não disse como chegou a esse número, como que isso foi identificado”, defendeu.

Diante das inconsistências, o MPF determinou que a Caixa apresente informações detalhadas sobre a equipe envolvida na pesquisa e a metodologia adotada. A instituição também deve indicar a quantidade de livros de contas correntes existentes no acervo.

Na visão da dirigente nacional do Quilombo Raça e Classe, Maristela Farias, o que importa não é a quantidade de contas abertas por pessoas escravizadas, mas a reparação histórica pelas vidas negras.

“A lógica é a reparação, pela sociologia, pela mudança do fim do racismo no país e no mundo. Os judeus foram reparados, os japoneses

■ **Ministério Público determinou que a Caixa forneça informações detalhadas sobre os registros financeiros**

foram reparados. E como, recentemente, a própria Organização das Nações Unidas (ONU) declarou que esses crimes de guerra são ainda menores que o crime da escravidão, pelo tempo que durou a escravidão, foram mais de 300 anos de exploração, de opressão, de violência. E a gente também avalia que são crimes continuados, porque a gente percebe que esse processo acaba se dando até os dias de hoje”, explicou.

Ela reforça a importância da memória e lembra da dívida do Estado brasileiro com os descendentes desses escravizados:

“É justo e necessário para os negros e negras no Brasil, que seguiram sendo marginalizados, discriminados, oprimidos e explorados pela sociedade do capital, que surgiu logo após a dita abolição, como também jogar luz sobre contas correntes de escravizados de todas as formas de controle social pela violência física, psíquica, moral, cultural, econômica e social. Então, para a memória histórica de fato, o Estado brasileiro tem uma dívida com os afro-brasileiros, e nos enquadramos na verdade e na memória histórica dos 388 anos de escravidão, onde deixou marcas na história do Brasil e na vida da população negra brasileira”, reivindicou.



Caderneta do escravo Gil (Escravo da Nação). Aberta em 14/05/1866. Savings Passbook of the slave Gil (Slave of the Nation). Opened on May 14, 1866.

MPF identificou 158 cadernetas de poupança no acervo histórico do banco público

## NORDESTE

# Editais somam mais de 130 vagas

Aroeiras encerra inscrições hoje, enquanto UEPB e UFRN abrem oportunidades para cargos técnico e magistério

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A fogueira ainda não acendeu, mas a contagem regressiva já começou — e não apenas para o São João. Para os concursistas dispostos a mergulhar nos estudos durante os festejos, o fim de maio também reserva boas oportunidades no serviço público. O prazo mais imediato é o da Prefeitura de Aroeiras, cujas inscrições terminam hoje. Já a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) abriu uma nova seleção para cargos técnico-administrativos, com salários que podem chegar a R\$ 3,7 mil. Enquanto isso, no estado vizinho, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) está com inscrições abertas para professores do magistério superior. Ao todo, são 131 vagas em diferentes áreas de atuação.

### Reta final

Entre os editais da semana, o concurso da Prefeitura de Aroeiras, no Agreste paraibano, é o que exige atenção redobrada dos candidatos. As inscrições terminam hoje, encerrando o prazo para quem pretende disputar uma das 97 vagas abertas pela administração municipal. As oportunidades incluem cargos como assistente social, arquiteto, terapeuta, professor, médico, nutricionista, motoristas, mecânico, técnico de laboratório e farmacêutico, entre outras especialidades. Já os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 14 mil, conforme a função, com jornadas de 20 a 40 horas semanais. Vale destacar que, para plantonistas, o edital prevê escala de 24 horas por plantão, com remuneração entre R\$ 400 e R\$ 450 por turno.

Para os interessados, as inscrições devem ser feitas pelo site da Fundação Vale do Piauí (Funvapi), organizadora do concurso, com taxas de R\$ 53,70 para nível fundamental, R\$ 63,70 para nível médio e R\$ 103,70 para nível superior. Quanto à avaliação, o processo será composto por prova objetiva de múltipla escolha, de caráter classificatório e eliminatório, a ser aplicada para todos os cargos, no dia 14 de junho. Também haverá uma etapa adicional, de análise de títulos, para o cargo de professor. Todo o concurso será realizado em Aroeiras.

### Também na Paraíba

Na UEPB, por sua vez, o novo edital mira candidatos interessados em atuar na estrutura técnico-administrativa da instituição. Ao todo, são oito vagas para cargos de níveis fundamental, médio e técnico, com regime de contratação estatutário. Há oportunidades para auxiliar de laboratório de Fotografia e técnicos em Agropecuária, Prótese Dentária, Laboratório de Física e Radiologia. De acordo com o cargo escolhido, a jornada de trabalho pode variar de 24 a 40 horas semanais. Já a remuneração prevista é de R\$ 2,1 mil para cargos de nível fundamental e de R\$ 3,7 mil para funções de nível médio e

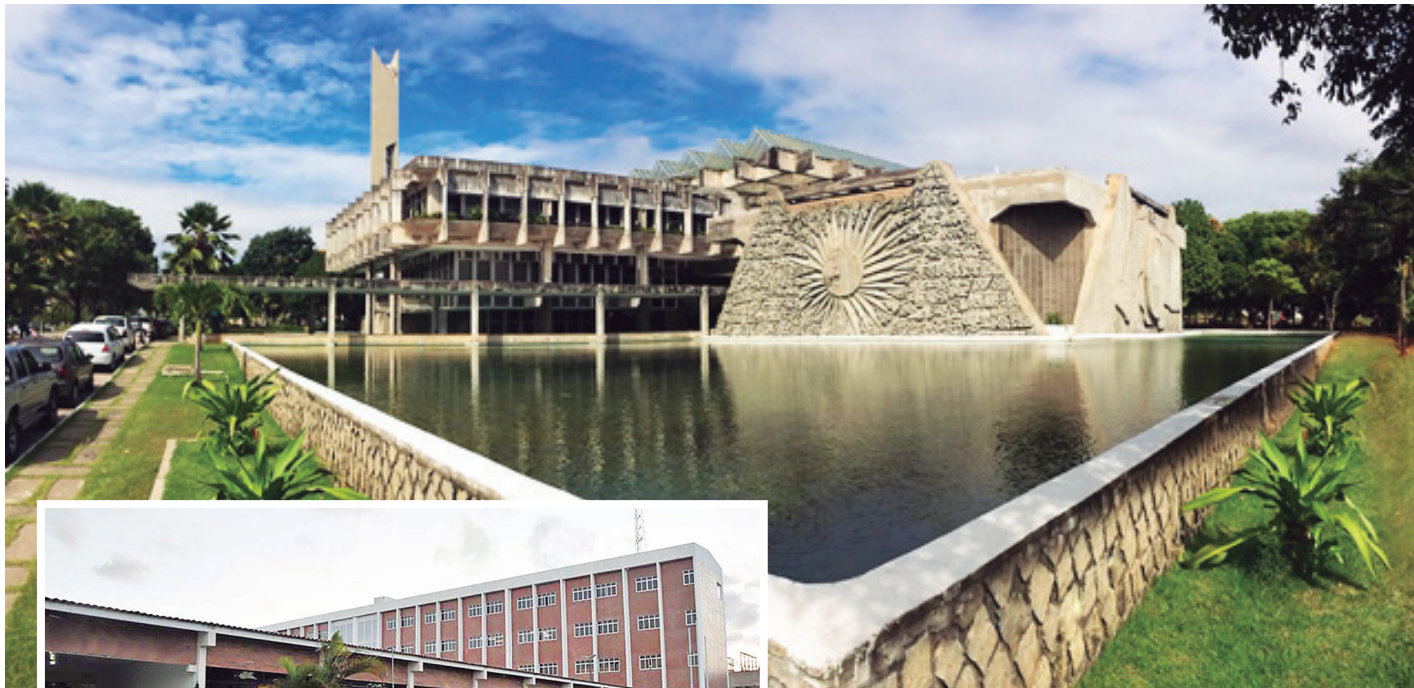


Foto: Divulgação/UFRN



Foto: Divulgação/UEPB

Universidade Estadual da Paraíba está oferecendo oito vagas, com remuneração de até R\$ 3,7 mil; já na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, edital prevê 26 oportunidades e salários de até R\$ 14,9 mil

técnico, com possibilidade de incluir gratificações e outras vantagens.

Se você ficou interessado, inscreva-se diretamente pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos da universidade (CPCCon/UEPB). O prazo começa na próxima terça-feira (26) e vai até 12 de julho, com taxas de R\$ 75 para nível fundamental e R\$ 95 para médio e técnico. Sobre a seleção, ela contará com provas objetivas e práticas, marcadas para os dias 23 de agosto

e 18 de outubro, respectivamente. As etapas ocorrerão em Campina Grande.

### Magistério superior

Já para quem mira a carreira acadêmica, a UFRN abriu inscrições para o concurso de professor do magistério superior. O edital reúne 26 vagas destinadas a profissionais com nível superior e doutorado, conforme a área de atuação. Entre as áreas contempladas estão Nutrição, Endocrinologia, Paisagismo,

Análise Matemática, Administração e Gestão de Tecnologia da Informação, Serviço Social, Artes Visuais, Paleo-

grafia, Fotografia Publicitária, Literatura Inglesa e Língua Inglesa, Trompet, Enfermagem, entre outras.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Aroeiras



Pelo QR Code, acesse o edital da UEPB



Pelo QR Code, acesse o edital da UFRN

## Fotógrafos transformam cliques em memórias

Em um mundo onde quase todo mundo fotografa o cotidiano, pode parecer que a fotografia virou algo corriqueiro demais para depender de um profissional especializado. Mas, entre apertar um botão no celular e contar uma história com intenção por meio de imagens, existe um caminho feito de técnica, sensibilidade e presença. Para o fotógrafo Flávio Yuri Rezende, que se aproximou da área depois de comprar uma câmera para registrar viagens com a esposa, a profissão tem mais a ver com o olhar treinado para enxergar o todo do que com o equipamento usado. Hoje, atuando em casamentos e festas infantis, ele defende que o fotógrafo não entrega apenas imagens bonitas, mas memórias organizadas em imagens.

A relação de Flávio com a Fotografia começou em 2011, instigada pela curiosidade de registrar viagens e momentos em família. Na época, ele ainda aventurava-se com uma câmera semi-profissional, sem imaginar que aquele interesse pudesse perdurar. Foi depois do casamento, em 2013, que o passatempo ganhou outra dimensão. Ao ver o próprio álbum, percebeu que existia um olhar possível de ser treinado, desenvolvido e transformado em profissão. “Eu pensei: ‘esse olhar, eu acho que eu tenho’. Se não tiver, posso treiná-lo para me tornar um bom fotógrafo”, recorda. Depois disso, vieram

a câmera profissional, os primeiros ensaios com amigos e uma paixão que já dura mais de 15 anos.

Esse caminho, porém, não substituiu outra parte importante da vida dele. O fotógrafo também atua há duas décadas no Hospital Napoleão Laureano, referência no tratamento contra o câncer na Paraíba. À primeira vista, os dois universos podem parecer distantes, mas, para ele, ambos têm uma base comum: o cuidado. De um lado, está o acolhimento em momentos de fragilidade; do outro, a responsabilidade de preservar as histórias vivenciadas nas celebrações. “Estou nas duas áreas que eu amo. Cuido das pessoas e conto histórias”, resume.

### Contador de histórias

Na Fotografia, esse conceito de “storytelling” aparece, principalmente, nos eventos. As primeiras experiências como fotógrafo foram com casamentos, área em que atua até hoje, mas o que realmente faz seus olhos brilharem são as festas infantis. Flávio explica que a paternidade mudou a forma como ele passou a enxergar a relação entre família e memória. “Quando minha filha nasceu, veio aquele primeiro amor, de pai. E eu entendi que poderia explorar melhor esse amor por meio da fotografia”, conta. Hoje, ele busca aplicar em um aniversário de três ou quatro horas o mesmo cuidado narrativo de

uma cobertura de casamento, que pode durar de oito a doze horas. A intenção, segundo ele, é fazer com que o cliente enxergue o evento de ponta a ponta. “Eu preciso que aquele casal enxergue a minha fotografia como um filme, mesmo de forma congelada”, afirma.

Convicto de que o celular não ameaça a profissão como muitos imaginam, Flávio aposta, justamente, nesse olhar profissional para superar o desafio da tecnologia. Para ele, os aparelhos entram como aliados da fotografia instantânea e das redes sociais, mas não substituem o fotógrafo. “Existe uma diferença entre dominar uma câmera fotográfica, com todos os recursos que ela tem, e simplesmente, de forma automática, você gerar a imagem com o celular”, analisa o especialista. A diferença, segundo ele, está na leitura do ambiente, no domínio da luz, na escolha do enquadramento, na condução dos momentos e, sobretudo, na capacidade de prever onde a cena começa e termina. “O celular entra como uma soma no trabalho do fotógrafo”, avalia.

### Atualização

Por isso, a qualificação continua sendo uma das bases da carreira. Dominar câmera, luz e edição é fundamental, mas só conhecimento técnico não basta. O profissional também precisa compreender o mercado, acompanhar as mudanças



Foto: Arquivo pessoal

Para Flávio, relacionar-se bem com o cliente é essencial

tecnológicas, saber divulgar o próprio trabalho, organizar postagens nas redes sociais e, muitas vezes, investir em anúncios on-line. Entretanto, para Flávio, o maior desafio não está exatamente na concorrência ou no avanço tecnológico, mas na postura de cada fotógrafo. “O que atrapalha é o fato de não estar se qualificando e investindo na carreira. Assim, ele acaba ficando para trás”, analisa.

Além disso, Flávio considera que saber relacionar-se bem com o cliente é uma parte essencial da profissão. Afinal, o fotógrafo participa de momentos íntimos, circula entre familiares e precisa perceber cenas que, muitas vezes, estão nos detalhes — em um sorriso espontâneo ou abraço rápido. Na avaliação dele, esse cuidado também aparece na imagem e ajuda a transformar um registro corriqueiro em memória afetiva. “Pegamos bons momentos, sorrisos, abraços, pessoas marcantes na

vida dos convidados”, conta. No fim, mais do que técnica, fotografar exige leveza e sensibilidade para entender o valor do que está diante dos olhos.

### Oportunidade

Com a fotografia presente no edital da UFRN, a universidade potiguar abre uma possibilidade interessante para quem deseja atuar no ensino superior. A seleção prevê uma vaga para professor do magistério superior no Departamento de Comunicação Social, no Campus de Natal, na área de Fotografia Publicitária, Comunicação Visual, Imagem, Tecnologia e Mercado. O cargo é de assistente, em regime de dedicação exclusiva, e exige formação em Comunicação Social ou habilitações como Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual, além de graduações em Design, Arte e Mídia ou Artes Visuais, com doutorado em áreas relacionadas.

## Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

## Sálário mínimo

R\$ 1.621

## Dólar \$ Comercial

+0,55%

R\$ 5,028

## Euro € Comercial

+0,41%

R\$ 5,836

## Libra £ Esterlina

+0,58%

R\$ 6,777

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2026	0,67
Março/2026	0,88
Fevereiro/2026	0,7
Janeiro/2026	0,33
Dezembro/2025	0,33

## Ibovespa

176.209,61 pt

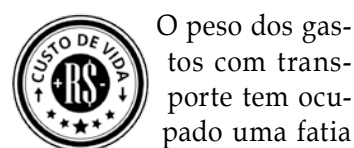
-0,81%

## ORÇAMENTO SOBRE RODAS

# Carro novo exige cada vez mais esforço financeiro

Além das parcelas, despesas como IPVA, combustível e seguro pesam no bolso

Pedro Alves  
pedroalvesjp@yahoo.com.br



O peso dos gastos com transporte tem ocupado uma fatia cada vez maior do orçamento das famílias brasileiras. Em um país cuja mobilidade urbana é majoritariamente rodoviária, deslocar-se diariamente representa um custo fixo relevante. Em João Pessoa, por exemplo, a tarifa de ônibus custa R\$ 5,45, o que significa uma despesa mensal de pelo menos R\$ 218 para quem trabalha de segunda a sexta-feira. Há ainda quem recorra diariamente aos motoristas por aplicativo, enfrentando preços variáveis e imprevisibilidade no orçamento. Nesse cenário, o carro próprio continua ocupando um lugar importante na vida do brasileiro, não apenas como meio de transporte, mas também como símbolo de conquista, independência e ascensão social.

Não à toa, o financiamento de veículos cresceu 11,8% no país em abril, em relação ao mesmo mês do ano passado, de acordo com o levantamento da Trillia. A pesquisa considerou automóveis leves e pesados, além das motocicletas. Ao todo, foram 634.587 unidades financiadas. A Região Nordeste respondeu por 19,7% dessas compras.

No entanto, manter esse sonho tem exigido cada vez mais planejamento financeiro diante da alta nos preços dos veículos e dos gastos envolvidos no dia a dia. Nos últimos anos, o preço dos automóveis subiu de forma significativa, impulsionado por fatores como inflação, aumento no custo de produção, tecnologia embarcada e variações cambiais.

O resultado é que até os modelos considerados populares passaram a exigir um alto investimento, seja na compra à vista ou por meio de financiamentos longos, que comprometem o orçamento por anos. Um exemplo é o Fiat Mobi que, atualmente, é carro popular 0 km mais barato do Brasil, com preço a partir de R\$ 70.790. Em 2021, o mesmo veículo custava a partir de R\$ 38.990. Isso significa que, em cinco anos, o valor do automóvel quase dobrou, acumulando alta de 81,55%.

Por isso, para o trabalhador assalariado, a decisão de comprar um carro exige planejamento e cautela. Não se trata apenas do valor da compra e das parcelas, mas de todo o custo envolvido na manutenção do veículo. Combustível, seguro, imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), revisões periódicas e eventuais consertos formam uma soma que pode comprometer uma parcela significativa da renda mensal. Muitas vezes, o que pa-



Foto: Carlos Rodrigo

Na hora de trocar de automóvel, Cristian Uchôa escolheu uma opção mais econômica

receber no financiamento não se sustenta no dia a dia.

O produtor de conteúdo digital, Cristian Uchôa, tem automóvel desde que completou 18 anos. O primeiro foi presente do pai. Os carros seguintes, no entanto, foram comprados a partir do que recebia com seus trabalhos. Aos 33 anos, o jovem fala que sempre que troca de carro precisa fazer cálculos para poder se organizar para seguir tendo esse bem de consumo.

“O carro que eu tenho atualmente é o oitavo que passa pelas minhas mãos. Mas eu cheguei a passar um ano sem. Na época, eu estava começando a me dedicar somente ao YouTube, a renda era muito incerta e baixa. Eu estava querendo não ter custos elevados. Ter carro é muito pesado, independente do carro. Só IPVA e seguro pesa bastante no bolso, no orçamento do ano, sem contar manutenção e combustível”, explicou.

Cristian trocou de carro há poucos meses, e essa última compra de automóvel teve um componente forte de compreensão sobre a proporção que as despesas do carro estavam tendo dentro do orçamento pessoal, aumentando substancialmente o custo de vida. Por isso, o jovem saiu de um carro grande, como o EcoSport antigo, da Ford, para um popular atual, o Kwid, da Renault, usado.

“Era um carro 2011, muito confortável, muito completo, com um motor razoavelmente potente para viajar tranquilo. Mas, ao mesmo tempo, era um carro que me levava para oficina a cada dois meses, gerando muitas despesas. Por ser um carro SUV, pesado, um projeto de motor do fim dos anos 1990, passava muito longe de ser um projeto focado em eficiência. Então gastava bastante com gasolina. Eu me irritei com a experiência, vendi e comprei um carro popular, muito mais condizente com o meu custo de vida. É um carro pequeno, leve, econômico, muito mais novo e bem cuidado. Nunca me deu trabalho. Além de ter diminuído drasticamente as minhas despesas”, relatou.

Para se ter uma ideia em relação aos preços de carro atualmente, se pegarmos como exemplo do Renault Kwid, a diferença é considerável quando comparamos o preço de novo e de usado. O modelo de Cristian, por exemplo, de 2018, custa de R\$ 30 mil a R\$ 37 mil. Já o exemplar novo, de 2026, custa a partir de R\$ 82.790, mais que o dobro.

### Organização financeira

Para evitar transtornos, a organização financeira é fundamental antes de dar o passo de adquirir um carro, seja o primeiro ou uma troca. É fundamental entender claramente quanto se ganha e quanto se gasta por mês com todas as despesas. A partir daí, é possível definir um limite seguro de comprometimento da renda com o carro. Seja com o que sobra, seja com uma compreensão mais clara do que vai poder ser diminuído no montante ordinário das contas.

A consultora de finanças pessoais, Brígida Andrade, explica que é importante o consumidor comprar apenas o que cabe no bolso e não comprometer mais de 30% da sua renda para adquirir um automóvel. Lembrando que, quanto maior a entrada, menores as parcelas. E vice-versa. “Na maioria dos casos, o carro deixou de ser apenas luxo e passou a ser necessidade.

O ideal é começar criando uma reserva para entrada ou para despesas iniciais. Entendo que o ideal é ter um comprometimento de no máximo 30% do salário para compra de um carro zero e de no máximo 15% para um usado”, analisou.

Outro aspecto importante é escolher um veículo que esteja alinhado com a realidade financeira de cada pessoa. Muitas vezes, optar por um modelo mais simples, seminovo ou com menor custo de manutenção pode ser uma decisão mais inteligente do que preferir um carro novo ou mais caro. O ideal é que o carro seja uma solução para facilitar a vida e não uma fonte de preocupação em termos financeiros.

Ter uma reserva financeira para dar de entrada reduz o valor das parcelas, que não devem comprometer mais de 30% da renda

## Uber Compensa?

Para quem utiliza diariamente serviços de transporte por aplicativo, mas pensa em investir em um carro próprio, fazer as contas na ponta do lápis é essencial para entender se a mudança realmente vale a pena. Em seu site, a Serasa orienta como avaliar qual alternativa faz mais sentido para a realidade financeira e o orçamento pessoal.

Confira as dicas:

1. Liste todas as despesas do veículo, como combustível, seguro, IPVA e manutenção;
2. Faça a média mensal dos custos anuais dividindo o total por 12 meses;
3. Calcule a frequência de uso de corridas por aplicativo ao longo do mês;
4. Analise e compare o custo final de cada opção.

## Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca  
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

## JP e CG avançam acima da média no emprego formal

João Pessoa e Campina Grande começaram 2026 com desempenho positivo no mercado de trabalho formal. No primeiro trimestre, os dois maiores centros urbanos da Paraíba criaram, juntos, 5.102 empregos com carteira assinada. O resultado reforça o peso das economias urbanas na geração de vagas e mostra a importância dos serviços e da construção civil para a sustentação do emprego formal.

Na capital paraibana, foram criadas 2.977 vagas formais de janeiro a março de 2026, resultado 13% superior ao observado no mesmo período de 2025. Neste ano, o emprego cresceu 1,31%, acima da média brasileira, de 1,27%, e do Nordeste, que avançou 0,60%. Entre as capitais nordestinas, João Pessoa teve o segundo maior crescimento relativo no período, atrás apenas de Salvador, que avançou 1,47%, e ficou à frente de Natal, com 0,89%, e Recife, com 0,86%.

Na capital, os serviços foram o principal motor da geração de empregos, com saldo positivo de 2.205 vagas. A construção civil também teve papel relevante, com 920 postos. A indústria contribuiu com

175 vagas. Comércio e agropecuária registraram saldos negativos, movimento que mostra como o desempenho do mercado formal varia entre setores ao longo do ano.

Campina Grande também teve resultado expressivo. O município criou 2.125 empregos formais no primeiro trimestre de 2026, desempenho 59% superior ao mesmo período de 2025. Em termos relativos, Campina Grande cresceu 1,84%,

superando a variação de João Pessoa e as médias da Paraíba, do Nordeste e do Brasil. O percentual também ficou acima do crescimento registrado por todas as capitais nordestinas no período.

Assim como na capital, o resultado de Campina Grande foi puxado, principalmente, pelos serviços, com 1.931 vagas; e pela construção civil, com 322 postos. Entre as atividades em destaque estão serviços administrativos, atividades de escritório, educação e construção civil.

O ponto central está na combinação dos dois municípios. Juntas, João Pessoa e Campina Grande criaram 5.378 vagas apenas em serviços e construção civil. Na prática, quase nove em cada 10 vagas abertas nessas atividades, na Paraíba, vieram desses dois centros urbanos. O dado evidencia a força das cidades que concentram atividades empresariais, educação, saúde, turismo, mercado imobiliário e alimentação.

Embora o comércio tenha registrado saldo negativo no trimestre em ambos os municípios, parte do resultado reflete o ajuste das contratações temporárias do fim de 2025, com sinais de recuperação após a queda mais forte de janeiro. Ainda assim, serviços e construção civil foram os grandes vetores de geração de vagas nas duas cidades, confirmando o papel dessas economias urbanas na absorção de mão de obra.

João Pessoa e Campina Grande continuam exercendo papel decisivo na geração de empregos formais na Paraíba. O crescimento acima da média nacional e regional mostra dinamismo, especialmente em setores intensivos em circulação de renda e atividade urbana. O desafio é fortalecer esse movimento, ampliar oportunidades e criar condições para que mais setores também participem desse crescimento.

## PARA O VAREJO

## Copa do Mundo é Natal fora de época

Evento esportivo vai levar 99,2 milhões de consumidores às compras; uniforme é prioridade para 61% dos torcedores

A Copa do Mundo é muito mais do que um torneio de futebol para os brasileiros; é um fenômeno cultural que altera a rotina das cidades e o comportamento de consumo. Com a aproximação do Mundial de 2026, a pesquisa *Intenção de compras para Copa do Mundo 2026* revela a força dessa tradição: estima-se que cerca de 99,2 milhões de consumidores pretendem ir às compras para participar desse evento. O levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com a Offerwise Pesquisas, mostra que 60% dos consumidores pretendem fazer compras de produtos ou serviços para a Copa de 2026.

O estudo reforça que o brasileiro mantém o hábito de transformar os jogos em experiências coletivas, uma vez que 97% assistirão os jogos de maneira coletiva, principalmente com familiares (77%) e amigos (60%). Apenas 3% dos entrevistados pretendem assistir às partidas sozinhos. Oito em cada 10 entrevistados (86%) pretendem assistir em casa, 46% na rua — nesse grupo, os locais mais pretendidos são casa de amigos ou familiares (40%), bares e/ou restaurantes (32%) e telões nas ruas (11%).

Os itens mais procurados para consumo serão bebidas não alcoólicas (68%), petiscos (62%), carnes para churrasco (60%) e cervejas (59%).

O uniforme do torcedor é prioridade para 61% dos consumidores, que planejam comprar camisetas oficiais ou temáticas, além de adesões como bandeiras e cornetas (42%).

Para o varejo, a Copa do Mundo funciona como um Natal fora de época. A movimentação é intensa tanto no ambiente físico quanto no di-

gital. O varejo físico continua sendo o destino soberano para itens de consumo imediato, com 89% de preferência, especialmente em supermercados (70%) e lojas de bairro (33%).

Já 67% farão as compras pela internet, sendo que 51% farão suas compras em aplicativos de entrega e 42%, em lojas on-line.

O setor de serviços também colhe frutos, com destaque para o *delivery* de comida e bebida (61%) e o movimento em bares e restaurantes (39%). Os principais critérios dos torcedores para escolha de bar ou restaurante para assistir aos jogos estão no preço das comidas (37%), lugar bem frequentado (34%), a qualidade das bebidas e da comida (34%) e o preço das bebidas (33%).

O gasto médio por consumidor está estimado em R\$ 619, valor que sobe para R\$ 784 entre as classes A e B.

“A Copa do Mundo de 2026 reafirma sua posição como um dos principais catalisadores do varejo brasileiro. O evento desperta um comportamento de consumo profundamente enraizado na tradição cultural do país, onde o ato de torcer é, essencialmente, uma experiência coletiva e de celebração. Para o comércio e serviços, isso representa uma oportunidade de ouro: a necessidade de o brasileiro se reunir em casa ou em estabelecimentos comerciais gera uma demanda em cadeia, consolidando o período como um pilar estratégico para o faturamento anual do setor”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Para garantir a festa sem enfrentar filas, 44% dos consumidores planejam antecipar suas compras em mais de uma semana. Na hora de pagar, a modernidade dita o ritmo: o Pix consolidou-se como a principal forma de pagamen-



Assistir aos jogos é uma experiência coletiva para 97% dos brasileiros, que irão se reunir com familiares (77%) e amigos (60%)

to (57%), refletindo a digitalização financeira do país, em um cenário em que 90% dos torcedores pretendem realizar suas compras à vista.

#### Apostas e endividamento

O engajamento com apostas financeiras será uma marca forte da Copa de 2026, com 41% dos consumidores pretendendo realizar apostas em plataformas de *bets*. Esse comportamento é mais prevalente entre o público masculino e as classes A/B. Além das plataformas digitais, os tradicionais “bolões” entre amigos mantêm sua relevância social, atraindo 14% dos entrevistados.

No entanto, o estudo acende um alerta sobre a saúde financeira do torcedor brasileiro, uma vez que 61% dos consumidores que planejam gastar durante a Copa já possuem dívidas em atraso. Desse grupo endividado, 70% estão com o “nome sujo” (negativa-

dos). Para muitos, o jogo deixou de ser apenas entretenimento.

Assim, 74% dos que vão fazer apostas enxergam nas *bets* uma forma de quitar dívidas pendentes. Desse total, 31% concordam totalmente com a prática, vendo-a como uma oportunidade real de liquidação financeira, enquanto 43% concordam parcialmente, tratando-a como uma alternativa de “tentar a sorte” com esse objetivo.

Essa mentalidade reflete-se na destinação de possíveis ganhos. Caso vençam, a prioridade de 39% dos apostadores é reinvestir o dinheiro no próprio jogo para tentar alavancar os ganhos. Outras intenções incluem gastos com lazer e luxo (36%), aquisição de bens como eletrônicos e vestuário (34%) e a quitação de débitos (34%).

“O fenômeno das apostas esportivas para este Mundial

introduz uma camada de complexidade e risco financeiro que exige atenção redobrada. Observamos uma tendência preocupante, onde a aposta deixa de ser um mero entretenimento para ser encarada, por uma parcela significativa da população, como uma estratégia de sobrevivência ou ‘tábua de salvação’ para quitar dívidas pendentes. Esse comportamento, associado ao alto índice de negativados entre os potenciais consumidores, aponta para uma vulnerabilidade econômica latente, onde a esperança de liquidação financeira através da sorte pode acabar aprofundando o ciclo de endividamento de muitas famílias brasileiras”, alerta o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro Júnior.

#### Metodologia

O levantamento dos dados foi realizado a partir de entrevista com consumidores

das 27 capitais brasileiras, homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas (excluindo analfabetos) e que pretendem gastar com produtos e/ou serviços para a Copa do Mundo de 2026.

A pesquisa foi realizada de forma digital e pós-ponderada por sexo, idade, renda e escolaridade. A amostragem contou com 916 casos em um primeiro levantamento para identificar o percentual de pessoas com intenção de gastos para a Copa do Mundo de 2026. Em seguida, continuaram a responder o questionário 600 casos, somente com os que tinham a intenção de gastos para essa data. Resultando, respectivamente, uma margem de erro no geral de 3,2 ponto percentual (p.p.) e 4 p.p. para um intervalo de confiança a 95%. A coleta ocorreu no período de 27 de abril a 5 de maio de 2026.

## Pesquisa mostra preferência por produtos oficiais da Seleção

Com a convocação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo 2026, a disputa pelo bolso do torcedor também entra em campo. A definição dos jogadores tende a aumentar a procura por camisetas, uniformes, bandeiras, bonés, acessórios e produtos temáticos, mas coloca em evidência uma escolha im-

portante para o consumidor: comprar itens oficiais, licenciados, réplicas ou produtos falsificados. Para o varejo, preço, disponibilidade e percepção de qualidade serão fatores decisivos nessa competição.

A força desse movimento aparece na pesquisa *Intenção de compras para Copa do Mun-*

*do 2026*, realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil, em parceria com a Offerwise Pesquisas. A pesquisa mostra que 47% dos consumidores pretendem comprar produtos oficiais da Seleção Brasileira. O principal motivo é a percepção de qualidade e du-

tabilidade, citada por 57% dos entrevistados que desejam adquirir itens licenciados. Outros 16% afirmam que preferem produtos oficiais por serem contra a pirataria.

Esse dado é relevante para marcas licenciadas e varejistas que trabalham com produtos originais. O consumidor reco-

nhece valor no item oficial, especialmente quando associa a compra a maior vida útil, melhor acabamento e vínculo direto com a Seleção Brasileira.

Ao mesmo tempo, o preço continua sendo um obstáculo. Dentre os consumidores que consideram comprar produtos falsificados ou não oficiais, 35% apontam o alto custo dos produtos originais como principal entrave. Outros 17% acreditam que a qualidade é equivalente, enquanto 19% dizem não se importar com a procedência ou originalidade do produto no momento da compra.

Embora apenas 6% assumam a intenção de comprar produtos falsificados, os números indicam que a disputa entre oficial, réplica e pirataria passa menos pela falta de interesse e mais pela percepção de custo-benefício.

#### Lista de jogadores

A lista de convocados dá um rosto à Copa do Mundo. A partir dela, o consumidor passa a associar o torneio a jogadores, números de camisa, expectativas e possíveis protagonistas. Isso pode aumentar a procura por camisetas personalizadas, itens nas cores do Brasil e produtos

ligados à experiência de torcer.

Para o varejo, esse é o momento de ajustar estoque, comunicação e preço. Produtos oficiais podem ganhar destaque com argumentos de qualidade, durabilidade e segurança. Já itens mais acessíveis, desde que dentro da legalidade, podem atender consumidores que querem participar do clima da Copa sem comprometer tanto o orçamento.

Outro dado reforça o peso comercial da Seleção Brasileira. Dentre os consumidores que pretendem realizar compras para a Copa, 74% afirmam que darão preferência a marcas patrocinadoras da Seleção. Para 53%, essa preferência depende de preços acessíveis. Já 21% dizem que pretendem priorizar patrocinadores independentemente do valor.

■ Preço pesa na decisão de quem considera comprar itens falsificados



Procura por acessórios começa a ganhar força após a convocação da Seleção Brasileira, segundo o levantamento feito pela CNDL e pelo SPC Brasil, em parceria com a Offerwise Pesquisas

## MUSEU DA DIÁSPORA

# PB propõe reconstrução da memória histórica de povos

*Etnias englobam indígenas, negros, ciganos e comunidades tradicionais*

Iluska Cavalcante  
Ascom Secties

Ao longo dos séculos, a história do Brasil nem sempre foi contada a partir de todas as vozes que ajudaram a construir o país. Povos negros, indígenas, ciganos e comunidades tradicionais, comprovam a realidade de que, apesar do protagonismo na formação social, cultural e histórica brasileira, eles foram frequentemente reduzidos à invisibilidade ou a representações limitadas. Com a proposta de reconstruir essa narrativa, o Museu da Diáspora Africana, dos Povos Indígenas e das Comunidades Tradicionais da Paraíba surge como um espaço voltado à valorização da memória, da ancestralidade e dos direitos humanos.

O projeto nasce a partir de um espaço museológico construído em diálogo direto com as próprias comunidades e fundamentado na valorização da ancestralidade, da resistência e da diversidade cultural. O trabalho é realizado com apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) e da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh).

“O Museu da Diáspora apresenta um projeto estratégico porque une ciência, memória, direitos humanos e inclusão social. Quando a Secties apoia iniciativas como essa, também está fortalecendo a produção de conhecimento a partir das experiências e saberes dos povos negros, indígenas e das comunidades tradicionais. É um trabalho que ajuda a construir uma compreensão mais plural, democrática e humana da formação da nossa sociedade”, ressaltou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

A iniciativa é desenvolvida a partir da pesquisa *Territorialidades, tradicionalidades e diversidades das etnias paraibanas*, coordenada pelo professor Estêvão Palitot, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O espaço do museu será construído no Casarão do Capitão Mor, no Centro de João

“

**É um trabalho que ajuda a construir uma compreensão mais plural, democrática e humana da formação da nossa sociedade**

Claudio Furtado

Pessoa, e pretende se consolidar como um ambiente de reflexão crítica sobre o passado e o presente brasileiro, abordando desde os impactos da escravidão até os processos de resistência, sobrevivência e recriação da vida protagonizados por diferentes povos ao longo da história. “O visitante não vai encontrar apenas uma narrativa de sofrimento. O museu também contará histórias de resistência, de luta, de criatividade, de sobrevivência e de vitórias históricas. É importante reconhecer o protagonismo desses povos na construção da sociedade brasileira”, afirmou Estêvão Palitot.

Segundo o antropólogo, o espaço foi concebido para provocar uma experiência sensorial e reflexiva capaz de envolver emocionalmente o público. “A proposta é que o visitante saia encantado e transformado. Encantado pela linguagem artística, museológica e conceitual apresentada, mas principalmente transformado pelo contato com as histórias e experiências dos povos negros, indígenas, ciganos e das comunidades tradicionais da Paraíba”.

O museu utilizará diferentes estratégias museológicas e tecnológicas para construir essa experiência. Entre elas estão recursos audiovisuais, ambientações imersivas, organização espacial interativa e múltiplas linguagens artísticas. “Nós queremos construir uma experiência sinestésica de conhecimento. Não apenas



Indígenas na aldeia Vitória do povo Tabajara, em oficina

uma experiência baseada na informação, mas também no envolvimento emocional e sensorial do visitante com cada ambiente do museu”, explica.

### Apoio Secties

Ao todo, a Secties investiu aproximadamente R\$ 1 milhão no museu. De acordo com Estêvão Palitot, a participação da Secties tem sido decisiva para a viabilização do museu em diferentes dimensões. “A Secties tem sido a agência de fomento fundamental para a consecução desse museu, junto com a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana. O apoio não acontece apenas por meio do financiamento das bolsas de pesquisa, mas também garantindo a infraestrutura necessária para reunir o mate-

rial de pesquisa, organizar o acervo museológico, sistematizar conteúdos e preparar a exposição”, destaca.

O suporte institucional envolve tanto o financiamento científico quanto a estrutura operacional necessária para consolidar a proposta museológica. Para Palitot, uma das contribuições mais importantes da secretaria está no reconhecimento de que a produção de conhecimento não acontece apenas nos espaços acadêmicos convencionais. “As tecnologias sociais produzidas pelos povos negros, indígenas e pelas comunidades tradicionais são fundamentais para garantir a continuidade da vida. Precisamos ampliar o conceito de tecnologia para além das máquinas e dos dispositivos técnicos”, explica.

## Museologia é ferramenta de transformação social

A proposta do museu é apresentar a diáspora africana não apenas pelo trauma da escravidão, mas também pela potência histórica, cultural e política dos povos negros e tradicionais na construção do Brasil. Um dos diferenciais do projeto é o processo colaborativo de construção das narrativas expositivas. Em vez de apenas retratar as comunidades a partir de um olhar externo, o museu vem sendo pensado em diálogo direto com os próprios grupos representados.

“As comunidades têm discutido conosco o que deve ser evidenciado, o que deve ser mostrado e como querem ser representadas. Isso é extremamente importante porque rompe com práticas históricas de silenciamento e de representação feita sem a participação dos próprios sujeitos”, afirma o pesquisador.

A proposta busca respeitar as especificidades culturais, espirituais e territoriais de cada povo, evitando abordagens homogêneas sobre experiências historicamente diversas.

“O museu pretende trazer uma experiência vasta, diversa e muitas vezes dolorosa a partir dos elementos culturais, artísticos e tradicionais dessas comunidades. É uma construção feita com elas, não apenas sobre elas”, reforça.

Mais do que preservar memórias, o espaço pretende estimular novas formas de compreender a própria sociedade brasileira. “O papel do museu é educativo. É trazer essas histórias para que possamos recontá-las de maneira mais crítica, plural e humana. Só assim conseguimos construir uma sociedade verdadeiramente democrática e consciente da sua própria formação histórica”, conclui.

■ Um dos diferenciais do projeto é o processo colaborativo de construção das narrativas expositivas

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

## A Caatinga que o Brasil ainda desconhece

Recentemente, eu viajei ao Sertão, nessas idas e vindas por Sousa, Cajazeiras, Carrapateira e Aguiar, fazendo o circuito do Complexo Científico do Sertão. Como sertanejo, é difícil não gostar de olhar a paisagem nesse momento de chuvas e enxergar a Caatinga na sua plena exuberância. Se colocarmos uma pessoa que nasceu em outra região, ela duvidaria até que naquele local existem épocas secas e que o mesmo cenário, daqui a alguns meses, vai se tornar cinzento, de árvores retorcidas, onde o xique-xique, o mandacaru, os juazeiros e mais umas poucas árvores serão os únicos verdes.

Ao ver essa paisagem, fiz algumas reflexões sobre o nosso bioma Caatinga, o único exclusivamente brasileiro. Ele ocupa aproximadamente 11% do território do Brasil e se espalha pelo Nordeste, indo até o norte de Minas Gerais, caracterizado, como dizem os biólogos, por uma vegetação xerófila, que perde as folhas na seca. Daí o nome Caatinga, “mata branca”.

A Caatinga é alta em biodiversidade, adaptada à escassez hídrica, e hoje sofre muito com os altos índices de desmatamento e a desertificação. Sua principal característica é estar no maior semiárido mais populoso do mundo e conviver com chuvas escassas e irregulares.

A vegetação é adaptada à seca. As plantas perdem as folhas para diminuir a transpiração, com a presença marcante dos cactos, especialmente o xique-xique e o mandacaru, além de árvores de raízes profundas, como o juazeiro. A biodiversidade da Caatinga é rica, com várias espécies endêmicas que só existem nessa região, incluindo milhares de plantas, vertebrados, lagartos, cobras e invertebrados.

Entre os símbolos da Caatinga, estão a jurema, o mandacaru e o xique-xique. Na fauna, temos animais como a asa-branca, o carcará, o veado-catingueiro e a onça-parda. Mas esse ambiente também é riquíssimo do ponto de vista fitoterápico, com estudos científicos mostrando que várias plantas da Caatinga têm propriedades medicinais comprovadas.

Hoje, um dos capítulos importantes das pesquisas desenvolvidas no Nordeste é justamente o uso de plantas da Caatinga para a produção de cosméticos, com startups aqui da Paraíba produzindo vários produtos. O grande desafio para nós, brasileiros, é primeiro fazer o Brasil entender a Caatinga como um dos seus maiores patrimônios em termos de bioma.

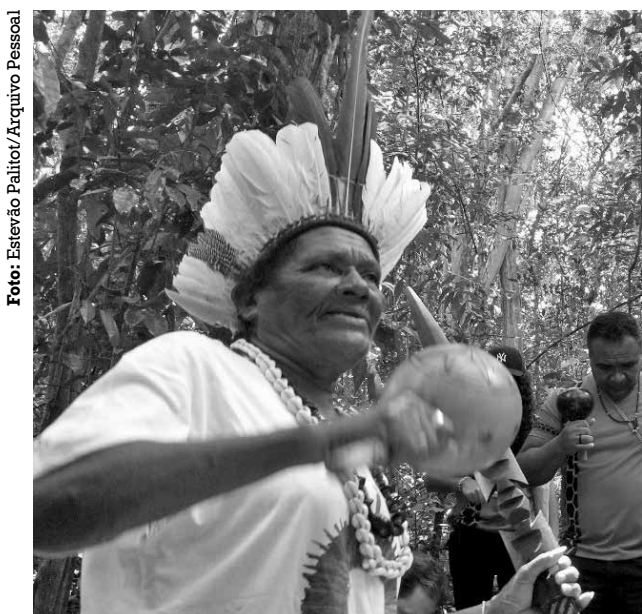
Recentemente, a Secties, em parceria com a Universidade Federal, criou uma exposição chamada Expobioma, que mostra, além da Mata Atlântica, a Caatinga e toda a diversidade desse bioma, com suas peculiaridades e características que dependem de cada localidade. Daí a importância da sua preservação e de conhecer toda a riqueza desse bioma que ainda é desconhecido por grande parte do Brasil e, muitas vezes, esquecido, porque, quando falamos de bioma, quase sempre nos lembramos apenas da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica.

Precisamos fazer pesquisa para, cada vez mais, explorar o potencial biotecnológico da Caatinga, sua resiliência, sua capacidade de regeneração, a cultura e a criação de animais que convivem com essa região, como a ovinocaprinocultura, além do desenvolvimento do turismo ecológico baseado nesse ambiente.

Hoje, na Paraíba, esse potencial já desponta com muita força nas regiões de Cabaceiras, do Cariri e do Sertão, e pode ser ainda mais fortalecido. O governo, por meio da Fapesq, vem incentivando, nos últimos anos, pesquisas voltadas para o bioma Caatinga. É fundamental fazer com que novas tecnologias, produtos e startups inovadoras tragam a Caatinga como tema central, especialmente neste momento em que o mundo inteiro discute as mudanças climáticas, a preservação da natureza e a necessidade de uma convivência cada vez mais consciente do homem com o meio ambiente.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Dona Zita Potiguara é parteira, mãe de santo e juremeira

CONHECE AS PANCS?

## Plantas “não convencionais” são ricas em nutrientes

*Comestíveis, elas promovem diversificação alimentar*

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

Taioba, beldroega, jambu, peixinho-da-horta, ora-pro-nóbis, caruru. Essas são algumas espécies das denominadas plantas comestíveis não convencionais (Pancs), termo originado em 2008, e que se refere a espécies não muito frequentes no cotidiano das pessoas, mas que são consideradas como “tesouros nutricionais”.

A natureza oferece uma variedade de recursos e benefícios para a humanidade; dentre as inúmeras vantagens, estão as espécies que podem ser consumidas pelo ser humano. A história da alimentação já registrou o consumo de cerca de sete mil espécies vegetais. Hoje, no entanto, apenas 30 culturas respondem pela maior parte do que se consome no mundo. Somente arroz, trigo e milho concentram quase metade desse total. É nesse cenário de limitação alimentar que as Pancs ganham relevância, pois são uma alternativa concreta para diversificar a dieta, já que são ricas em vitaminas, minerais, fibras, proteínas e antioxidantes.

O que define uma Panc não é exatamente o fato de ser desconhecida, mas a ausência de cadeias produtivas estruturadas. Segundo Nuno Madeira, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e referência nacional no tema, essas plantas não contam com recomendações técnicas de plantio nem com assistên-

cia especializada, diferentemente do tomate, da batata ou da cenoura. “O conceito traz essa questão de serem pouco conhecidas, mantidas pelos agricultores, mas, principalmente, de não terem uma cadeia produtiva estruturada, mesmo que sejam conhecidas em algumas regiões do país”, explicou.

O trabalho do pesquisador carioca tem como objetivo ressignificar o consumo dessas plantas. Indo na contramão das grandes cadeias produtivas, Nuno defende a preservação dessas espécies, bem como a ampliação do entendimento sobre elas. Desde 2006, dois anos antes mesmo de o termo “Panc” existir, ele ocupa o posto de curador de uma coleção de germoplasma de hortaliças não convencionais, isto é, ele guarda o material genético, com o objetivo de conservação. “Eu sempre fui curioso sobre essas plantas diferentes e cultivava no meu próprio quintal, então fui convidado para ser o curador, que é como um guardião de sementes não convencionais”, contou.

Em 2008, concomitantemente com a criação do termo, passou a coordenar bancos comunitários de hortaliças, voltados à difusão do conhecimento sobre plantio, benefícios nutricionais e formas de preparo.

Para ele, o encolhimento da variedade alimentar tem causas claras: a verticalização das cidades e a consequente perda dos quintais produtivos, a mudança nos padrões de vida e o avanço das gran-

des cadeias produtivas. “As consequências disso são uma insegurança nutricional fortíssima. Tem também a questão da produção em larga escala com muitos agrotóxicos”. As Pancs, em contraste, são resistentes e conseguem ser cultivadas sem grandes dificuldades.

### Benefícios diversos

Além do valor nutricional, essas plantas trazem vantagens ambientais e econômicas. A bióloga Juliana Coutinho, mestrandia em Horticultura Tropical, destaca que o cultivo de Pancs aproveita áreas antes improdutivas e, por terem exigências sazonais distintas das hortaliças convencionais, ampliam a oferta de alimentos ao longo do ano por serem menos vulneráveis a eventos climáticos extremos, como secas ou excessos de chuva.

Do ponto de vista ambiental, cultivar uma Panc significa reconhecer e valorizar espécies nativas cujo uso está em desaparecimento. “Produzir uma Panc é valorizar a nossa biodiversidade, porque muitas delas ainda são subutilizadas como alimento. Por toda sua diversidade, versatilidade e variedade de nutrientes, são perfeitas para uma alimentação adequada, saudável, ambiental e cultural”, afirma Juliana.

A nutricionista e terapeuta integrativa Fabiana Cordeiro reforça esse panorama: “As Pancs são verdadeiros tesouros nutricionais, são ricas em vitaminas, minerais e compostos bioativos; elas podem transformar a alimentação e trazer mais diversidade para o prato”.

Ressignificar, portanto, o consumo dessas plantas, é resgatar o equilíbrio nutricional da alimentação, além de reforçar o papel dos agricultores familiares, que não conseguem, muitas vezes, competir com as grandes cadeias produtivas.

### Paraíba

No Nordeste, e especialmente na Paraíba, o encontro com essas plantas pode acontecer de forma espontânea. Chanana, ora-pro-nóbis, taioba, beldroega, caruru, serralha e peixinho-da-horta crescem naturalmente em quintais e terrenos, favorecidas pelo clima regional.

Como exemplificou Fabiana Cordeiro, a chanana (*Turnera subulata*), conhecida popularmente como “boa noite”, “onze horas” ou “flor-do-guarujá”, é facilmente encontrada na Caatinga e tem uso tanto culinário quanto medicinal. Suas flores, de sabor suave e adocicado, podem ser consumidas *in natura*, em saladas ou na produção de geleias artesanais. Medicinalmente, é associada a propriedades calmantes, anti-inflamatórias e de apoio à saúde digestiva e respiratória.

Já a ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) carrega um apelido que diz muito sobre seus benefícios: “carne dos pobres”. A trepadeira tem folhas com mais de 25% de proteína. Rica também em fibras, vitaminas e minerais, pode ser consumida de múltiplas formas: sucos, saladas, sopas, caldos, ensopados, compotas, sorvetes ou processada em farinha para pães, bolos, biscoitos e massas.

Em João Pessoa, a Secretária de Meio Ambiente (Seman) realiza mapeamento do uso de algumas dessas espécies pela população, principalmente taioba, beldroega, hibisco e flores de abóbora. O engenheiro agrônomo Anderson Fontes explica que o trabalho inclui identificar onde as plantas são utilizadas e em quais restaurantes, por exemplo.

### Cuidados

O engenheiro agrônomo alerta, porém, para um risco: confundir com uma planta tóxica. A bióloga Juliana Coutinho reforça o aviso. “Pela falta de conhecimento sobre as espécies, muitas vezes não é possível reconhecer se aquele ‘matinho’ do quintal é comestível ou não”.

Assim, os principais cuidados referem-se à identificação correta da planta e à higienização rigorosa, especialmente se forem colhidas em áreas urbanas. A falta de informações pode levar ao uso inadequa-

do. Portanto, é essencial garantir o conhecimento correto sobre qual a parte utilizada para o consumo. “Algumas são consumidas *in natura*; outras ficam mais saborosas quando cozidas; e há aquelas que precisam, obrigatoriamente, passar pelo cozimento”.

### Pratos e receitas

A chefe proprietária do restaurante Casa Caratelli, Ellen Pereira, teve seu primeiro contato com as Pancs ainda na faculdade, em uma disciplina específica sobre o tema. Desde então, as espécies passaram a integrar seu cardápio. “Elas fazem parte dos pratos que compõem o menu, finalizando cada preparo, do clássico ao autoral, agregando texturas, sabores e cores”, conta.

Dentre as espécies que usa, destaca a clitoria (*Clitoria ternatea*), também chamada de “fada azul” ou “flor do feijão-borboleta”, presente em receitas quentes, infusões e coquetelaria. Rica em antioxidantes e com ação anti-inflamatória, a flor também tem propriedades calmantes. “Incluir as espécies em meus pratos agrega valores cuidadosos além da poesia por trás de cada cor e traço. As Pancs são mais nutritivas que as hortaliças convencionais. Proteínas, fibras, vitaminas e ação antioxidante são algumas das vantagens que as espécies nos oferecem. Entre as infinitas possibilidades, cada uma terá

algo grandioso para explorar”, concluiu Ellen.

### Autonomia

O pesquisador Nuno Madeira recomenda que quem tiver oportunidade pesquise mais sobre o assunto e comece a cultivar essas espécies, seja no próprio terreno, no quintal ou no jardim. “Há várias publicações disponíveis sobre o tema”, lembra.

A psicóloga Miha Maia é exemplo dessa prática. Ela descobriu as Pancs em uma oficina universitária e percebeu que já tinha algumas em casa sem saber. Hoje, usa as plantas para decoração, águas saborizadas e receitas, e defende a ampliação desse saber. “Cria mais possibilidade para a alimentação, inclusive por estar nas ruas e ser acessível para todas as classes sociais. Para mim, conhecimento representa autonomia”.

Os principais cuidados referem-se à identificação correta da planta e à higienização rigorosa, especialmente se forem colhidas em áreas urbanas



Fotos: Divulgação/ElLEN Pereira



Clitoria ternatea, presente em receitas quentes, infusões e coquetelaria, é rica em antioxidantes e tem ação anti-inflamatória



Na cozinha, as Pancs fazem parte dos pratos, finalizando cada preparo e agregando texturas, sabores e cores

Artilheiro do time, Nenê vem se recuperando de lesão e é opção para o técnico Marcelo Fernandes

MIRANDO REABILITAÇÃO

# Belo joga amanhã pela Série C

Equipe pessoense tem sequência de cinco derrotas, não pontoa há 45 dias e pode ir à zona de rebaixamento do torneio hoje



Foto: João Neto Botafogo

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo visita, amanhã, às 20h, no Novelli Júnior, em Itú (SP), o Ituano, pela oitava rodada da Série C do Campeonato Brasileiro. O Belo acumula uma sequência de cinco derrotas (contra Figueirense, Floresta, Paysandu, Maranhão e Inter de Limeira) na competição, o que representa 45 dias sem somar pontos. Triunfos de Volta Redonda, Itabaiana e Anápolis podem fazer o clube pessoense terminar o domingo na zona de rebaixamento.

A última vitória do time pessoense na competição nacional ocorreu no dia 11 de abril, quando ganhou por 2 a 0 da Ferroviária, ainda na segunda rodada. Em sete partidas, a equipe ainda registra duas vitórias, somando seis pontos. Para o jogo de amanhã, Marcelo Fernandes deve contar com Nenê, que não atua desde 25 de abril, quando o Botafogo perdeu por 2 a 1 para o Floresta, pela quarta rodada, no Almeida. O jogador treinou normalmente nos últimos dias e é opção para iniciar a partida contra o Ituano.

No período fora, Nenê tratou-se de uma lesão na panturrilha direita. Mesmo sem jogar, o camisa 10 continua sendo o artilheiro do time alvinegro. Na Série C, ele esteve em quatro partidas, tendo marcado três gols. Apesar das polêmicas extracampo, a diretoria do Belo soltou comunicado dando respaldo e confiança ao jogador, que deve perder alguns jogos da Terceira Divisão enquanto vai comentar a Copa do Mundo na CazéTV, de 11 junho a 19 de julho.

A partida contra o Ituano é importante e decisiva para Marcelo Fernandes porque ele ainda não somou pontos desde sua chegada à Maravilha do Contorno. Das cinco derrotas botafoguenses, o treinador estava presente em três (Paysandu, Maranhão e Inter de Limeira). Outro revés na Terceira Divisão, agora, no interior de São Paulo, pode decretar o fim da passagem do técnico no time pessoense.

## O adversário

O Ituano faz boa campanha na Série C. O clube paulista tem quatro vitórias, um empate e duas derrotas. O time treinado por Mazola Júnior vem de triunfo por 3 a 1 sobre o Guarani, no Brinco de Ouro, em Campinas. O técnico falou em coletiva sobre a importância de vencer o Botafogo. “Esse jogo passou a ser muito importante em termos de classificação. Depois dele, teremos duas partidas fora de casa. Se conseguirmos a vitória, os pontos conquistados podem nos permitir ter um troço em casa mais à frente”, afirmou.

“Precisamos recuperar os pontos perdidos no Amigão fora de casa. Dificilmente, nós vamos conseguir permanecer por muito tempo invicto. Acho que nenhuma equipe na Série D vai terminar a competição invicta; não sei se ainda existe alguma. Estamos numa competição que é muito difícil e, com certeza, ninguém vai terminar sem perder”, destacou Gusmão em coletiva pré-jogo.

O Carcará tem 10 pontos e ocupa a terceira posição. “A gente conseguiu prolongar por seis rodadas [a invencibilidade], mas

agora é saber administrar, saber lidar, conviver com a derrota. Nós precisamos fazer alguns ajustes, porque nossa parte de finalização não foi boa nos últimos dois jogos. Até temos feito um jogo de marcação e de imposição sem bola boa. Quando recuperamos a bola, a gente não consegue traduzir isso em gols”, analisou o treinador.

Em caso de vitória, a Serra Branca encaminha a classificação para o mata-mata. Gerson Gusmão projetou a quantidade de pontos que o time precisa para não chegar

à última rodada correndo riscos. “Acredito que, com 14 pontos, nos garantimos, com certeza. Mas, talvez, com 13, consigamos classificar também. Faltando três jogos, é o momento de a gente pensar no que precisamos, realmente, em termos de estratégia, para garantir a classificação”, destacou.

O árbitro principal da partida é Wallas Martins Lopes (MA). Os assistentes são Dhiego Cavalcanti Pereira (PE) e Manoel Barbosa da Silva Neto (PE). Diego Fernando Silva de Lima (PE) é o quarto árbitro.

Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec

## Em baixa

**Desde que Marcelo Fernandes assumiu o comando do Belo, a equipe ainda não triunfou; portanto, a partida de hoje é decisiva também para o técnico**

## Outros jogos

Hoje, ocorrem cinco partidas da oitava rodada. Três delas são às 16h30: Inter de Limeira x Itabaiana, Brusque x Anápolis, além de Amazonas x Ferroviária. Às 18h, jogam Confiança x Figueirense. Volta Redonda x Ypiranga-RS fecha os jogos do dia, às 19h. Amanhã, às 20h, enfrentam-se Paysandu e Floresta.

## Série D

Depois de perder a invencibilidade na Quarta Divisão, em derrota por 2 a 1 para o Treze, o Serra Branca enfrenta, hoje, às 16h, em Goiana (PE), o Decisão-PE, em jogo válido pela oitava rodada do Grupo A9. Antes de enfrentar o Galo da Borborema, a equipe de Gerson Gusmão tinha duas vitórias e quatro empates; agora, contabiliza também um revés, num total de sete partidas.



Gerson Gusmão acompanha preparação técnica do elenco do Serra Branca no CT do clube

## ÚLTIMA DANÇA

## Guardiola despede-se hoje do City

Após uma década vitoriosa no comando do time, o técnico espanhol receberá homenagens do clube inglês

Agência Estado

Maior treinador da história do Manchester City, Pep Guardiola está encerrando o ciclo à frente do time principal em alta. O treinador de 55 anos despedir-se-á da torcida hoje, no duelo com o Aston Villa, pela Premier League, às 12h. O espanhol seguirá como embaixador do City Football Group.

Na última sexta-feira (22), o clube inglês anunciou, em seu site, uma dupla homenagem ao profissional, que colocou a agremiação entre os grandes clubes da Inglaterra e da Europa. Além de ganhar uma estátua, ele ainda vai dar seu nome a um setor das arquibancadas do estádio.

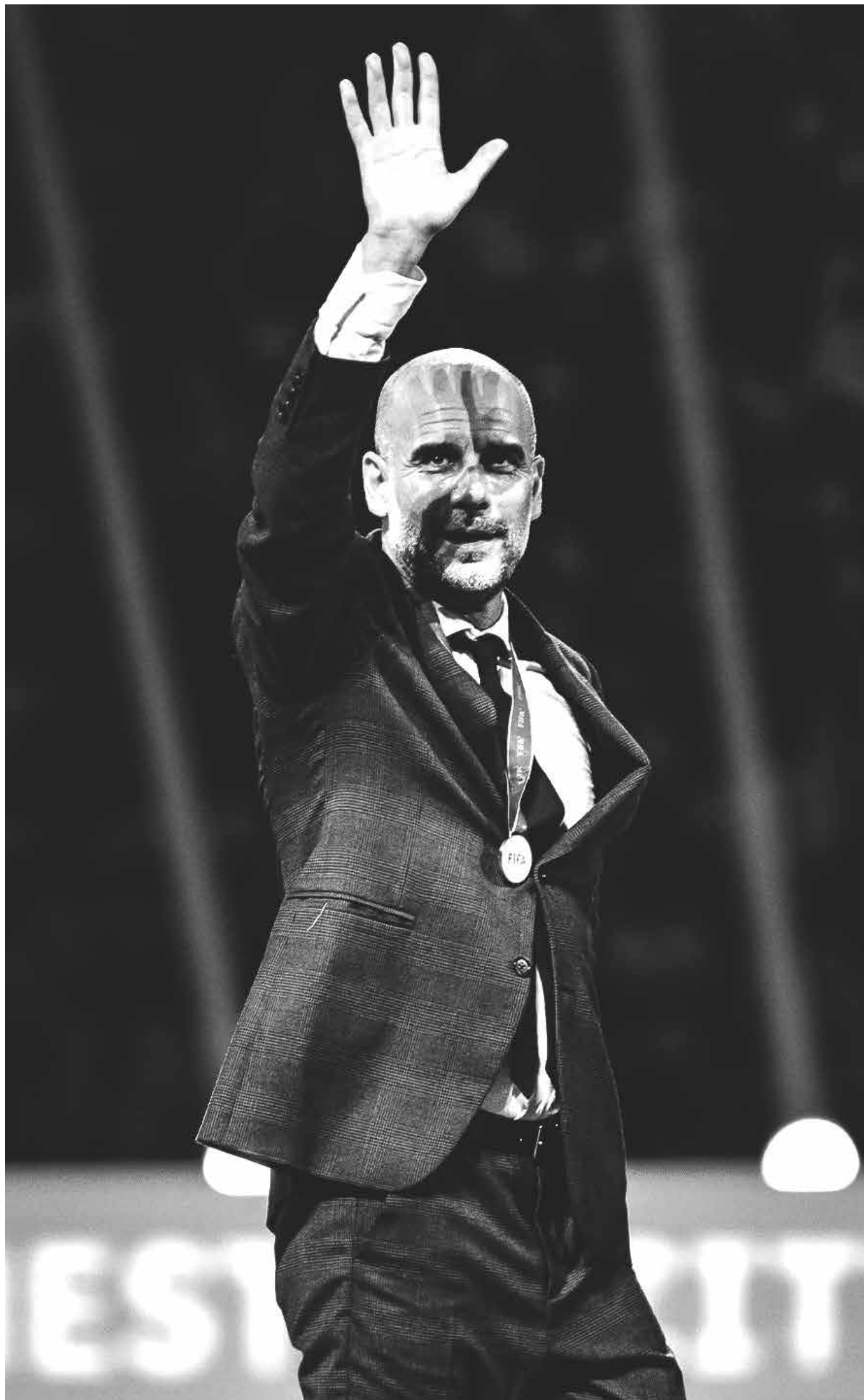
“O Manchester City tem o prazer de anunciar que a recém-desenvolvida e ampliada arquibancada norte do Etihad Stadium será batizada de ‘Arquibancada Pep Guardiola’”, diz parte do texto no canal oficial da agremiação.

A nota informa ainda que “a arquibancada está totalmente aberta pela primeira vez para o último jogo do treinador no comando do clube”. Hoje, o City encerra a sua participação na edição atual da Premier League, que já tem o Arsenal como campeão desde a última terça-feira (19).

O clube informou sobre a construção de uma estátua, que vai ficar localizada na entrada da arquibancada. O setor está sendo ampliado desde 2023, com mais sete mil lugares que vão ficar à disposição dos torcedores no Etihad Stadium.

“Eu disse, há muito tempo, que o Manchester City deveria ter à sua disposição as melhores pessoas, tanto dentro como fora de campo. Durante 10 anos, Pep Guardiola foi a personificação dessa ambição”, afirmou o xeique Mansour bin Zayed al-Nahyan, proprietário do clube.

Guardiola desembarcou



À frente do City, Pep conquistou 20 títulos, entre eles uma Champions League, diante da Inter de Milão, em 2023

Foto: Reprodução/Instagram @fifacubfootball

em Manchester em 2016 e, desde então, mudou o status do clube. Nesse período, conquistou 20 títulos e fez do City uma potência mundial ao ganhar uma Champions League e seis troféus da Premier League. Ele tinha vínculo até junho do ano que vem, mas decidiu antecipar a sua saída.

“Que tempo maravilhoso passamos juntos!”, disse Guardiola em um comunicado divulgado pelo clube. “Não me perguntem por que estou saindo. Não há um motivo específico, mas, no fundo, sei que chegou a minha hora”, acrescentou.

“Nada dura para sempre. Se durasse, eu ainda estaria aqui. O que durará para sempre são os sentimentos, as pessoas, as lembranças, o amor que tenho pelo meu Manchester City”, insistiu.

Guardiola chegou ao time inglês após passagens vitoriosas por Barcelona e Bayern de Munique e foi o grande responsável por consolidar o time inglês como potência do futebol mundial.

A saída de Guardiola era especulada desde a última semana. Segundo a imprensa inglesa, a expectativa é de que o cargo seja assumido por Enzo Maresca, campeão do Mundial de Clubes da Fifa com o Chelsea e antigo auxiliar-técnico de Pep.

“

**O que durará para sempre são os sentimentos, as pessoas, as lembranças, o amor que tenho pelo meu Manchester City**

Pep Guardiola

## JUPS 2026

## Delegação da UEPB contará com 84 atletas nos Jogos Universitários

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio da Coordenadoria de Esporte e Lazer (Coel), participará, de 29 de maio a 7 de junho, dos Jogos Universitários Paraibanos (JUPS 2026). Desta vez, a instituição levará uma delegação com 84 estudantes representantes dos seus oito campus. Os jogos serão realizados presencialmente e estão divididos entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande.

A delegação da UEPB estará presente em modalidades coletivas e individuais. Nas coletivas, a UEPB competirá no futsal (masculino e feminino), voleibol masculino, basquete 3x3 masculino e e-sports. Já nas modalidades individuais, os atletas disputarão provas de xadrez, badminton, judô, wres-

ling, caratê, jiu-jítsu, natação e atletismo.

Para o professor Eugênio Moura, coordenador de Esporte e Lazer, o esporte universitário ocupa papel estratégico no processo de formação dos discentes. “A participação em eventos como o JUPS fortalece o vínculo dos estudantes com a universidade, promove saúde, qualidade de vida e cria oportunidades importantes de desenvolvimento pessoal e esportivo. Mais do que competir, nossos alunos representam a força da UEPB e o potencial transformador do esporte universitário”, destaca.

## Competição nacional

Além do caráter competitivo e de representar, em vários aspectos, um instrumento de desenvolvimento

para os participantes, o JUPS também funciona como etapa classificatória para os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs 2026), principal competição universitária do país, prevista para acontecer nos meses de agosto e setembro, nas cidades de Goiânia e Trindade (GO). O desempenho dos atletas durante a fase estadual poderá garantir vagas para representar a Paraíba e a UEPB em cenário nacional.

A participação da delegação conta com o apoio institucional da Reitoria da UEPB e da Pró-Reitoria Estudantil (Proest), setores fundamentais para o fortalecimento das políticas de incentivo ao esporte, permanência estudantil e desenvolvimento integral dos estudantes universitários.

## COPA DO MUNDO

## Campanha é lançada no México para erradicar gritos homofóbicos

Agência EFE

A Federação Mexicana de Futebol (FMF) lançou, na última quinta-feira (22), uma campanha para promover a “ola” entre os torcedores da seleção e erradicar os recorrentes gritos homofóbicos que causou diversas multas e punições à entidade por parte da Fifa.

“Esta campanha tem o objetivo de sensibilizar a torcida sobre a importância de apoiar a seleção nacional do México com a ‘ola’ e não com gritos discriminatórios que a Fifa pune, para canalizar a paixão e fazer com que as arquibancadas se transformem no autêntico 12º jogador”, escreveu a FMF em um comunicado.

Para promover a campanha antes da Copa do Mun-

do, a entidade recorreu a vários ex-jogadores da seleção do México que disputaram a Copa de 1986, também sediada no país.

Segundo a FMF, a campanha dividirá-se em duas etapas.

Na primeira, serão transmitidos dois vídeos com os ex-jogadores Fernando Quirarte, Luis Flores, Miguel España, Carlos de los Cobos, Félix Cruz, Carlos Muñoz, Mario Trejo e Armando Manzo. Na segunda, entrarão em cena Hugo Sánchez, considerado o melhor jogador mexicano da história, além de Manuel Negrete e o atual técnico da seleção, Javier Aguirre — os três estiveram entre os protagonistas daquela equipe, que chegou às quartas de final e foi eliminada pela

Alemanha Ocidental nos pênaltis.

A FMF evocou o sentimento e algumas lembranças desses ex-jogadores que viveram aquela competição, há 40 anos, como ‘a ola’ que a torcida fazia nos estádios, levantando-se de suas cadeiras e erguendo as mãos, uma ação que acabou se espalhando por estádios de todo o mundo.

“A ‘ola’ nasceu no México. Foi impressionante, inclusive para os árbitros. Agora imagine aqui com uma quantidade maior de pessoas”, afirmou Félix Cruz.

“Imagine essa ‘ola’ com todo o Estádio Azteca cantando o hino nacional. Tive essa bênção de viver isso em 1986”, lembrou Luis Flores.

GUSTAVO GÓMEZ

# Zagueiro vai à Copa pela primeira vez

Atleta lidera Seleção Paraguaia de futebol em seu retorno à competição internacional da Fifa após 16 anos

Aos 33 anos, Gustavo Raúl Gómez Portillo é o jogador com mais títulos na história do Palmeiras e o defensor com mais gols na história da Libertadores. Desde sua chegada, em 2018, Gómez conquistou 13 títulos oficiais com o clube alviverde, e na competição mais importante da América do Sul já marcou 14 gols em 84 partidas. Neste ano, o zagueiro disputará a Copa do Mundo da Fifa com o Paraguai, sua primeira participação no principal torneio de seleções (a equipe paraguaia volta ao Mundial após 16 anos).

Gustavo Gómez é o capitão do Paraguai comandado pelo argentino Gustavo Alfaro, que estreará contra os Estados Unidos, um dos anfitriões da Copa, em 12 de junho, no Estádio de Los Angeles (o Grupo D também conta com Turquia e Austrália, adversários seguintes da seleção sul-americana).

O jogador do Palmeiras é um fiel representante de uma linhagem de defensores paraguaios marcada pela raça na marcação, força no jogo aéreo e liderança com voz de comando. Não por acaso, dois dos quatro paraguaios com mais partidas disputadas na história das Copas são defensores: Denis Caniza (12 jogos entre França 1998, Coreia do Sul/Japão 2002, Alemanha 2006 e África do Sul 2010) e Carlos Gamarra (11 entre França 1998, Coreia do Sul/Japão 2002 e Alemanha 2006).

Formado pelo Libertad, do Paraguai — com o qual foi campeão do Clausura de 2012 e do Apertura de 2014 —, depois transferido para o Lanús, da Argentina — onde conquistou o Campeonato Argentino de 2016 — e mais tarde para o Milan, da Itália, clube pelo qual disputou apenas 20 partidas de 2016 a 2018, Gómez

antecipava à Fifa.com, em 2023, seus sonhos de disputar uma Copa do Mundo. “Ficar fora de uma Copa do Mundo dói muito. Dói por quatro anos. Já foi tempo demais para o Paraguai, um país cuja população ama futebol, e não queremos que dure mais. Eu acredito muito neste time. Todos estamos com muita vontade”, avisou.

Na Copa de 2010, então a quarta participação conse-

o Lanús quando tinha 19 anos. Era um jogador que reunia as características que se costuma imaginar em qualquer defensor paraguaio, mas também tinha muita personalidade. Tivemos a oportunidade de jogar em 2013, quando fomos campeões da Copa Sul-Americana com o Lanús, numa semifinal contra o Libertad, e ele atuou. Eu o conhecia de tê-lo observado, treinado e enfrentado. Tínhamos uma avaliação bastante completa sobre ele. No Lanús, ele foi realmente muito bem”, acrescentou Schelotto.

Já no Lanús, agora sob comando de Jorge Almirón, Gustavo Gómez conquistou o Campeonato Argentino de 2016, trampolim para sua chegada ao Milan. Mas os caminhos de Gustavo Gómez e dos irmãos Barros Schelotto voltariam a se cruzar. De 2021 a 2023, Guillermo comandou a seleção do Paraguai com Gustavo como auxiliar, que agora destaca à Fifa.com: “Ali encontramos um homem, um garoto muito mais consolidado, que havia acrescentado muitas coisas àquele defensor paraguaio típico. Principalmente liderança de grupo, porque ele era capitão do Palmeiras dentro de um processo muito vitorioso. Já tinha uma trajetória muito grande no futebol e consolidado aquilo que víamos quando o levamos ao Lanús; ou seja, um desenvolvimento muito importante dentro do vestiário, uma condução muito clara da parte dele e dos outros em relação aos companheiros”.

Gustavo Gómez não é apenas o pilar defensivo e a autoridade dentro do Palmeiras, mas também da seleção do Paraguai. Seu parceiro na zaga da equipe nacional é Omar Alde-

rete, zagueiro canhoto que atua pelo Sunderland, da Premier League. Eles serão a base defensiva paraguaia na Copa de 2026.

“O futebol, de modo geral, evoluiu e aqueles países que, por características do seu jogo, antes não desenvolviam certos tipos de jogadores, passaram a desenvolvê-los a partir de mais conhecimento e informação. Hoje não podemos rotular o Paraguai como um país que só produz bons defensores; também tem atacantes que jogam na Europa, como Julio Enciso (Strasbourg), ou Miguel Almirón (Atlanta United), que atuou por seis anos na Premier League”, afirma Gustavo Barros Schelotto, antes de fazer uma ressalva: “Mas é verdade que o defensor paraguaio é muito valorizado pelo jogo aéreo e pela personalidade, como no caso de Gustavo Gómez, uma personalidade muito forte dentro da continuidade de um time, extremamente vencedor. Desde jovem já se percebia essa liderança que ele exerce; era muito sério tanto para treinar quanto para conduzir o grupo”.

O capitão do Paraguai no retorno da seleção a uma Copa do Mundo após 16 anos, porém, quando criança, na contramão dos meninos de San Juan Bautista, sua cidade natal no Sul do Paraguai, que sonhavam em ser jogadores de futebol, imaginava-se advogado. Chegou até a fazer estágio como auxiliar administrativo no Ministério Público de San Juan Bautista, no departamento de Misiones, onde acompanhava conversas jurídicas, tirava fotocópias e servia café. Hoje, Gustavo Gómez é a lei e a ordem da seleção do Paraguai.

## Referência

**Aos 33 anos, Gómez tem uma admirável trajetória no futebol, sobretudo no Palmeiras, sendo o atual maior campeão do clube, com 13 títulos conquistados**

cutiva do Paraguai em Mundiais, a seleção chegou às quartas de final e perdeu por 1 a 0 para a Espanha. Na época, Gustavo Gómez de 17 anos era *sparring* da equipe comandada por outro argentino, Gerardo “Tata” Martino, que, no fim das contas, o reconverteria de volante para zagueiro.

Gómez já havia defendido a seleção sub-17 do Paraguai aos 14 anos, a sub-20 aos 15 e, aos 17, esteve com a equipe principal na África do Sul. “Em 2011 eu trabalhava no Libertad como auxiliar técnico de Gregorio ‘Goyo’ Pérez, e o fizemos estreiar aos 16 anos”, relembra Gustavo Barros Schelotto, hoje auxiliar do irmão gêmeo Guillermo no Vélez Sarsfield, à Fifa.com.

“Depois o levamos para

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

## Abrasilizado: a caricatura

Se tinha um treinador europeu com um ar de brasileiro era realmente o italiano Carlo Ancelotti. Amigo de vários ex-atletas do país, admirador do futebol do Brasil, brincalhão, irônico, Ancelotti logo virou o único treinador que não era brasileiro a furar um pouco a bolha do lóbi que muitos do futebol e da imprensa faziam contra estrangeiros no cargo de comandante da Seleção Brasileira.

Não tenho dúvidas de que esse jeito um pouco abrasilizado, de um italiano ora sisudo, ora risonho, foi primordial para alguma simpatia dessa turma. Apesar de a campanha contra estrangeiros ter sido enorme até os 45 do segundo tempo, o velho Carleto, quando passou a ser alternativa real da CBF, ganhou alguns adeptos que, historicamente, eram resistentes ao genérico treinador de fora, vide Paulo Roberto Falcão e Galvão Bueno, por exemplo.

Na coluna que escrevi e que foi publicada neste mesmo espaço, no dia 9 de novembro do ano passado, aliás, tratei sobre essa campanha deprimente e que foi sordidamente bradada em um evento, o 2º Fórum Brasileiro dos Treinadores de Futebol, que reuniu vários técnicos brasileiros que trataram profundamente mal o treinador, em um encontro realizado naquele mês de 2025.

“Oswaldo e Leão, que fizeram do encontro de técnicos uma das páginas mais constrangedoras do futebol brasileiro, criticando, de maneira deselegante, desesperada e sem qualquer argumento plausível, a vivência de comandantes estrangeiros no Brasil. Tudo isso de cima do mesmo palco em que estava Ancelotti, que não pediu para sair da Itália, que não depende do futebol brasileiro para ser um dos maiores da história e que, a meu ver, vive muito mais uma aventura de tentar ser campeão por um país que respira — cada vez menos e pior — o futebol e que sempre admirou, do que qualquer outra coisa. E que, convenhamos, não tem nada para absorver de figuras como os grosseiros Oliveira e Leão”, escrevi naquela altura.

Corta para 2026. Brasil classificado, Ancelotti com alguns meses de trabalho, um ciclo bastante complicado e uma Seleção Brasileira ainda nada empolgante. O europeu Ancelotti fez o que pôde. Mas se viu envolvido e pouco resistente a um clima desconectado com a realidade, algo muitas vezes extremamente brasileiro mesmo, na ocasião da convocação da lista final de atletas que vão representar o país na maior competição de futebol do mundo.

Se tinha algum treinador, de todos os considerados pela CBF, que teria peito, moral e, imaginava eu, compreensão clara de não convocar um jogador que vive machucado e está mal em seu clube, era Ancelotti. Mesmo que ele atendesse pelo nome de Neymar e carregue para sempre um certo passado glorioso e encantador. Eu já sabia que nenhum técnico brasileiro, dos que poderiam fazer algum sentido em serem o treinador da Copa do Mundo deste ano, iria deixar Neymar de fora.

Mas Ancelotti não é brasileiro. Não foi forjado na cultura do oba-oba, da “carteirada”, do “sabe com quem está falando?”. Ou pelo menos não da mesma forma. Até porque não acho que o primeiro mundo é o melhor mundo. Ancelotti, no entanto, virou um brasileiro nato nas últimas semanas. Passou a considerar a convocação de um jogador que não fez por onde ser chamado. Deixou de fora outros que trabalharam imensamente mais no ciclo. Trocou, como bem questionou e concluiu o jornalista PVC, 15 gols de João Pedro pelo Chelsea, por 15 jogos no ano de Neymar. Em nome de um passado que já se foi, de um presente em que Neymar já está novamente lesionado, e de um futuro em que a fé suplanta uma análise técnica mais racional sobre a construção de uma equipe.

Tudo isso envolto em uma festa épica para uma convocação que deveria ser protocolar, ainda que seja um momento bem relevante, para a anúncio de uma lista de convocados para a Copa do Mundo. É claro que Ancelotti não tem o poder de evitar que fosse esse o *modus operandi* do dia da convocação. Mas se tem alguém que eu imaginaria que pudesse resistir em alguma medida a todo esse oba-oba e toda a campanha interna na CBF para que Neymar fosse levado à Copa, era o enorme treinador italiano.

E o que vimos, e já sabemos, após apuração de alguns colegas jornalistas sobre as semanas que antecederam a tal lista final, é que houve uma pressão grande para que Ancelotti chamasse Neymar. E foi para isso que foi feita uma festa totalmente desproporcional para o que deveria ser o momento. Com direito a um plano sequencial em que Luciano Huck aparece na transmissão oficial após o anúncio do nome do jogador. Nada mais Brasil, a sua parte caricata e horrorosa. E Ancelotti foi, tranquilamente, aparentemente, um brasileiro desse país triste.



Foto: Reprodução/Instagram @gustavogomez482

O capitão da Albirroja é um dos defensores mais conceituados da América do Sul e traz o DNA do futebol de seu país



*Timão e Galo duelam na Neo Química Arena, buscando se distanciar do Z4 do certame*

## BRASILEIRÃO

# Quatro jogos serão realizados hoje

*Entre os destaques do dia, estão o Corinthians recebendo o Atlético-MG e o Red Bull Bragantino visitando o Vasco*

Da Redação

O domingo de Brasileirão será movimentado por quatro partidas. Às 16h, jogam Cruzeiro e Chapecoense, bem como Remo e Athletico-PR. Às 18h30, o Corinthians recebe o Atlético-MG. Às 20h30, tem Vasco e Red Bull Bragantino. Amanhã, às 20h, Coritiba e Bahia fecham a rodada 17 da Série A.

Um dos principais jogos de hoje coloca frente a frente dois grandes clubes, que disputaram a final do Campeonato Brasileiro, em 1999, quando a competição previa confrontos em mata-mata. Corinthians e Atlético-MG jogam para se distanciar do Z4, ambos fazem um torneio de altos e baixos e ainda têm preocupado seus torcedores, que esperam bom desempenho na competição nacional, como acontece nos torneios continentais.

Depois de oito anos, o Corinthians volta a ter uma boa campanha na fase de grupos da Libertadores e garantiu o primeiro lugar do Grupo E. A última vez que o time alvinegro terminou essa fase na primeira posição foi em 2018, quando somou 10 pontos após os seis primeiros jogos. Naquela edição, a equipe foi eliminada nas oitavas de final pelo Colo-Colo.

Invicto em cinco jogos do torneio continental, na última quinta-feira (21), Fernando Diniz escalou um time reserva contra o Peñarol e ficou no empate por 1 a 1, no Estádio Campeón del Siglo, em Montevideo, no Uruguai. A ideia do treinador foi dar rodagem ao elenco e poupar os titulares para o duelo contra o Galo. Kaio César e Zakaria Labyad, que anotou seu primeiro gol com a camisa corintiana, foram destaques e podem jogar na partida de hoje.

Em entrevista coletiva, Diniz falou da falta de regularidade no Campeonato Brasileiro: "Eu acho que a gente tem que deixar de oscilar. Acho que em casa foi uma coisa que melhorou quando eu cheguei, em casa a gente está conseguindo produzir muito nas competições.

E fora de casa a gente teve problemas de pontuar por motivos diferentes", destacou.

Do lado atleticano, o time de Eduardo Domínguez venceu com facilidade o Cienciano por 2 a 0 na última quinta-feira (21) e mantém-se vivo na busca por uma vaga nas oitavas de final da Sul-Americana. Com sete pontos, mesma pontuação de Puerto Cabello e Cienciano, o Galo está em terceiro por causa dos critérios de desempate, mas depende apenas de uma vitória para garantir a classificação direta. Qualquer outro resultado elimina o Alvinegro da competição.

No Brasileiro, o Atlético vem de vitória por 3 a 1, contra o Mirassol. Nesta noite, o clube mineiro tenta

surpreender o Corinthians na Neo Química Arena. Em relação ao retrospecto, com 115 partidas disputadas, o histórico entre os dois clubes aponta uma vantagem corinthiana. O duelo atualmente conta com 44 vitórias dos paulistas, 31 empates e 40 vitórias dos mineiros. A partida de hoje será transmitida pela Record, CazéTV e Premiere.

### Vasco x RB Bragantino

O Vasco recebe o Bragantino em São Januário pressionado pela proximidade com a zona de rebaixamento. O confronto terá transmissão ao vivo no SporTV e no Premiere. Em toda a história, conforme o [site ogol.com.br](http://site.ogol.com.br), as equipes disputaram 23 jogos, com oito

vitórias dos cariocas, 11 empates e quatro triunfos dos paulistas. Se o time cruzmaltino briga na parte de baixo da tabela, o Massa Bruta foca na parte de cima.

Para a partida de hoje, mais uma vez, Renato Gaúcho terá dificuldades para escalar o time vascaíno. Devido a lesões, suspensões, controles de carga e ajustes pontuais, o técnico não repete o mesmo time titular no Brasileirão há exatos dois meses e convive. Na Série A, o clube tem cinco vitórias, cinco empates e seis derrotas, somando 20 pontos.

O Red Bull Bragantino visita o Vasco com o objetivo de não se distanciar do G4. Com 23 pontos, sete vitórias, dois empates e sete derro-

tas, o time de Vagner Mancini vem de triunfo por 2 a 0 contra o Vitória. Em coletiva, o treinador foi claro sobre as pretensões da sua equipe. "A nossa intenção e o nosso objetivo é olhar sempre para o G5. Nós não estamos olhando lá para baixo, não. A intenção é exatamente essa", disse.

No último encontro entre os dois clubes, o Vasco venceu o Bragantino fora de casa por 3 a 0, pela 30ª rodada do Brasileirão de 2025. Naquela partida, Vegetti marcou duas vezes e GB completou o placar já na reta final de jogo. Nos três jogos recentes, o mandante não conseguiu vencer. Hoje, o Cruzmaltino busca se impor e somar os três pontos diante de sua torcida.

A rodada será encerrada amanhã, com o confronto entre Coritiba e Bahia, às 20h, no Couro Pereira.



Foto: Matheus Lima/Vasco

*O Vasco busca a vitória diante do Massa Bruta, em São Januário, para fugir da parte inferior da tabela*

## Jogos de hoje

### BRASILEIRÃO

16h

Mineirão

Cruzeiro x Chapecoense

Mangueirão

Remo x Athletico-PR

18h30

Neo Química Arena

Corinthians x Atlético-MG

20h30

São Januário

Vasco x Bragantino

### AMANHÃ

20h

Couto Pereira

Coritiba x Bahia

BRASIL-HOLANDÊS

## “Um burgo de beberrões”

No tempo dos flamengos, até indígenas do litoral paraibano absorveram vícios vindos do invasor da Holanda, como a atração pelas bebidas alcoólicas



Pintura de Pieter Symonsz Potter (1597-1652) é uma obra do século 17 que representa um grupo de soldados holandeses num quartel, descansando e bebendo após uma batalha

Ademilson José  
 Especial para A União

Muitos dos indígenas potiguaras da Baía da Traição e do litoral da Paraíba que se aliaram e ajudaram os holandeses a conquistar o Nordeste e a constituir o Brasil-Holandês (1630-1654) não somente se educaram e aderiram à religião reformada, como também acabaram absorvendo muitos hábitos e costumes, inclusive os nada recomendáveis, que foram trazidos por esses invasores.

Dentre esses costumes, o mais marcante foi o da “bebedeira”, com o qual os holandeses eram tão habituados, que, na obra *Sobrados e mucambos* (1936), o sociólogo Gilberto Freyre chega a dizer que, no tempo dos flamengos, sobretudo em Recife, esse vício tomou “um desenvolvimento alarmante”. Algo que tornava a cidade “um burgo de beberrões”, onde até mesmo “pessoas da melhor posição social eram encontradas bêbadas pelas ruas”.

Como gostavam e tinham os holandeses como aliados para enfrentar os portugueses, os poti-

guaras que abraçaram o calvinismo, inclusive o líder maior, Pedro Poti, viciaram-se ao ponto de serem proibidos pelos missionários europeus de realizar sozinhos o ritual da Santa Ceia, que incluía vinho. É que, segundo o historiador Frans Leonard, depois do ritual, alguns indígenas não queriam parar de beber.

Quando trata desse tema na sua obra, *Tempo dos flamengos*, Gonsalves de Mello ressalta que isso era um dos fatores que mais prejudicava a credibilidade de Pedro Poti diante dos europeus, especialmente diante dos inimigos portugueses, que costumavam fazer uso dessa informação para prejudicar a imagem do líder potiguara. Como não gostavam da amizade de Poti com os holandeses, os lusitanos tratavam-no como “um sujeito perigoso e afeito à bebedeira”.

Baseada em outras fontes, no entanto, em sua dissertação de mestrado e na sua tese de doutorado, a pesquisadora Jaqueline Viração pondera um pouco. Diz que o caso de Poti nunca foi do jeito que os seus inimigos espalhavam e que se limitava a “recaídas” em momentos de ócio. Somente quando não tinha tarefas do governo holandês e nem de campo com seus liderados. O fato é que, naquele tempo, a discriminação contra nossos povos originários era muito mais forte que hoje, inclusive entre parte dos próprios holandeses. O que, de certa forma, nem fazia sentido.

Como principal influenciador do vício — antes dele os indígenas não iam além de uma cajuína natural —, holandês nenhum tinha moral para repreender nativo sobre bebida. Particularmente depois do governo de Maurício de Nassau (1637-1643), quando os indígenas se tornaram livres e muitos deles tinham até trabalhos remunerados na regência. Pela lei de Nassau, dono de engenho que escravizasse indígena era punido.

A atração do holandês pelo copo era tão conhecida e comentada pela população do Recife e da Frederika (então capital da Parahyba), que, em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre registra como popular no folclore do povo rural do Brasil-Holandês, um ditado relacionado a costumes judeus e a essa questão da bebida no período: “Não há Wanderley que não beba; Albuquerque que não minta; e Cavalcanti que não deva” (*Casa Grande & Senzala*, 51ª edição, Global, São Paulo, 2006, p. 336).

O Wanderley aqui não é somente um indivíduo, não. Trata-se de uma grande família que, segun-

De acordo com o polímata pernambucano Gilberto Freyre: “Não há Wanderley que não beba; Albuquerque que não minta; e Cavalcanti que não deva”

do Freyre, era de “descendência holandesa e formada de degenerados pelo álcool”. Inclusive e principalmente o chefe da prole, Gaspar van der Ley, “fidalgo da confiança do conde Maurício de Nassau” e muito conhecido no território do Brasil-Holandês, de Sergipe aos confins do Maranhão.

## Hábito

**Potiguaras que abraçaram o calvinismo viciaram-se ao ponto de serem proibidos pelos missionários europeus de realizar sozinhos o ritual da Santa Ceia, que incluía vinho**

No prefácio à obra *Tempo dos flamengos*, lançada em 1947 por Gonsalves de Mello, Freyre também faz um comentário, aliás muito bem-humorado, sobre um tio seu que era “tipicamente Wanderley... pelo arrastado da voz fanhosa, pela lentidão dos gestos semelhantes aos dos fidalgos arruinados, pelo gosto de bebidas fortes, de cavalos grandes e de mulatas quase negras, faltando-lhe para ser o completo tipo clássico de Wanderley de Serinhaém ou Rio Formoso a gordura flamenga”.

Com base nessas observações de Freyre, Frans Leonard e Gonsalves de Mello, talvez seja razoável supor que a reputação desfrutada pelos neerlandeses seiscentistas tenha sido mesmo legada aos seus descendentes no Brasil. E isto, aliás, é o que vem podendo se constatar melhor nos trabalhos dessa nova geração de pesquisadores surgida a partir da década de 1980.

Um bom exemplo desses trabalhos é a dissertação de mestrado *Bebidas e bebedores no Norte do Brasil à época da conquista holandesa (1624-1654)*, defendida pelo professor Gabriel Ferreira Gurian, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Franca-SP, 2018).

Pelos detalhes da pesquisa de Gurian, é possível imaginar que, assim como *brood* e *edam* (“brote” e “queijo” do reino em holandês antigo), esse hábito tão nordestino, e brasileiro mesmo, de apreciar uma festança em família e um churrasco entre amigos, também pode ser herança dos velhos batavos, do Brasil-Holandês.

Do catolicismo lusitano, com a Santa Inquisição e a escravidão de 400 anos é que não pode ter sido...



## Mozart Montenegro

# Um grande nome do jornalismo empresarial

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

Entre as rotinas da fiscalização tributária e o dinamismo das redações, Mozart Montenegro construiu uma trajetória singular no jornalismo paraibano. Comunicador por vocação, empreendeu no ramo das publicações empresariais, ampliando o olhar em torno do desenvolvimento econômico paraibano. O trânsito livre entre empresários, lideranças públicas e a imprensa revelam um exímio articulador de ideias, relações e projetos.

Mozart Coelho Montenegro nasceu em 18 de abril de 1943, no município paraibano de Guarabira. O filho do médico odontologista e político, Asdrúbal Nóbrega Montenegro, e sua esposa, Estela Coelho Montenegro, viveu boa parte da infância em cidades do interior do estado, como Alagoa Grande, para onde o pai foi nomeado gestor municipal, transferido para João Pessoa quando do mesmo assumiu o cargo de secretário da recém-fundada Faculdade de Odontologia da Paraíba.

Na capital, Mozart estudou no Liceu Paraibano e, ainda jovem, colaborou com o jornal da Festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade. A formação superior em Direito só veio anos depois, quando já era funcionário concursado como agente fiscal, função na qual permaneceu até a aposentadoria. Foi a partir dessa atividade, vinculada à Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba (Atrafeq), que Mozart pode alçar voo como comunicador.

Os primeiros passos foram no *Jornal do Fisco*, periódico de circulação mensal, criado em 1968, para divulgar legislação tributária e notícias administrativas e sociais da categoria, e que,



Exemplar da Revista do Fisco de maio de 1979, publicação criada no final dos anos 1960 na qual Montenegro se destacou como jornalista no cenário local

graças à boa aceitação, só contou com oito edições, pois foi transformado na *Revista do Fisco*. Foi nela que Mozart se destacou como jornalista no cenário paraibano, ao lado do primo e também auditor fiscal, Hélio Zenaide, e do jornalista Marcos Tenório, colaborador na diagramação e na elaboração de matérias, ambos já falecidos.

O jornalista Abelardo Jurema Filho ressalta a ligação harmoniosa, fraterna e de admiração mútua que manteve com Mozart desde os tempos de visitas à re-

dação do jornal *O Momento*, onde já notava o perfil do companheiro para comunicação. “Mozart foi um homem de duplas e nobres vocações. No plano técnico, serviu ao Estado com retidão como auditor fiscal, compreendendo como poucos que a máquina pública só caminha quando aliada à inteligência estratégica. Mas sua alma pertencia, de fato, à comunicação. Foi no jornalismo que ele encontrou a sua verdadeira agora. Como editor da icônica *Revista do Fisco*, transformou uma publicação classista em um espaço de deba-

te econômico profundo, mostrando que a arrecadação e a Justiça Social andam de mãos dadas”, enfatiza.

As dificuldades da associação para manter a circulação da revista obrigaram Hélio e Mozart a buscarem alternativas junto ao setor público e privado para viabilizar a edição do magazine, no contexto de implantação do Distrito Industrial na Paraíba, ampliando o escopo para matérias sobre a indústria e o comércio local. Abelardo destaca a visão empreendedora do auditor-jornalista, que buscou fomentar espaços para publicação empresarial.

“Mozart Montenegro teve a sensibilidade de entender que o empresário paraibano precisava de voz, de vitrine e, acima de tudo, de reconhecimento. Daí nasceu a brilhante ideia de homenagear os ‘100 Maiores Contribuintes do ICMS da Paraíba’. Uma iniciativa que começou tímida e que, há quase meio século, consolidou-se como o maior e mais prestigiado acontecimento do PIB paraibano, reunindo governantes, secretários e a nata do nosso mundo corporativo em noites de celebração ao trabalho e à geração de riquezas”, recorda o jornalista.

A diagramadora Ilka Cristina revela que começou a trabalhar com Mozart assim que concluiu o curso universitário e esteve ao lado do jornalista por cerca de cinco anos. “Ele sempre foi um comunicador e agregador e conhecia muitos empresários, com quem criava um certo laço de amizade, mas ele também vendia, conversava, divulgava a revista, fazia de tudo. Com ele, eu aprendi a ser uma pessoa determinada, porque ele nunca foi de ficar parado, sempre foi um empreendedor”, resume.

Abelardo Jurema recorda, ainda, que caminhou lado a lado com Mozart na fun-

ção da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo na Paraíba (Abrajat-PB). “Sua visão não conhecia fronteiras geográficas ou temáticas. Amante da Paraíba e de suas belezas naturais, Mozart percebeu cedo que o turismo era a nossa mina de ouro ainda a ser lapidada”, sublinha. “Mozart Montenegro era uma pessoa muito atuante e extrovertida e contribuiu muito com a Abrajat-PB e o turismo na Paraíba, com destaque para o grande jantar anual, que ele fazia para homenagear personalidades e empresários”, recorda a jornalista Teresa Duarte, que também integra a associação.

Ruth Avelino, jornalista de turismo e membro da entidade, não esquece o quanto Mozart estimulava e incentivava seu trabalho ao longo dos 12 anos em que esteve à frente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), assim como da contribuição para o setor econômico: “O segmento do jornalismo empresarial é um filão que algumas pessoas apostam, mas nem todo mundo quer fazer. E Mozart transitava muito bem nesse espaço, pois conseguia se aproximar dos empresários que tinham um papel relevante na economia do estado, mostrando para a população quem eram as pessoas que representavam aquelas empresas”, salienta.

### Espírito apaziguador

Conciliando linguagem jornalística e publicitária, Mozart esteve à frente, por quase sete anos, da revista *Resumo*, publicação que destacava, prioritariamente, os grupos empresariais paraibanos. Por fim, criou o periódico *Painel Empre-*

*rial*, que hoje está sob a responsabilidade do filho, Emanuel Montenegro.

“A revista *Painel* nasceu para ser a revista do empresário, a fala do empresário. Desde menino que eu convivia com ele e os jornalistas da *Revista do Fisco* e depois da *Painel*. Papai nunca fez curso de Jornalismo, era jornalista de batente e eu fui aprendendo com ele e com essa turma. Eu não me acho sucessor dele em nada, porque eu só faço copiar meu pai e, hoje, eu estou muito em novembro do ano passado quando meu filho começou a me ajudar”, relata Emanuel.

O filho destaca o espírito conciliador como a principal característica do pai, que se demonstrava no sorriso sempre pronto e nas amizades que fazia por onde quer que passasse. Na aparência, não deixava o *blazer* ou paletó, ainda que estivesse sob o sol. Gostava de ler e viajar pelo Brasil. Aos domingos, ele gostava de participar ou fazer uma festa com os amigos. Apesar de fazer publicidade para os outros, mantinha-se mais nos bastidores, sem procurar chamar muita atenção. “Era um cara que amava a vida e amava os outros, um cara humilde, devoto de Santo Antônio”, finaliza Emanuel Montenegro.

Mozart Montenegro faleceu em 27 de março de 2016, seis meses após o falecimento da companheira, deixando quatro filhos. Em homenagem ao seu fundador, a revista *Painel Empresarial* entrega o Prêmio Mozart Montenegro a personalidades de destaque em diferentes segmentos empresariais, durante o tradicional jantar de reconhecimento dos 100 maiores contribuintes de ICMS na Paraíba.



Conciliando linguagem jornalística e publicitária, além da Revista do Fisco, Mozart esteve à frente da Revista Resumo e criou a Painel Empresarial

## Angélica Lúcio

# O que está em jogo quando nos deixamos substituir por máquinas?

O uço no rádio o jornalista Pedro Doria informar que a inteligência artificial generativa (IA Gen) deverá ultrapassar, até 2028, a inteligência de seres humanos. Teremos “um país de gênios dentro de um *datacenter*”, com a IA atingindo uma “inteligência equivalente à de um prêmio Nobel em inúmeras áreas do conhecimento”.

Os dados citados por Pedro Doria referem-se a um ensaio publicado pela *startup* norte-americana Anthropic, o qual aborda a corrida tecnológica entre os Estados Unidos e a China. Para além da disputa entre as duas potências mundiais, preocupa-me, sobremaneira, o quanto estamos deixando os *bots* invadir nossas vidas.

Atualmente, há quem esteja completamente dependente de máquinas, seja ao não se desligar um minuto sequer do telefone celular, seja solicitando a aplicativos de IA demandas banais, como pedir uma saudação de feliz aniversário para enviar a um conhecido.

Delega-se de tudo um poucos aos robôzinhos! Quando é preciso ler e avaliar um texto, há quem demande logo um resumo ao aplicativo, seguido de uma análise. Se um indivíduo está triste, angustiado ou com problemas no relacionamento, pede conselhos ao sistema tecnológico que mais lhe agrada. Sim, existem pessoas que interagem com aplicativos como se enxergassem ali um amigo.

Relacionado a esse tema, o papa Leão XIV fez um alerta para os riscos que a sociedade corre com a “antropomorfização” da máquina,



Papa Leão XIV alerta para os riscos que corremos com a “antropomorfização” da máquina

ou seja, quando ela é humanizada; quando nós consideramos dispositivos e sistemas de tecnologia da informação como confiantes, psicólogos e conselheiros.

A mensagem do sumo pontífice registra que “a tecnologia que explora a nossa ne-

cessidade de relacionamento pode não só ter consequências dolorosas para o destino dos indivíduos, como também prejudicar o tecido social, cultural e político das sociedades”. Para o papa, o desafio não é impedir a inovação digital, mas melhor orientá-la.

Foto: Reprodução/Visagem Mídia

Treinada por humanos, a dita inteligência artificial pode até ser empática, acredite! Ela reconhece, interpreta e responde a sinais emocionais humanos. A isso dá-se o nome de “computação afetiva” (*affective computing*): são máquinas treinadas para identificar emoções em textos, voz ou expressões nas interações com os indivíduos de carne, osso e coração pulsante. Ora, ora!

Os robôzinhos dão conselhos, mas também cometem desastros. Em 2025, um casal da Califórnia, nos Estados Unidos, entrou com um processo contra a OpenAI, acusando a empresa de homicídio culposo ao validar as ideias suicidas de um adolescente de 16 anos, que recorreu à morte autointeligida. Em nota, a empresa alegou que o sistema é treinado para orientar usuários a buscar ajuda profissional, porém reconheceu que nem tudo sai como o planejado: “Houve momentos em que nossos sistemas não se comportaram como o esperado em situações sensíveis”.

De forma célere, a inteligência artificial invade nossas vidas e práticas cotidianas. Refletir sobre o tema, não abdicar do pensamento crítico e incentivar a literacia digital são práticas que buscam nos proteger como humanos. O uso de IA tem vários benefícios, claro. No entanto, há muito em jogo para a humanidade quando nos deixamos substituir por máquinas, especialmente nossa capacidade de nos relacionarmos com as pessoas.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

# Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e da Jovem Guarda — II

Quando aconteceu a fase áurea de Celly Campello, de 1952 a 1962, o nosso meio artístico já conhecia Nora Ney, nome artístico de Iracema de Sousa Ferreira (Rio, 1922-2003), carioca de Olaria, que se tornara nome de primeira linha do samba-canção, cuja atividade estendeu-se de 1952 a 2001. Perpetuou-se com inúmeros sucessos, bem ao gosto popular e com enorme aceitação de um público apreciador do estilo musical dela, no qual predominavam composições da chamada “música de fossa”, gravando os grandes nomes da época, como Antônio Maria e Fernando Lobo (“Ninguém me ama”, “Se eu morresse amanhã”), Luis Bonfá (“De cigarro em cigarro”), Dolores Duran (“Castigo”, “Solidão”), Denis Brian (“Conselho”), Haroldo Barbosa (“Bar da noite”), Lupicínio Rodrigues (“Aves daninhas”), mas enveredando também por novos caminhos que eram iniciados por Toquinho e Vinícius, Alcides Fernandes (“Regra três”, “Solidão”), Dorival Caymmi (“Saudade da Bahia”), Tito Madi (“Chove lá fora”), entre outros.

Embora uma outra grande intérprete nacional — Leny Eversong, nome artístico de Hilda Campos Soares de Silva (Santos-SP, 1920—São Paulo-SP, 1984) — já houvesse enveredado pelo caminho de interpretações da música norte-americana (no original), chegando a apresentar-se com o então fenômeno Elvis Presley, nos EUA, o fato notório, no entanto, é que o nome de Nora Ney conquistou corações e ouvidos da juventude que se tornaria adepta da Jovem Guarda.



Cantora carioca Nora Ney (1922-2003) tornou-se nome de primeira linha do samba-canção

Assim, após o estrondoso sucesso do filme *Ao balanço das horas* (*Rock around the clock*, 1955), em que Bill Haley & His Comets interpretavam a música homônima, a gravadora nacional Continental, com um grande furo mercadológico, antecipa-se ao mercado filmográfico e lança a música, no Brasil, em novembro de 1955. Nela, Nora Ney, cantando no original, acompanhada do Sexteto Continental, nos apresenta ao som e ao momento musical que “faria a cabeça” de nossa juventude naqueles anos dourados do *rock and roll*.

As primeiras notas musicais, ela aprendeu sozinha, buscando um caminho já seguido por duas irmãs.

Artisticamente, Nora Ney passou a frequentar o meio artístico, em 1949, quando foi criado o Sinatra/Famey Fã Clube, com sede no bairro de Olaria e onde costumavam reunir-se os admiradores daqueles que já eram considerados ícones da música popular. O gosto musical e a voz de Nora chamaram a atenção do patrono do clube, Dick Farney, que a apresentou à direção do Rádio Nacional do Rio, onde ela se iniciou, cantando

Foto: Juvencio Pereira/Estado Conectado

em inglês, inicialmente, sob o nome de Nora May. Por acaso, com o afastamento de Aracy de Almeida da emissora, coube a Nora (agora com o nome Nora Ney) e por influência de Haroldo Barbosa substituir aquela no programa *Viva o samba*, evidentemente, passando a cantar no vernáculo. Daí, para a vida musical carioca noturna foi um pulo: Boite Midnight, Copacabana Palace... É quando se oficializa o seu estilo e sua preferência musical por temas que a consagraram. Foi quando autores já renomados da época passaram a se interessar mais pelo estilo assumido por Nora.

Sua vida privada fala do seu primeiro matrimônio, ocorrido em 1940, que durou 10 anos e dois filhos. O meio artístico a levou a aproximar-se do também cantor Jorge Goulart, com quem passou a viver maritalmente, efetuando-se o casamento no ano de 1992.

Inúmeras aparições, em *shows* e espetáculos públicos, marcaram a carreira de Nora Ney, solo ou com outros nomes nacionais, inclusive com o seu marido; porém, os mais marcantes foram dois: em 1992, apresentando-se em um *show*, no Rio, sofreu um AVC que deixou sequelas, impedindo-a de voltar aos palcos; em 2000, foi homenageada em um *show* de Elymar Santos, no Cinesed. Essa foi a sua última aparição pública, e ela ainda chegou a cantar seu maior sucesso “Ninguém me ama”, em cadeira de rodas. Posteriormente, em 2003, Jorge Goulart (Rio, 1928-2012) realizou em espetáculo em sua homenagem, no Teatro João Caetano (RJ).

TECNOLOGIA

# Apple anuncia novos recursos de inclusão

Dentre as novidades, haverá o controle de cadeiras de rodas com o olhar

Europa Press  
Agência Estado

A Apple apresentou novos recursos de acessibilidade impulsionados pela tecnologia Apple Intelligence, como o controle por voz com linguagem natural e melhorias em diversos recursos, como o VoiceOver ou a Lupa, além de uma nova ferramenta no Vision Pro que permite ao usuário controlar uma cadeira de rodas por meio do olhar.

As atualizações foram realizadas no âmbito do Dia Mundial da Conscientização sobre Acessibilidade (conhecido como "Gaad", sigla em inglês), comemorado na última quinta-feira (21), e estarão disponíveis para todos os usuários no fim do ano.

"Com o Apple Intelligence, incorporamos novos e poderosos recursos às nossas funções de acessibilidade, mantendo, ao mesmo tempo, nosso compromisso fundamental com a privacidade desde a concepção", declarou o CEO da Apple, Tim Cook.

Nesse sentido, dentre as novidades anunciadas, a Apple apresentou um recurso de controle de cadeiras de rodas para o Apple Vision Pro, destinado a pessoas que utilizam cadeiras de rodas motorizadas, mas que não conseguem conduzi-las com um controle remoto; portanto, controles de condução alternativos podem ser essenciais para a mobilidade independente dessas pessoas.

Essa função utiliza o sistema de rastreamento ocular do Apple Vision Pro e oferece aos usuários um método de entrada responsivo para sistemas de controle alterna-

tivos compatíveis, conforme divulgado em um comunicado em seu site.

O rastreamento ocular do Vision Pro não requer calibrações frequentes e funciona em uma ampla variedade de condições de iluminação. Além disso, será lançado nos EUA com os sistemas de controle alternativos Tolt e Luci, com suporte a acessórios tanto para conexões *bluetooth* quanto por cabo, embora a Apple continue colaborando com desenvolvedores para ampliar o suporte a mais sistemas de controle de cadeiras de rodas.

A Apple também revelou novidades para o Explorador de Imagens no VoiceOver, que agora usa a Apple Intelligence para fornecer mais detalhes sobre as descrições das imagens em todo o sistema, incluindo fotografias (que muitas vezes não possuem descrições de texto alternativas), faturas digitalizadas, registros pessoais e outros conteúdos.

Além disso, com a atualização do Reconhecimento em Tempo Real, os usuários do VoiceOver podem pressionar o botão de Ação no iPhone para fazer rapidamente uma pergunta sobre o que aparece no visor da câmera e obter uma resposta detalhada. Essa função é semelhante às perguntas de acompanhamento do Gemini Live, disponível no Android desde março de 2025.

A ferramenta Lupa também foi atualizada com a Apple Intelligence para oferecer exploração assistida e descrição visual em uma interface de alto contraste projetada especialmente para usuários com baixa visão. Na

verdade, ela também funciona com o botão de Ação do iPhone para que os usuários possam fazer consultas rápidas. A Apple também oferece a possibilidade de controlar o aplicativo com comandos de voz, como "aumente o zoom" ou "acenda a lanterna".

## Linguagem natural

Outra novidade apresentada pela Apple é o uso da linguagem natural com o Controle por Voz, o que torna a experiência mais intuitiva para ajudar usuários com diversas deficiências físicas a navegar pelo iPhone e pelo iPad usando apenas a voz.

A experiência de linguagem natural estende-se à interface visual de aplicativos como o Mapas da Apple e o Arquivos, e o usuário pode dizer coisas como "toque no guia sobre os melhores spas da região" ou "toque na pasta azul", em vez de memorizar rótulos específicos. É um recurso projetado para ajudar os usuários quando os elementos da interface de um aplicativo não estiverem devidamente rotulados para acessibilidade.

O mesmo ocorre com o Leitor de Acessibilidade, que agora é capaz de compreender materiais mais complexos, como artigos científicos, lidando com texto em várias colunas, imagens e até mesmo tabelas. Da mesma forma, a Apple inclui a opção de resumo sob demanda para oferecer ao usuário a possibilidade de obter uma visão geral do artigo.

A tudo isso, soma-se a opção de tradução integrada, para que os usuários possam ler o texto em seu idioma nativo sem perda de formatação, fonte e até mesmo cores.

Por fim, as legendas geradas agora são atualizadas para vídeos pessoais, conteúdo compartilhado por amigos, familiares e outros conteúdos multimídia, em vez de se limitarem apenas às próprias plataformas como YouTube e Facebook. Elas são geradas automaticamente no iPhone, iPad, Mac, Apple TV e Apple Vision Pro, com um ponto muito importante: são geradas no próprio dispositivo para garantir a privacidade.



# Eita!!!!

## # Cher, 80 anos

Cantora, atriz e ícone pop, Cher completou 80 anos na última quarta-feira (20) com uma trajetória de mais de seis décadas marcada por reinvenção, sucesso e desafiando os padrões vigentes. Dona de uma carreira que mistura música, cinema, televisão, moda e ativismo, ela passou por diferentes fases artísticas, mudou de estilo inúmeras vezes e atravessou gerações sem desaparecer dos holofotes. Confira as principais curiosidades de uma das principais artistas da cultura pop.

## # Infância de instabilidade e superação

Nascida como Cheryl Sarkisian, nos Estados Unidos, Cher teve uma infância bastante difícil. Filha da atriz e cantora aspirante Georgina Holt e de John Sarkisian, que enfrentava problemas com alcoolismo, ela cresceu em meio a dificuldades financeiras e constantes mudanças. Na autobiografia *The memoir: part one*, lançada no fim de 2024, ela revela detalhes delicados desse período. Cher relembra episódios de abandono, insegurança e até o período em que precisou ficar em um orfanato enquanto sua mãe trabalhava durante a noite para sustentar a família.

## # Parceria que resultou em fenômeno mundial

Ao lado de Sonny Bono, Cher conquistou o mundo nos anos 1960 com músicas que atravessaram gerações, como "I got you babe" e "The beat goes on". Mesmo com a personalidade irreverente do casal, o relacionamento foi marcado por momentos complicados. Apesar do sucesso profissional, Cher revelou anos depois que viveu períodos emocionalmente dolorosos durante o casamento. Ainda assim, foi justamente após o fim da relação que ela conseguiu consolidar sua identidade artística individual.

## # Reinvenção como marca registrada

Ao longo dos anos, a cantora conseguiu migrar entre estilos musicais completamente diferentes sem perder autenticidade. Do *folk-rock* à *dance music*, ela sempre encontrou maneiras de se adaptar às mudanças da indústria cultural. Na década de 1990, por exemplo, voltou ao topo das paradas com "Believe", hit que ajudou a popularizar o uso criativo do Auto-Tune na música pop. A canção virou um marco cultural e apresentou Cher para uma nova geração.

## # Do palco para o cinema: "oscarizada"

Além da música, Cher também mostrou o seu lado de atriz. Filmes como *Silkwood* e *Feitiço da lua* consolidaram sua carreira no cinema e mostraram que ela ia muito além da imagem de cantora pop. Foi justamente por *Feitiço da lua* que Cher conquistou o Oscar de Melhor Atriz, em 1988, rompendo preconceitos comuns na indústria com os músicos que migravam para as telonas. Ao longo dos anos, ela ainda acumulou prêmios importantes como Grammy, reconhecimento no Festival de Cannes e homenagens ligadas tanto à música quanto à moda e ao ativismo.

# Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Linha horizontal (2) = reta + soletrei (1) = li + procedimento (2) = ação. **Solução:** pena aplicada (5) = retaliação.

**Charada de hoje:** Aqui (1) a harmonia (1) me leva a um estado de me tornar eficiente (2).



Ilustração: Bruno Chiozzi

# Tiras

## O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



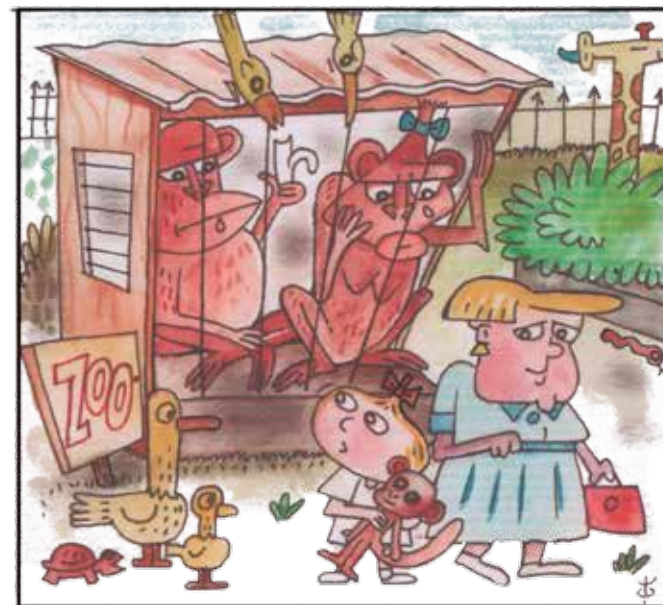
## Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



# 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



## Solução

1 - lago da macaca; 2 - pau da placa; 3 - bico do pato; 4 - chifre da girafa; 5 - lãgrima; 6 - casca da banana; 7 - grade; 8 - bicho; 9 - corça

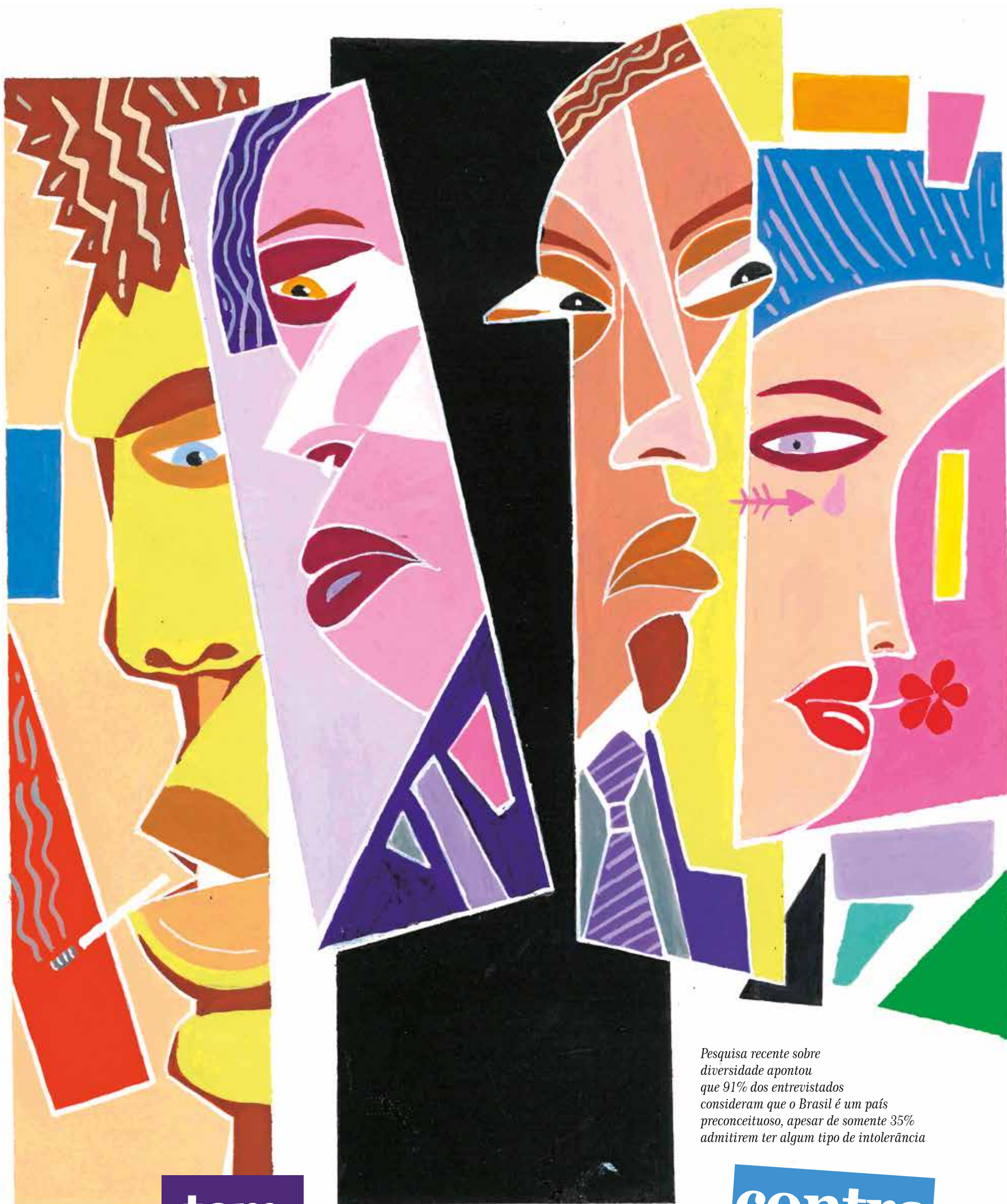


Ilustração: Tônio

Pesquisa recente sobre diversidade apontou que 91% dos entrevistados consideram que o Brasil é um país preconceituoso, apesar de somente 35% admitirem ter algum tipo de intolerância

# Você tem preconceito contra quem?

*Hospedeira da cultura outrofóbica, sociedade deve estimular a alteridade para conviver com o diferente*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Em uma tradução literal, preconceito é um juízo prévio de situações ou pessoas sem o conhecimento de todas as informações necessárias para bem compreendê-lo. Ainda que, à primeira vista, pareça associado a uma operação mental, ele se traduz em atitudes bem concretas de rejeição, portanto, quase sempre negativas, em relação ao outro, ao que é desconhecido e diferente.

Por essa razão, é difícil encontrar quem se reconheça preconceituoso. Uma pesquisa sobre diversidade, realizada ano passado pelo setor comercial, em parceria com o Instituto Locomotiva, apontou que 91% das pessoas entrevistadas consideram que o Brasil é um país preconceituoso, apesar de somente 35% delas admitirem ter algum tipo de preconceito. Um estudo realizado por pesquisadores do Departamento

de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com estudantes universitários da área de Ciências Humanas, revelou percentuais bem próximos: 82% deles consideram existir preconceito no Brasil, mas também não se admitem preconceituosos.

A professora de psicologia Ana Raquel Torres, que coordena o Observatório Nacional dos Preconceitos, reconhece que é na coexistência com os discursos de cordialidade e tolerância que o preconceito se mantém. "É o que a gente chama de 'dissonância cognitiva'. O problema está no outro, mas eu não faço parte desse problema. A desejabilidade social, a ideia de precisarmos aparecer como uma pessoa equilibrada e magnânima, faz com que ninguém queira ser visto como preconceituoso. Tem a ver com a construção de uma autoestima, que não é individual e precisa do olhar do outro", explica Torres.

A dificuldade de nomear os diferentes tipos de precon-

ceitos como machismo, racismo, homofobia, transfobia, gordofobia, capacitismo, intolerância religiosa etc., motivou o escritor Alex Castro a optar pelo termo "outrofobia", compreendido como a rejeição ou aversão ao "outro". A ideia em torno da palavra tem função menos científica e mais militante e didática, buscando combater ideias incutidas historicamente como a de que ser homossexual é pecado, pessoas negras têm "cabelo ruim" ou mulheres foram feitas para ser mães.

"Somos todos hospedeiros da cultura outrofóbica", afirma Castro. "Trazemos dentro de nós todos os xingamentos homofóbicos, todas as piadas racistas, todos os lugares-comuns machistas (por isso, também, ninguém está livre, nem mesmo a mais politizada militante, de escorregar e deixar escapar uma atitude ou fala outrofóbica). Mas, se não temos escolha de sermos hospedeiros da cultura outrofóbica, temos escolha, sim, de sermos veto-

res. A escolha de passar adiante esses horrores do passado é só nossa", argumenta.

O caminho para a superação dos preconceitos encontra eco na alteridade, característica, estado ou qualidade de reconhecer-se distinto e diferente, isto é, de se reconhecer como "outro". Em vez de apontar as diferenças, o movimento é inverso: perceber-se como pessoa singular e única em suas vivências. É daí que surge a empatia, capacidade de se colocar no lugar do outro, muitas vezes confundida com a própria ideia de alteridade.

O professor do Departamento de Fundamentação da Educação, Edson Guedes, estuda a alteridade na perspectiva da filosofia de Emmanuel Levinas, concebida como uma relação com o outro que implica responsabilidade e cuidado. "Não se trata de uma relação com o outro em que você o mantém distante, de um outro que não tem relação comigo. Na perspectiva levinasiana, o outro é o que

me interpela a uma tomada de posição responsável em relação a ele. Então, nesse sentido, muda muito, pois não é uma relação puramente da diferença pela diferença. Esse é um dado importante, que nem sempre está presente nas discussões", alerta.

Mas até onde é possível superar a outrofobia, numa sociedade estruturada em torno da lógica do controle e eliminação dos diferentes? Viver sem preconceitos seria uma utopia? Como estimular a alteridade e o aprendizado para conviver com o diferente, que de alguma forma, nos desestabiliza? Compreender as dinâmicas de formação e consolidação das discriminações parece ser um primeiro passo, por isso esta edição do *Pensar* é, também, um convite ao desconforto, a reconhecer os preconceitos que gritam, mas também os que sussurram, quase inaudíveis, presentes nos costumes, tradições, chistes e olhares que todos nós lançamos ao mundo.

## CRIAÇÃO DO TERMO

# Perspectiva é mais ampla

*Sem fundamentação em disciplinas como psicologia ou sociologia, conceito foi gerado para abordar todos os preconceitos e as fobias contra os indivíduos que estão fora dos padrões estipulados*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

A ideia de um termo genérico para abarcar os diversos tipos de preconceito em relação ao outro surgiu quando o escritor Alex Castro tentava abordar as relações de amor e ódio com o “outro”, em questões de gênero ou outras formas de discriminação, mas seus textos sempre saíam com frases desajeitadas, tendo que fazer referência à lista deles, quase todos interligados.

“Eu escrevia coisas como: ‘Pouco importa o que a gente é (sermos machistas, racistas, homofóbicas, elitistas, gordofóbicas, capacitistas, etc.), o importante é o que a gente faz (termos atitudes machistas, racistas, homofóbicas, elitistas, gordofóbicas, capacitistas, etc.)’. ‘Outrofobia’ foi um termo que inventei para facilitar a minha vida. Para poder falar de todos esses preconceitos e fobias em uma palavra só. Pois, apesar de muitos diferentes, todos funcionam de acordo com o mesmo mecanismo, digamos, ‘outrofóbico’”, explica.

Ele reconhece que não se trata de um conceito especializado, fundamentado em disciplinas como psicologia ou sociologia. A perspectiva é mais ampla e generalista, e vem sendo utilizada em seus livros e escritos para veículos de imprensa como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de Minas*, nos quais aborda a outrofobia em suas mais diversas vertentes, mas sempre voltada para explicar os preconceitos institucionais e estruturais construídos socialmente contra os diferentes, os que estão fora dos padrões estipulados.

“Nossa sociedade não se organizou sozinha, nem caiu pronta do céu: foi organizada por muitos homens (ênfase em ‘homens’), ao longo de muitos séculos, e obedece, em larga medida, aos interesses de quem a organizou... No caso do Brasil, nossa sociedade foi engendrada por uma elite machista, classista, hierarquizada, racista, paternalista, hipócrita e autoritária, e continuamos funcionando de acordo com esse paradigma outrofóbico até hoje, mesmo que sob o verniz da democracia e do Estado de Direito”, afirma Alex Castro.

No Brasil, jovens negros concentram 73% das mortes por causas externas, segundo um levantamento da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Empresas pagam, em média, 15% mais a homens em relação a mulheres, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a representatividade na política segue reduzida, com índices que não chegam aos 20% no Congresso Nacional, conforme revelou o mapa *Mulheres na política: 2025*, divulgado pela ONU Mulheres, entidade das Nações Unidas para a igualdade de gênero e o empoderamento feminino. O país mantém-se, ainda, no topo do *ranking* dos que mais matam pessoas LGBTQIA+ em todo o mundo, de acordo com o relatório do Observatório do Grupo Gay da Bahia (GGB). Esses são

apenas alguns dados que reforçam as ideias de Alex Castro.

## Sem fórmula mágica

Partindo dessa visão estrutural, não se pode acreditar numa fórmula mágica para que brasileiros deixassem de ser preconceituosos, se as instituições permanecerem inalteradas. “O baralho que herdamos já está viciado para beneficiar sempre um tipo específico de jogador. Não basta que os jogadores beneficiados simplesmente não trapaçiem, pois, mesmo assim, vão continuar magicamente ganhando todas as partidas. É necessário trocar de baralho”, defende.

Um passo importante nessa direção consiste no reconhecimento da própria condição outrofóbica, um processo difícil, inclusive para aqueles que sofrem na pele algum tipo de preconceito. Nada impede, exemplifica Alex Castro, uma mulher de ser racista, já que isso não apaga ou anula a violência misógina sofrida por ela, do mesmo modo que nada impede uma pessoa negra de ser misógina, pois isso não significa apagamento ou anulação da violência racista que ela sofre.

Recusar-se a encarar os privilégios de classe é outro grande desafio. Castro recomenda dar um passo atrás para desnaturalizar o modo de vida centrado em si e enxergar as outras pessoas. “Quando pergunto se as pessoas são ricas, elas ou dão respostas abstratas (‘Sou rico em oportunidades’) ou negam (‘Olha, eu até ganho bem, mas não me considero rica porque não consigo comprar tudo o que eu quero’). Ninguém acha que é rica, ou que é privilegiada, pois isso acarretaria obrigações sociais que queremos evitar, uma autoimagem da qual fugimos. O privilegiado é sempre um ‘outro’”.

## Meritocracia ilusória

Alex Castro se reconhece grato por algumas coisas, como ter nascido homem, cis, branco e na classe alta urbana, em um país machista, transfóbico, racista e desigual, ou ter um corpo sem deficiências e uma sociedade capacitista. Reconhece, ainda, outros privilégios como ter crescido em um bairro seguro e tranquilo, num ambiente familiar sem violência doméstica, estudando nas melhores escolas particulares e sem ter que trabalhar durante a infância e adolescência.

“Nenhuma dessas graças que recebi foi mérito meu. Essas graças, cada uma delas, sem exceção, são privilégios. Em um país injusto e desigual como o nosso, não é preciso ter lancha de 40 pés ou ilha particular para ser uma pessoa privilegiada. Se você está aqui, lendo este texto, e não lavando chão em troca de um salário mínimo, provavelmente é uma pessoa privilegiada também”, provoca o escritor.

Para ele, o Brasil não é um país meritocrático, mesmo que muitos citem exemplos de pessoas excluídas que alcancem o sucesso pessoal. Uma pessoa favelada brilhante, competente e talentosa precisa vencer todas as armadilhas da vida para, teoricamente, conseguir cursar uma universi-

dade federal, abrir uma empresa ou ficar rica, “mas só se não errar nunca, se nunca cair em tentação, se nunca for morta de bala perdida ou torturada pela polícia, e tiver muita, muita sorte”. Para as pessoas privilegiadas, no entanto, não existem erros tão grandes, e contam, ainda, com uma rede de pessoas amigas e familiares, também privilegiadas, que abrem as portas e concedem oportunidades que, para as pessoas marginalizadas, estão fora do alcance.

“Via de regra, quanto mais acreditamos em nosso mérito, ou seja, em nosso controle sobre as circunstâncias de nossa vida, mais aceitamos que as pessoas merecem as vidas que têm e, portanto, mais nos conformamos ao *status quo*. Por outro lado, se reconhecemos que nossas vidas são largamente determinadas por eventos fora de nosso controle, então é mais provável de sentirmos compaixão e de enxergarmos com generosidade aquelas pessoas que não tiveram a mesma sorte que nós”, reflete o escritor.

## Fobias identitárias

Para Castro, toda identidade é, por definição, exclusionária, à medida que, se é algo (brasileiro, classe média, aquariano...), já não se é outra infinidade de coisas (uruguaio ou chineses, classe alta ou classe baixa, leonino ou ariano...). A questão central não seria, então, a identidade, mas aquilo que não se reconhece em si próprio, porque a posição ocupada impede e bloqueia a percepção.

“Quanto mais nos dividirmos em identidades, mais fáceis seremos dominados. De certa maneira, minha ênfase em unir todas as fobias identitárias em uma única ‘outrofobia’ é uma tentativa de recuperar a clivagem primordial que separa a esquerda da direita e que paira acima de todas as identidades: classe. A briga entre ‘essa-minoria-pobre’ contra ‘aquela-minoria-pobre’ favorece apenas o capital”, justifica.

Num cenário marcado pela polarização e dificuldade de convivência em diferentes setores sociais, sobretudo a política, reconstruir espaços de diálogo baseados na civilidade, na escuta e no respeito mútuo torna-se fundamental. Discordar das ideias do outro, ato legítimo num sistema democrático em que todos possuem o direito de se expressar, não implica a busca pela sua eliminação.

Escritor Alex Castro idealizou a definição de “outrofobia” quando ele tentava abordar as relações de amor e ódio com o “outro”, em questões de gênero ou outras formas de discriminação

Foto: Cláudia Regina/Divulgação



“Em um país injusto e desigual como o nosso, não é preciso ter lancha de 40 pés ou ilha particular para ser uma pessoa privilegiada

Alex Castro

VIVÊNCIAS

# Quais as dinâmicas dos preconceitos?

*Sempre causando desconforto, o “outro” não pode ser compreendido de uma maneira isolada, associada ao indivíduo ou a traços da sua personalidade*

Marcos Carvalho  
 marcoscarvalhojor@gmail.com

O preconceito nasce do medo da diferença, da percepção do outro enquanto uma ameaça. Segundo a pesquisadora Ana Raquel Torres, professora titular do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que se dedica ao estudo desse tema há mais de 30 anos, o outro sempre causa um desconforto, mas esse “outro” não pode ser compreendido de uma maneira isolada, associada ao indivíduo ou a traços da sua personalidade.

“Nosso pressuposto é que o preconceito é um fenômeno psicossocial. Isso quer dizer que ele precisa ser entendido e analisado a partir das relações que o indivíduo constrói entre o seu próprio eu, ou seja, sua identidade pessoal, e o contexto no qual ele está inserido, isto é, a estrutura das sociedades, formadas por grupos e relações que mantêm entre si. O medo não é de um outro genérico, mas de determinados outros. A gente não teria medo de um europeu branco, que é diferente do brasileiro, mas provavelmente teríamos medo de um africano negro”, exemplifica a pesquisadora.

Para entender esses medos e como eles consolidam-se como preconceitos, a docente destaca que é preciso observar os processos cognitivos de organização da informação. Na perspectiva do psicólogo norte-americano Gordon Allport, o preconceito é compreendido como atitudes hostis, pensamentos negativos ou antipáticas a grupos e seus indivíduos, baseadas na generalização de características que lhe são atribuídas, os chamados “estereótipos”. O que permanece no imaginário coletivo em torno daquele grupo acaba sendo atribuído a todos os seus membros.

A professora relembra o caso recente que veio a público no qual o cantor Ed Motta teria chamado um dos funcionários de um restaurante carioca de “Paraíba”, para demonstrar como acontece esse processo de construção das representações sociais. Ela esclarece que, a princípio, chamar alguém assim não seria algo problemático se o termo, usado como adjetivo, não adquirisse um valor negativo, associado a uma pessoa incompetente, sem inteligência e, portanto, sinônimo de algo que não é socialmente desejável.

“Para entender como é que o ‘Paraíba’ adquire esse valor, a gente tem que olhar um pouco para a história, para a questão das migrações internas do Brasil, e de quem eram os paraibanos que emigraram para o Sul e Sudeste, no século passado. Normalmente, era um homem que ia procurar emprego, quase sempre negro, pobre, semianalfabeto e fugindo da seca. Essas características, de certa forma, marcaram o imaginário sobre o nordestino como alguém que é incompetente, pobre e ignorante — estereótipo que continua sendo difundido, mesmo que as maiores notas da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) mostrem o contrário”, explica Torres.

## Funções da discriminação

Das múltiplas características de um indivíduo, uma delas associada ao grupo social de pertença é tomada como constitutiva da pessoa. No caso do racismo, é esse mecanismo que faz com que, numa entrevista de emprego para contratar um executivo de uma multinacional, descartar um

certo candidato por ele ser negro, não pelas habilidades que possui, mas pelas inferências em torno da categoria social ao qual pertence, construídas de acordo com os momentos históricos. Na década de 1990, por exemplo, atribuía-se a pessoas negras habilidades quase naturais para jogar futebol ou cantar pagode, que não são negativas, mas contribuem para não associá-las a áreas intelectuais, como de um engenheiro ou advogado.

“A dinâmica do preconceito atribui características mais genéricas para o indivíduo. Quando se diz que aquele fulano, por exemplo, é desonesto, não é ao fulano que se atribui essa característica, mas a toda uma categoria social que passa a ser vista como desonesta e, consequentemente, aquele fulano também. Dessa maneira, vão se construindo justificativas para a manutenção do *status quo*, embora existam dados objetivos contrários. Manter as relações de poder entre os diversos grupos que formam a sociedade é a primeira função dos preconceitos”, enfatiza.

Uma segunda função das discriminações que está diretamente ligada à primeira seria, de acordo com a pesquisadora, a de justificar a violência contra determinados grupos sociais, fazendo deles uma espécie de “bode expiatório”. Cada preconceito vai se construir em torno de traços estereotípicos específicos, que buscam descaracterizar o outro enquanto ser humano, estruturando um sistema de crenças que sustenta sua exploração.

“É como se deixasse de ver aquele ser humano como um ser humano e passassem a vê-lo muito próximo de um animal, não em relação a características físicas, mas da possibilidade de ter sentimentos e emoções. É preciso desumanizar esse outro para mantê-lo no lugar dele, por isso essas crenças são construídas nas relações entre os grupos. E essas relações são dinâmicas, envolvem questões econômicas, políticas, sociais e também dependem do grupo-alvo, por isso as explicações para o preconceito racial não são iguais à do preconceito contra as mulheres”, esclarece.

## Termômetro

Ana Raquel Torres vem coordenando um projeto ambicioso que pretende monitorar as diferentes expressões de preconceito na sociedade brasileira, o Observatório Nacional do Preconceito. A iniciativa, sediada na UFPB, reúne uma grande equipe de pesquisadores de diferentes universidades para medir o preconceito utilizando-se de duas grandes estratégias. A primeira delas é o radar do ódio, voltada para observação e análise dos preconceitos nas redes sociais. A segunda, o monitor de preconceito, utiliza-se de questionários de opinião para medir a temperatura das relações entre grupos majoritários e minorizados na sociedade.

A pesquisadora explica um desses experimentos para medir o preconceito. Apresenta-se aos participantes uma notícia fictícia sobre um homem suspeito de tráfico de drogas, que havia sido preso e espancado pela

polícia. Na sequência, solicita-se que sejam respondidas perguntas sobre a concordância com a ação policial e uma possível indenização ao suspeito, com uma variação: ora o suspeito era apresentado como um homem negro, ora como um homem branco. Cada participante só respondia a um tipo de questionário.

“Na situação do suspeito negro, existia uma concordância muito maior com a ação da polícia do que com relação ao suspeito branco. Quando a gente perguntava qual era a justificativa, na situação do suspeito branco se alegava a presunção da inocência, que a polícia não tinha certeza se aquela pessoa era culpada ou não. Na situação do suspeito negro, observou-se a presunção da culpa, argumentando que se tratava de uma ação necessária para combater o tráfico de drogas, que era uma pessoa perigosa e a polícia tinha que usar a força, o que não apareciam quando o suspeito era branco”, analisa a investigadora.

Com relação à indenização, identificou-se outra grande discrepância. O valor médio sugerido para o suspeito negro era bem menor, em torno de R\$ 980, do que para o suspeito branco, calculado na faixa dos R\$ 8 mil. Os dados revelam como os preconceitos podem influenciar julgamentos, ainda que as pessoas não se declarem favoráveis à violência policial.

Para que esses e outros resultados não fiquem restritos à academia, o Observatório Nacional dos Preconceitos vem trabalhando na difusão e no debate em torno dos achados das pesquisas, utilizando-se, sobretudo, das redes sociais. No perfil no Instagram (@inct.preconceitos) são divulgadas *lives* com os pesquisadores sobre, por exemplo, violência contra a mulher, povos originários e discriminação no ambiente de trabalho. Essas iniciativas, porém, não estão livres do discurso de ódio que procura desqualificar o trabalho dos grupos, chamando de “mi-mi-mi” e classificando como desperdício de dinheiro público.

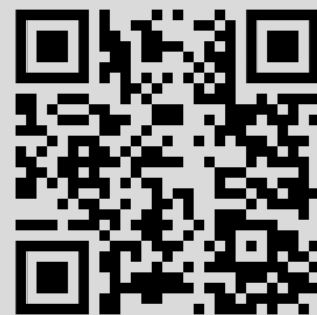
“Precisamos educar a população para entender que isso é investimento, pois se trata de uma questão de sobrevivência das sociedades em geral, mas da sociedade brasileira em particular. A gente está vivendo uma verdadeira guerra civil e se a gente não popularizar esse conhecimento, eu não vejo futuro”.

lhante. Estamos chegando a um ponto de não retorno e sem educação de qualidade, não vai ter saída. E não estou falando de nível cultural, afinal de contas, o Ed Motta tem um nível cultural muito alto, entende de jazz, música clássica, é conhecedor de vinhos.... Precisamos de uma educação que leve em consideração o conhecimento produzido na academia como um elemento transformador das sociedades”, defende Torres.

“

**Manter as relações de poder entre os diversos grupos que formam a sociedade é a primeira função dos preconceitos**

Ana Raquel Torres



Pelo QR Code acima, acesse o perfil oficial no Instagram do Observatório Nacional do Preconceito



Foto: Arquivo pessoal

Professora do Departamento de Psicologia da UFPB, Ana Raquel Torres pesquisa o tema do preconceito há mais de três décadas

ALTERIDADE

# Respeito é um remédio

*Para especialista, a instrumentalização do outro provoca a opressão e a negação da diversidade*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Se há um antídoto contra o preconceito, ele tem o nome de alteridade. Comentário associada ao reconhecimento da singularidade no respeito às diferenças do outro, a alteridade tem sido evocada como capacidade de restaurar as relações sociais de tolerâncias. Para o professor Edson Guedes, do Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é preciso alargar uma compreensão da alteridade que concebe o diferente a partir das semelhanças, como as responsabilidades dos cidadãos de uma mesma nação ou dos membros de uma mesma comunidade.

Guedes aprofundou essa temática tanto no mestrado quanto no doutorado, sempre na perspectiva do filósofo Emmanuel Levinas, que concebe a alteridade como uma relação concreta de responsabilidade e de cuidado com o outro. Ele esclarece que se trata de uma relação que não coloca o outro como coisa ou objeto, nem capaz de ameaçar a afirmação do próprio ser.

“O outro é entendido, na perspectiva levinasiana, como uma ameaça ao poder do ‘eu’ sobre ele. Um homem que, dentro de uma cultura patriarcal, marcadamente assume uma superioridade com relação à mulher; ela não se constitui uma ameaça ao eu desse homem. A mulher, mui-

tas vezes, aparece como uma ameaça ao poder que ele acha ter sobre ela. No momento em que aquele ser se despe de poder diante do outro, a relação de autoridade acontece”, explica o docente.

A instrumentalização do outro é o que provoca a opressão e a negação da diversidade. O professor ressalta que existe um movimento ontológico, isto é, de afirmação do próprio ser humano e de cuidado de si, que procura se apropriar das coisas do mundo, como alimentos, moradia e vestimentas para garantir a

própria existência com dignidade. Esse movimento é tomado como referência para apropriação do outro, visto não mais como pessoa a partir de sua natureza biológica e corpórea, mas daquilo que ela simboliza.

“Do mesmo modo que eu busco uma fruta, me aproprio dela, transformo essa fruta ao comer e ela deixa de existir enquanto outra coisa, o movimento do ‘eu’ pode ser de se apropriar do outro, instrumentalizando e objetivando a pessoa. E, aí, a relação de alteridade desaparece. É querer que a pessoa deixe de existir enquanto outro e passe a ser uma espécie de ‘eu 2’, que pense igual, sinta igual, tenha as mesmas crenças e defenda as mesmas ideologias e assim por diante. Isso é uma violência gigantesca. É a morte do outro. Em muitos casos é uma morte real, a exemplo dos índices de feminicídios extremamente altos, mas é também a morte do outro enquanto possibilidade de existência nos seus desejos, nos seus sonhos, nos seus projetos, no seu modo de pensar...”, reflete Edson Guedes.

A relação de alteridade rompe com esse ciclo a partir de um movimento ético, que embora seja fruto de uma escolha, portanto considerado não essencial, também é parte do ser humano. Trata-se de um movimento de saída, que deixa de buscar somente o cuidado de si para se dispor a cuidar também do outro. Seguindo o educador,

esse é um dos grandes desafios da atualidade, pois, historicamente, a formação tem privilegiado o cuidado de si tanto na escola como nas instituições escolares, desde a infância.

“A criança entra na escola para aprender a cuidar de si, para desenvolver a sua autonomia, e isso continua na adolescência e na juventude. A pessoa chegava à fase adulta com um processo educacional exitoso, quando ela dá conta da sua própria existência. Aprende-se a cuidar da sua própria higiene, da própria saúde, depois a cuidar da própria profissão, do trabalho. É um processo sempre de empoderamento do existir do próprio ‘eu’. Experiências e provocações de cuidar do outro costumam ser secundárias”, esclarece.

Apesar de essa visão vigorar também no ambiente familiar, o pesquisador defende que este seja o primeiro espaço para uma educação da alteridade, ensinando crianças, adolescentes e jovens tanto o cuidado de si, voltado para autonomia, como a prática de cuidar do outro. Cuidar do ambiente, dos brinquedos e das coisas que usa não precisa ter como motivação somente deixar tudo organizado. É preciso conscientizar que as pessoas com quem se convive também utilizarão o mesmo espaço ou objetos, provocando um movimento de saída de si, de seu bem-estar individual.

Guedes acredita que o movimento ético

da alteridade passa, necessariamente, pela educação e alerta que essa prática precisa considerar tanto o ensino por meio de palavras, da formação, como também por meio de práticas e de testemunhos, de modo a dizer àqueles que se educa que determinada atitude vale a pena. Por trás de toda atitude está sempre a um projeto de educação, seja ele explícito, como nas escolas, ou implícito, presente de maneira informal nas relações sociais.

Nesse sentido, Guedes ressalta o projeto educacional dos movimentos sociais organizados em torno de minorias, como mulheres, negros, povos originários e LGBTQIA+, que, apesar de terem sido negados historicamente enquanto sujeitos, não querem negar o outro. O professor recorda que o movimento feminista, por exemplo, não nega a existência do homem, mas o poder que eles acham ter sobre elas.

“Tanto a formação para a alteridade quanto do preconceituoso, que discrimina e quer instrumentalizar o outro, é resultado de um processo educacional. O ser humano aprende a ser preconceituoso, aprende a oprimir o outro. Isso é uma educação. Tanto no ambiente familiar ou das organizações sociais, sobretudo a escola, é preciso de ações, práticas e metodologias de ensino que promovam o acolhimento, o reconhecimento e o cuidado com o outro”, propõe o professor Edson Guedes.



**É um processo sempre de empoderamento do existir do próprio ‘eu’. Experiências e provocações de cuidar do outro costumam ser secundárias**

Edson Guedes



*Tanto a formação para a tolerância quanto a do preconceito são o resultado de um processo educacional*

# Bob Dylan

## Especial 85 anos

EDIÇÃO: Renato Félix  
EDITORACÃO: Lucas Nóbrega

33  
A UNIÃO  
João Pessoa, Paraíba  
DOMINGO, 24 de maio de 2026

Como uma pedra que rola sem parar, Dylan atravessou as décadas como um dos mais influentes artistas dos últimos 60 anos

Fotos: Chris Pizzello/Divulgação

# Os tempos estão mudando

Da cena folk ao Nobel de Literatura, um dos maiores poetas da canção popular falou ao mundo por meio de sua obra genial

Eduardo Augusto  
Especial para A União

Hoje, Robert Allen Zimmerman, o homem que se fez Bob Dylan, sopra 85 velas. Mais do que um aniversário, essa data celebra uma travessia que mudou para sempre os rumos da canção popular. Quando chegou a Nova York, vindo do frio de Minnesota, no início dos anos 1960, Dylan era apenas um rapaz de olhos arregalados com uma gaita no pescoço e um repertório folk. Ninguém imaginava que se tornaria

a figura mais influente e enigmática da cultura ocidental no último meio século. Ele pegou a canção popular, até então vista como um veículo de tradições, romances passageiros ou entretenimento superficial, e a transformou em literatura ambulante, crônica social, confessorário psíquico e profecia furiosa.

Quando nos propomos a celebrar com a escolha de 85 de suas canções, fica claro desde o início: não se trata de uma lista definitiva, muito menos de uma tentativa de hierarquizar sua obra imensa.

É, antes de tudo, uma escolha afetiva e sentimental. Um mapa musical traçado menos pela razão crítica e mais pelas curvas da emoção e da memória.

Cada uma dessas 85 músicas carrega consigo um pedaço de história pessoal. Há aquela que embalou o primeiro amor juvenil, a que tocou no rádio de um carro em uma estrada deserta, a que serviu de trilha para uma tarde de chuva em que o mundo parecia caber inteiro dentro de um verso. Outras entraram pela porta dos fundos: uma harmônica que doía, uma

letra que só fez sentido anos depois, uma melodia que ninguém mais cantaria daquele jeito imperfeito e genial.

Dylan, aos 85, lembra-nos que o tempo não apaga, ele transforma. Suas canções envelheceram conosco, ganharam novas camadas, novos significados. "Like a Rolling Stone" já não é apenas um hino de ruptura; é um espelho onde nos vemos caídos e erguidos. "Knockin' on Heaven's door" deixou de

ser apenas sobre um xerife ferido para ser sobre todas as despedidas que aprendemos a nomear.

Essa lista afetiva inclui pérolas obscuras ao lado de clássicos incontornáveis. Conhecer Bob Dylan, no fundo, é sempre um reencontro com o que fomos, com o que sentimos, com o que ainda não sabemos nomear, mas que ele já colocou em palavras há décadas.

## 85 canções para conhecer Bob Dylan

A lista elenca a canção, o disco correspondente e o ano de lançamento (não necessariamente da gravação). Todas as canções são de autoria de Dylan, exceto quando apontado

85

"IDIOT WIND"  
(Blood on the tracks, 1975)

84

"OUTLAW BLUES"  
(Bringing it all back home, 1965)

83

"YOU'RE GONNA MAKE ME LONESOME WHEN YOU GO"  
(Blood on the tracks, 1975)

82

"JOHN WESLEY HARDING"  
(John Wesley Harding, 1967)

81

"LAST THOUGHTS ON WOODY GUTHRIE"  
(The bootleg series, volumes 1-3 [Rare & unreleased] 1961-1991, 1991)

Imagem: Divulgação

"GIRL FROM THE NORTH COUNTRY"  
(feat. Johnny Cash)  
(The freewheelin' Bob Dylan, 1963)

78

77

"GATES OF EDEN"  
(Bringing it all back home, 1965)

79

"I SHALL BE RELEASED"  
(Music from Big Pink, The Band, 1968)

80

"I AND I"  
(Infidels, 1983)

70

"ALL I REALLY WANT TO DO"  
(Another side of Bob Dylan, 1964)

69

"ANGELINA"  
(Shot of love, 1981)

Imagem: Divulgação

76

"FALSE PROPHET"  
(Rough and rowdy ways, 2020)

75

"DOWN IN THE FLOOD"  
(Bob Dylan's greatest hits: vol. 2, 1971)

74

"CHIMES OF FREEDOM"  
(Another side of Bob Dylan, 1964)

73

"BOOTS OF SPANISH LEATHER"  
(The times they are a-changin', 1964)

72

"BOB DYLAN'S 115<sup>TH</sup> DREAM"  
(Bringing it all back home, 1965)

68

"WALLFLOWER"  
(The bootleg series, volumes 1-3 [Rare & unreleased] 1961-1991, 1991)

67

"TOMBSTONE BLUES"  
(Highway 61 revisited, 1965)

66

"THE MAN IN ME"  
(New morning, 1970)

65

"THE LONESOME DEATH OF HATTIE CARROLL"  
(The times they are a-changin', 1964)

64

"THE DEATH OF EMMETT TILL"  
(The bootleg series: vol. 9 - The Witmark demos: 1962-1964, 2010)

Imagem: Divulgação



# Bob Dylan

Edição: Renato Félix  
Editoração: Lucas Nóbrega

## Especial 85 anos

# Dylan eletrocutado

Bruno Ribeiro  
Especial para A União

**H**ouve um momento em que Bob Dylan percebeu que estava se transformando numa fotografia. A imagem do garoto magro com violão, casaco gasto e canções de protesto já não lhe servia. Servia ao público. Servia aos jornais. Mas como serviria para um alguém que via na arte a chance de ser híbrido e milhares? Como escreveu Walt Whitman: "Eu me contradigo? Pois muito bem, eu me contradigo. Sou vasto, contendo multidões." Ele era essa multidão. E estava prestes a se tornar uma guitarra elétrica, uma moto em alta velocidade rumo ao absoluto.

É comum contar essa história como um escândalo musical. Newport, 25 de julho de 1965, vaia, traição ao folk, amplificadores cuspidos ruído diante de uma plateia que esperava hinos. Mas o que aconteceu ali foi mais íntimo e mais brutal. Um artista matou uma versão de si mesmo ao céu aberto. Os instrumentos elétricos expostos eram o ato kamikaze daquele garoto franzino cantarolando versos políticos.

Como assim, Bob Dylan

está trocando o violão acústico pela guitarra?

O folk americano carregava certa liturgia da autenticidade. O violão de madeira, a voz sem ornamentos, a política pronunciada como sermão civil. Dylan entrou nesse universo como um profeta involuntário. Tornou-se porta-voz de gente que precisava de um rosto. Só que existe uma violência silenciosa quando o mundo transforma um artista em símbolo. A partir de certo ponto, não querem ouvir o que ele procura. Querem apenas que ele repita aquilo que um dia ofereceu.

Quando Dylan ligou a Fender e deixou a bateria ocupar espaço nas músicas, não estava abandonando o folk. Estava fugindo do próprio museu. Há uma diferença. O público queria preservá-lo em formol. Dylan queria continuar vivo e em estado de choque. As vaia daquele período possuem algo de religioso. Como se dissesse: você nos pertencia. E Dylan respondeu da única maneira que um artista honesto consegue responder: não.

A história da arte costuma celebrar rupturas. Mas, no instante da ruptura, o que existe é medo. Quando Dylan subiu ao palco para distorcer as cordas de nylon, não

tinha garantia de que estava certo. Estava apenas seguindo uma intuição obscura, um desconforto impossível de explicar. Trata-se da recusa em virar funcionário da própria imagem.

Muitos artistas sobrevivem repetindo o personagem que aprenderam a interpretar. O público recompensa isso. A indústria também. Existe conforto em reconhecer os mesmos trejeitos, os mesmos discursos, a mesma música domesticada pela expectativa. Dylan sempre pareceu sentir horror diante dessa domesticação. Sua carreira inteira pode ser lida como uma longa fuga. Fugiu do rótulo de cantor de protesto, fugiu do messianismo político, fugiu da obrigação de explicar as próprias letras, fugiu até da ideia de coerência.

Um homem imóvel tranquiliza o público. Um homem mudando de forma causa ressentimento. As pessoas gostam da liberdade como conceito, mas raramente gostam quando alguém próximo decide exercê-la de fato. Por isso a eletricidade de Bob Dylan não era apenas sonora. Era moral. Havia algo de insolente naquele volume alto, naquela recusa em continuar oferecendo conforto. As canções deixavam de soar como

manifestos coletivos e passavam a habitar um território mais ambíguo, mais febril, mais difícil de organizar politicamente.

Dylan trocou a praça pública pela estrada noturna. Trocou Woody Guthrie por Arthur Rimbaud. Trocou o panfleto pela imagem fragmentada, pelo sonho, pela ironia.

O mais curioso é que, décadas depois, o gesto continua ecoando muito além da música. Todo artista encontra, em algum momento, seu Newport particular. O instante em que percebe que está sendo amado pela versão mais confortável de si mesmo. Alguns aceitam o acordo. Outros suportam as vaia e tornam-se quem eles nasceram para ser.



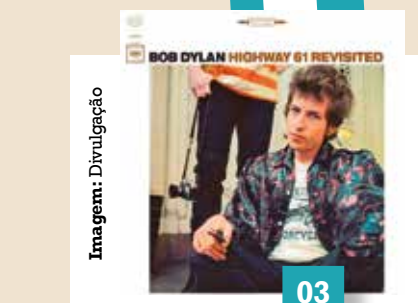
Através do QR Code acima, acesse uma playlist com as 85 canções desta lista



01  
"BLOWN IN THE WIND"  
(The Freewheelin' Bob Dylan, 1963)



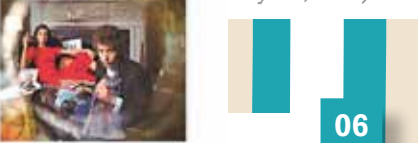
02  
"THE TIMES THEY ARE A-CHANGIN'"  
(The times they are a-changin', 1964)



03  
"JUST LIKE TOM THUMBS BLUES"  
(Highway 61 revisited, 1965)



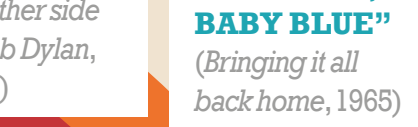
04  
"MASTERS OF WAR"  
(The Freewheelin' Bob Dylan, 1963)



05  
"MR. TAMBOURINE MAN"  
(Bringing it all back home, 1965)



06  
"IT AIN'T ME, BABE"  
(Another side of Bob Dylan, 1964)



07  
"IT'S ALL OVER NOW, BABY BLUE"  
(Bringing it all back home, 1965)



08  
"LIKE A ROLLING STONE"  
(Highway 61 revisited, 1965)



09  
"SHE BELONGS TO ME"  
(Bringing it all back home, 1965)



10  
"SUBTERRANEAN HOMESICK BLUES"  
(Bringing it all back home, 1965)



11  
"JUST LIKE A WOMAN"  
(Blonde on blonde, 1966)

## 85 canções para conhecer Bob Dylan

12  
"I'LL BE YOUR BABY TONIGHT"  
(John Wesley Harding, 1967)

13  
"LAY, LADY, LAY"  
(Nashville skyline, 1969)



14  
"DESOLATION ROW"  
(Highway 61 revisited, 1965)



15  
"ALL ALONG THE WATCH TOWER"  
(John Wesley Harding, 1967)

16  
"THE MIGHTY QUINN (QUINN THE ESKIMO)"  
(Self portrait, 1970)



17  
"VISIONS OF JOHANNA"  
(Blonde on blonde, 1966)

18  
"RAINY DAY WOMEN #12 & 35"  
(single, 1966)

19  
"I WANT YOU"  
(Blonde on blonde, 1966)



20  
"JUST LIKE A WOMAN"  
(Blonde on blonde, 1966)